

América

SOCIALISTA

EM DEFESA DO MARXISMO

Nº 22 - MAI 2023



DOM QUIXOTE

E A ESPANHA NA ÉPOCA DE CERVANTES

LEIA TAMBÉM: BREVES NOTAS SOBRE O IMPERIALISMO HOJE

América **SOCIALISTA**

EM DEFESA DO MARXISMO

REVISTA AMÉRICA SOCIALISTA - EM DEFESA DO MARXISMO

Edição em português, nº 22

Diretor: Serge Goulart

Editora: Maritania Camargo

Tradução: Fabiano Leite, Fernando Leal e Tiago de Carvalho

Revisão: Bruna Machado dos Reis, Francine Hellmann, Juliano Riechelmann Maciel,
Luiz Alexandre Devegili e Mateus Tavares

Capa: Evandro Colzani

Direção de arte e projeto gráfico: Evandro Colzani e Maritania Camargo

Diagramação: Jonathan Vitorio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)**

A512 América socialista: em defesa do marxismo / Corrente
Marxista Internacional. - Vol. 13, n. 22 (abr. 2023). -
São Paulo, SP: Editora Marxista, 2023.

Semestral.

Vol. 1, n. 1 (abr. 2009) -
ISSN 2764-0752

1. Marxismo. 2. Socialismo. 3. Luta de classes. 4. Revolução.
I. Corrente Marxista Internacional.

CDD 335.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

Maio de 2023

Livraria e Editora Marxista

Rua Dom José de Barros, 17, São Paulo/SP. CEP: 01038 900

Telefone: (11) 3104 0111

www.livrariamarxista.com.br

www.marxismo.org.br

contato@marxismo.org.br

Tiragem: 1.000

Bem-vindos

A edição 22 da revista *América Socialista - Em Defesa do Marxismo* traz, neste primeiro semestre de 2023, um conjunto variado de artigos que buscam discutir arte, economia e história sob a ótica marxista.

Esta edição mantém a tradição de mesclar textos traduzidos da revista *In Defense of Marxism*, textos clássicos e textos nacionais. Para isso, apresentamos aos nossos leitores três artigos internacionais, dois clássicos de Engels e um nacional, escrito por Serge Goulart.

Reafirmamos nosso compromisso com uma política independente e lembramos que a Revista é a principal campanha financeira da Esquerda Marxista, elaborada a cada semestre. Diante disso, o valor é solidário, o que significa que o preço divulgado é uma sugestão mínima.

Para além desta importante contribuição financeira, pedimos aos nossos leitores que divulguem ao máximo este material, bem como organizem eventos de divulgação e venda.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Arte de capa

A capa desta edição é uma ilustração de Gustav Doré.

Pintor e desenhista, Gustave Doré certamente está entre os grandes da ilustração moderna. Ele nasceu em Estrasburgo em 1832 e morreu em Paris em 1883, deixando um acervo de centenas de ilustrações de textos clássicos. Entre suas grandes obras estão as ilustrações da *Divina Comédia* e de *Dom Quixote*.

Doré começou seu trabalho muito jovem, com desenhos que iniciavam na madeira e depois iam ao papel. O artista foi reconhecido ainda em vida pelo trabalho impecável de hachuras. Abaixo um pequeno mosaico de Gustav Doré.



1. Xilografia de "A Divina Comédia", de Dante Alighieri. Inferno, Canto 10, versos 40-42;
2. Dom Quixote, Miguel de Cervantes. Parte 1, Capítulo 1, Placa 1: "Um mundo de noções desordenadas, retiradas de seus livros, amontoadas em sua imaginação";
3. Londres sob a linha do trem, 1872. Xilografia extraída do livro "Londres: uma peregrinação";
4. A confusão das línguas;
5. Ilustração de uma cena de "A vida de Gargântua e de Pantagruel", de François Rabelais.





Morte do
Imperialismo
Internacional,
Dmitry Moor, 1919

Índice



Dom Quixote e a Espanha na época de Cervantes

Alan Woods

“O primeiro grande romance moderno”, Dom Quixote, de Cervantes, tem sido um elemento básico da literatura mundial nos últimos quatro séculos. Este artigo explica a importância desta obra, tanto como um retrato de uma moral falida da Espanha economicamente estagnada do século XVI, quanto – e acima de tudo – como uma obra-prima da literatura, que precisa ser lida por todos os proletários conscientes.

O declínio do feudalismo e a ascensão da burguesia

Friedrich Engels

Aqui, o mestre Engels explica como as contradições da Europa feudal deram origem à burguesia. Apesar de curto, este texto é um tesouro para entender o desenvolvimento do capitalismo.



Carta de Engels a Margaret Harkness

Friedrich Engels

Em uma breve carta a Margaret Harkness, Engels mais uma vez dá uma aula. Aqui, o ponto é a arte, a literatura em especial. O texto dá uma dimensão espetacular da necessidade de se conhecer o que a humanidade produziu.



Sangue e ouro: a conquista espanhola das américas

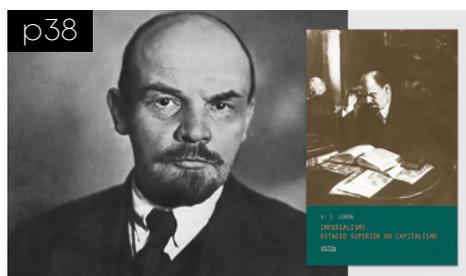
Jorge Martín e Ubaldo Oropeza

Longe de ser um “encontro de culturas”, a chegada dos conquistadores espanhóis à América foi um processo brutal e sangrento que resultou no extermínio de milhões de indígenas e em uma perda cultural de significado histórico mundial. Este artigo discute a natureza das sociedades pré-conquista, os motivos por trás da colonização espanhola, e por que a pilhagem voraz da América sufocou o desenvolvimento do capitalismo na Espanha.

A Rebelião de Tupac Amaru II e Micaela Bastidas

Pascal Cueto

Tupac Amaru II e Micaela Bastidas lideraram uma das grandes rebeliões contra o domínio espanhol. Este artigo explica o pano de fundo da revolta, como a luta se desenvolveu e as razões de sua derrota.



Notas sobre o imperialismo hoje

Serge Goulart

Neste artigo em forma de notas, retoma-se à obra magistral de Lenin “O Imperialismo, fase superior do capitalismo” para explicar o estágio em que nos encontramos e as contradições do sistema. Para dar sustentação à atualidade da obra de Lenin, outros clássicos do marxismo também são utilizados.

DOM QUIXOTE E A ESPANHA NA ÉPOCA DE CERVANTES

ALAN WOODS

Este artigo de Alan Woods foi originalmente escrito em 2005, ano do 400º aniversário da primeira publicação de Dom Quixote, a maior obra-prima da literatura espanhola. Na ocasião, Alan explicava na introdução desta peça que “a classe trabalhadora, a classe que mais tem interesse em lutar pela defesa da cultura, deve comemorar com entusiasmo este aniversário. Este foi o primeiro grande romance moderno, escrito em uma linguagem que homens e mulheres comuns podiam entender. Era um dos livros favoritos de Marx, que ele frequentemente lia em voz alta para seus filhos. A luta pelo socialismo é inseparável da luta pelas ideias e pela cultura”. Orgulhamo-nos, portanto, de reproduzir a seguinte análise do Quixote, e da época em que foi escrito, do ponto de vista do materialismo histórico.

A Redação

“A burguesia, onde quer que tenha prevalecido, pôs fim a todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou impiedosamente os laços feudais heterogêneos que prendiam o homem a seus “superiores naturais” e não deixou nenhum outro nexo entre homem e homem senão o puro interesse próprio, o insensível ‘pagamento em espécie’.” (Marx e Engels, O Manifesto Comunista, Capítulo I)

“A Espanha conheceu períodos de grande florescimento, de superioridade sobre o resto da Europa e de domínio sobre a América do Sul. O poderoso desenvolvimento do comércio interno e mundial superou cada vez mais o desmembramento feudal das províncias e o particularismo das partes nacionais do país. O crescimento do poder e da importância da monarquia espanhola esteve ligado de maneira indissociável naqueles séculos ao papel centralizador do capital mercantil e à formação gradual da nação espanhola.” (Trotsky, A Revolução Espanhola)

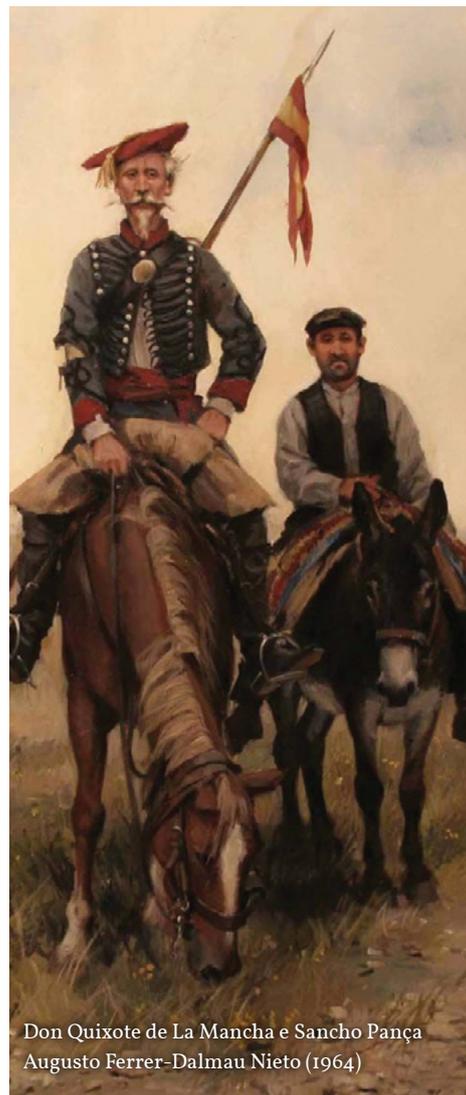
A VIDA DE CERVANTES

Miguel de Cervantes (1547-1616) é a figura mais famosa da literatura espanhola. Romancista, dramaturgo e poeta com uma produção literária considerável, ele é lembrado hoje quase exclusivamente como o criador de Dom Quixote. Cervantes nasceu em Alcalá de Henares, uma cidade

perto de Madrid, em uma família da pequena nobreza. Seu pai, Rodrigo de Cervantes, era cirurgião e grande parte de sua infância Cervantes passou se mudando de cidade em cidade enquanto seu pai procurava trabalho. Seu pai era bem conhecido em Valladolid, Toledo, Segóvia e Madri – por suas dívidas. Isso o levou à prisão em mais de uma ocasião – um destino que era muito comum naquela época.

À primeira vista, a vida de Cervantes foi apenas uma longa série de fracassos: fracassou como soldado; e também fracassou como poeta e dramaturgo. Mais tarde, ele teve de encontrar um emprego como cobrador de impostos, mas mesmo aqui aconteceu um desastre. Ele foi acusado de corrupção e acabou na prisão. Mas esta ampla experiência de vida lhe permitiu obter conhecimento em primeira mão de uma grande variedade de tipos humanos e uma visão aguçada da sociedade da época.

Cervantes se interessou pela escrita pela primeira vez em 1568, quando escreveu alguns versos em homenagem à falecida Isabel de Valois, terceira esposa de Filipe II, sem dúvida com o objetivo de obter favores e dinheiro. Mas sua carreira literária foi interrompida pelo serviço militar. Depois de estudar em Madrid (1568-69), sob a orientação do humanista Juan López de



Don Quixote de La Mancha e Sancho Pança
Augusto Ferrer-Dalmau Nieto (1964)

Hoyos, em 1570 ingressou no exército espanhol na Itália. Participou da batalha naval de Lepanto (1571), a bordo do navio de guerra Marquesa. Ferido no braço por um arcabuz, sua mão esquerda ficou inutilizada pelo resto de sua vida. Mas isso não o impediu de ingressar na milícia por mais quatro anos.

Cansado da guerra, voltou para a Espanha em 1575, partindo com seu irmão Rodrigo na galera El Sol. Mas o navio foi capturado pelos turcos e ele e seu irmão foram levados para Argel como escravos. Cervantes passou cinco anos como escravo até que sua família pudesse levantar dinheiro suficiente para pagar seu resgate. Ele foi libertado em 1580.

Depois de regressar a Madrid, ocupou vários cargos administrativos temporários, voltando-se para a escrita relativamente tarde. Ele escreveu obras como Galatea e Las Tratas de Argel, que tratavam da vida dos escravos cristãos em Argel e que lhe renderam algum sucesso. Além de suas peças, sua obra em verso mais ambiciosa foi Viaje Del Parnaso (1614). Ele também escreveu muitas peças, das quais apenas duas sobreviveram, e romances curtos. Mas nenhum desses trabalhos o sustentava.

Tendo finalmente se casado, Cervantes percebeu que uma carreira literária não pagava o suficiente para manter uma família. Mudou-se, então, para Sevilha, onde conseguiu trabalho como fornecedor da marinha. Suas aventuras não pararam por aqui. Ele obteve sucesso, mas também muitos inimigos; como resultado, sofreu longos períodos de prisão. Em um desses períodos de inatividade forçada, ele começou a trabalhar no livro que lhe renderia fama eterna. A primeira edição de Dom Quixote apareceu em 1605. Segundo a tradição, foi escrita na prisão de Argamasilla, em La Mancha. A segunda parte de Dom Quixote apareceu em 1615.

O livro foi um sucesso e trouxe fama internacional ao seu autor, mas ele continuou pobre. Entre os anos de 1596 e 1600, viveu principalmente em Sevilha. Em 1606, Cervantes estabeleceu-se definitivamente em Madrid, onde permaneceu o resto de sua vida. Em 23 de abril de 1616 – aniversário de Shakespeare – Cervantes morreu na pobreza na rua madrileña que hoje leva seu nome, apenas um ano após a publicação da segunda edição do Quixote.

A obra-prima de Cervantes parece ter começado como uma caricatura cômica dos contos de cavalaria



Desenho de Miguel de Cervantes por Jozef Marastoni (1865)

populares na época, mas se ampliou em uma reflexão caleidoscópica do período em que Cervantes viveu. É tão cheio de vida porque espelha fielmente a vida daquele período – um rico mosaico de um mundo em transição, um fermento de ideais e costumes conflitantes e uma variedade infinita de personagens. A maioria de seus personagens são provenientes das classes mais baixas. Dom Quixote foi uma novidade na literatura: uma imagem da vida e costumes reais escrita em linguagem clara e cotidiana. O público leitor aclamou a introdução da fala cotidiana em uma obra literária.

Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, Cervantes não tinha mecenas. Ele dependia exclusivamente de seus leitores. Esta foi uma relação inteiramente nova entre o escritor e seu público. Cervantes só podia sobreviver vendendo seus livros, e só podia vender livros tocando uma nota que ressoasse nos corações e mentes de seu público. Nisso ele foi brilhantemente bem-sucedido. Poucos livros na história refletiram tão fielmente o novo espírito que se desenvolvia na sociedade. Para apreciar este fato, é necessário ter uma idéia aproximada de como era realmente a sociedade espanhola da época.

A ESPANHA DE CERVANTES

“A descoberta da América e a circum-navegação da África abriram um novo terreno para a burguesia nascente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o

comércio com as colônias, o aumento dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comércio, à navegação, à indústria um impulso nunca antes conhecido e, com ele, um rápido desenvolvimento ao elemento revolucionário na vacilante sociedade feudal.” (Marx e Engels, O Manifesto Comunista, Capítulo 1)

A Espanha de Cervantes era uma sociedade em transição. A união das coroas de Aragão e Castela, obtida através do casamento de Fernando e Isabel, criou as bases para a unificação da Espanha e para a criação de uma monarquia absolutista. A queda de Granada, o último reino mouro da Espanha, foi o ato final da Reconquista que durou séculos. Isso foi rapidamente seguido pela descoberta da América e pela ascensão da Espanha como a potência econômica e militar dominante da Europa.

Na época em que Cervantes nasceu, Madrid tinha apenas 4.000 habitantes, embora fosse em tamanho comparável a Toledo, Segóvia ou Valladolid. O crescimento de Madrid foi resultado dos *fueros* ou direitos concedidos à nascente burguesia espanhola pelos reis de Castela e Leão no período medieval. No século XIV, Fernando IV transferiu para lá a corte para aproveitar a caça, o clima e a pureza da água. Também deu à monarquia uma base independente, livre do controle da nobreza provincial.

Sob Filipe II, o vasto aparato burocrático de um Estado absolutista foi completado e aperfeiçoado. Madrid transformou-se de uma pobre aldeia provinciana para uma cidade de 100.000 habitantes, repleta de igrejas, catedrais, palácios e embaixadas. Para construir a cidade, todos os bosques foram derrubados. A área que era conhecida por seu ar saudável e água pura tornou-se uma poça pestilenta. As ruas de Madrid eram escuras, estreitas e cheias de lixo pútrido, com porcos fuçando na imundície. Casas improvisadas, palácios de mau gosto, ruas cheias de imundície e carcaças de animais mortos, bairros empobrecidos de ar mourisco, casebres de pobres amontoados em volta das casas dos ricos. Por toda parte havia o fedor do lixo podre e pior, fermentando, nas ruas onde era convenientemente despejado sob o manto da escuridão. A corte de Madrid não era muito melhor, ao que tudo indica, sendo notória como a mais suja de toda a Europa. Foi até comparada por alguns embaixadores estrangeiros a alguma aldeia no interior da África.

Era uma fornalha ardente de mudança social em que as velhas classes eram derretidas mais rapidamente do que as novas poderiam substituí-las. A decadência do feudalismo, juntamente com a descoberta da América, teve um efeito devastador na agricultura espanhola. No lugar de um campesinato produtivo ganhando seu pão com o suor de seu rosto, fomos confrontados com um exército de mendigos e parasitas, aristocratas e ladrões arruinados, servos da realeza e bêbados, todos lutando para ganhar a vida sem trabalhar.

A podridão começou no topo. Em meio a toda essa pobreza e imundície, barulho e miséria, a corte espanhola era considerada uma das mais brilhantes da Europa. Aqui estava um espetáculo interminável de bailes, máscaras e música. A realeza espanhola vivia nababescamente – a crédito. Raramente pagavam seus fornecedores. Uma coisa tão vulgar como dinheiro estava muito abaixo da consideração da aristocracia.

Uma nobreza parasita vivia em condições de tão notória extravagância que se tornou necessário aprovar leis contra o luxo excessivo em roupas, móveis e até selas. As autoridades até se sentiram obrigadas a organizar a queima pública de chinelos decorados, ligas de meias femininas e tecidos bordados. Alguns duques circulavam acompanhados por uma centena de lacaios vestidos de seda. Até oficiais do exército apareciam em público vestidos com ricos gibões e jaquetas decoradas com fitas, joias e plumas.

Apesar do verniz externo de piedade religiosa, muitos nobres flertavam

publicamente com freiras jovens e atraentes que encontravam nas ruas. Diz-se que o famoso retrato de Cristo de Velázquez foi oferecido como obrigação de penitência por Filipe IV por uma de suas inúmeras aventuras sexuais. As senhoras da nobreza não eram melhores que seus homens. Quando a duquesa de Najera e a condessa de Medellín tiveram uma briga, elas primeiro lançaram uma sobre a outra uma torrente de insultos que fariam corar uma peixeira, e depois recorreram com prazer ao argumento mais penetrante do aço frio.

A corrupção era a regra; funcionários honestos a exceção. A Igreja e o Estado eram formados por um verdadeiro exército de parasitas e aproveitadores, todos lutando para fazer fortuna com o erário público. Muitos funcionários levavam uma vida precária e estavam dispostos a vender a avó por alguns reais. A venda dos cargos públicos era a norma. Ministros particularmente corruptos eram satirizados em versos obscenos, mas, via de regra, ninguém dava muita atenção a um fenômeno tão comum a ponto de ser considerado normal.

A GRANDE ARMADA

Filipe II herdou um império fabulosamente rico, mas baseado em fundações precárias. Ele então ajudou a miná-lo ainda mais por aventuras e guerras estrangeiras. El Escorial era um monumento ao seu regime burocrático sem alma. Aqui o espírito de burocratismo tacanho se misturava ao de fanatismo religioso: parte palácio, parte mosteiro, parte mausoléu, era o centro administrativo de um vasto império. Atrás dos altos muros de El

Escorial, Filipe II entregava-se às suas fantasias imperiais, constantemente construindo, consertando e reconstruindo seus palácios reais, usando mármore e outros materiais caros.

A nobreza apressou-se em imitar o exemplo de seu monarca, construindo seus próprios palácios. A explosão da construção logo dizimou a rica floresta que cobria a Sierra em torno de Madrid desde tempos imemoriais. Esses esquemas grandiosos acabaram levando o país à falência. Essa é a ironia central – que no auge de seu poder e riqueza, a Espanha estava mergulhando de cabeça no declínio e no empobrecimento. Um século depois, o orgulhoso fidalgo com a capa remendada, a carteira vazia e uma árvore genealógica tão longa quanto a lista de dívidas, já era um lugar-comum literário.

Embora a Espanha fosse a potência dominante na Europa, seu desenvolvimento social ficou atrás da Inglaterra, onde as relações capitalistas na agricultura já estavam bem avançadas após os choques da Peste Negra e da Revolta Camponesa do final do século XIV, como explica Marx:

“Na Inglaterra, a servidão havia praticamente desaparecido na última parte do século XIV. A imensa maioria da população consistia então, e em uma extensão ainda maior no século XV, de camponeses proprietários livres, qualquer que fosse o título feudal sob o qual seu direito de propriedade estivesse oculto. Nos domínios senhoriais maiores, o velho oficial de justiça, ele próprio um servo, foi substituído pelo fazendeiro livre.”¹



No início do século XVI, o capitalismo já se desenvolvia tanto na Espanha quanto na Inglaterra. No entanto, paradoxalmente, a descoberta da América e sua pilhagem em massa pela Espanha serviram para sufocar o capitalismo espanhol no nascedouro. A inundação de ouro e prata das minas de escravos do Novo Mundo minou o desenvolvimento da agricultura, comércio, manufatura e indústria espanhola. Ele alimentou o fogo da inflação e criou miséria em vez de prosperidade.

“As novas descobertas converteram o comércio terrestre com a Índia em marítimo; e as nações da península, que até então estavam distantes das grandes rotas de comércio, agora se tornaram os agentes e transportadores da Europa.”²

O crescente poder do capitalismo inglês necessariamente colidiu com o poderio do império espanhol. A coroa inglesa, inicialmente pela pirataria, e depois de forma mais aberta, desafiou a supremacia espanhola dos mares. Gradualmente, os ingleses e holandeses começaram a estabelecer pontos de apoio no Caribe, lançando as bases para novos impérios coloniais. O conflito entre a Espanha e a Inglaterra chegou ao auge quando os ingleses enviaram ajuda militar aos rebeldes protestantes holandeses que se revoltaram contra o domínio espanhol. Isso inevitavelmente levou à guerra.

O poder da Espanha recebeu um duro golpe e seu orgulho um rude choque quando, no verão de 1588, a Grande Armada foi derrotada por uma combinação mortal de canhoneiras inglesas e mau tempo. Da noite para o dia, a Espanha se viu humilhada pelo poder oportunista da Inglaterra. Esta derrota teve um caráter simbólico – o velho mundo do catolicismo feudal estava sendo rapidamente deslocado pelo crescente poder do protestantismo capitalista no norte da Europa.

Os últimos anos de Filipe II foram anos de grave declínio físico, amargura e ansiedade. As guerras sangrentas em Flandres se arrastavam sem fim à vista. Morreu em 1598, oito anos após a derrota da Armada, e com ele morreu a época em que a Espanha era dona dos destinos do mundo. Seu filho Filipe III era um bufão sem valor, mais interessado nos prazeres da caça (seja de javalis ou de belas atrizes) do que nos assuntos de Estado. Logo após a morte de seu pai, ele foi abordado por um de seus secretários com a pergunta “o que faremos com a correspondência, senhor?” ele

respondeu: “Coloque-a nas mãos do duque de Lerma”.

Assim, o monarca absoluto tornou-se um monarca ausente. Todo o poder real estava nas mãos de seu criado, o duque de Lerma. A decadência interna da Espanha foi ainda mais acelerada pela incompetência e degeneração de sua casa real. Mas as verdadeiras causas do declínio estavam em outro lugar. Os governantes reais da Espanha eram personagens adequados nesta tragicomédia de decadência senil, nepotismo e corrupção.

O conflito entre a Espanha e a Inglaterra chegou ao auge quando os ingleses enviaram ajuda militar aos rebeldes protestantes holandeses que se revoltaram contra o domínio espanhol

A Espanha, que foi o primeiro Estado-nação unido da Europa e sua principal potência econômica e militar, foi derrotada por aquelas nações – começando pela Inglaterra e Holanda – que haviam entrado de forma mais decisiva na via capitalista e onde a burguesia lutava pelo poder político.

As imensas riquezas extraídas do sangue vital de um continente inteiro foram rapidamente desperdiçadas pela corte e seu exército de zangões aristocráticos. Além dos muros da corte havia um mar turbulento de miséria, empobrecimento e desespero, que periodicamente explodia em violentos tumultos e distúrbios.

“EL SIGLO DE ORO”

Nesse período, a Espanha era um foco de atividades. As coisas estavam acontecendo em casa e no exterior e incendiavam a imaginação de todos os homens (e algumas mulheres) de espírito. Este foi o pano de fundo social do *Siglo de Oro* (século de ouro) da

Espanha. Nunca as letras espanholas atingiram alturas tão deslumbrantes como nesta época. Neste período, os reis e nobres da Espanha tiveram sob seu patrocínio um grande número de poetas, romancistas e pintores da mais alta qualidade. Raramente o mundo viu tamanha galáxia de talentos literários, com nomes como Miguel de Cervantes, Felix Lope de Vega, Francisco de Quevedo, Pedro Calderón de la Barca e Tirso de Molina. Vale a pena comentar apenas os nomes mais importantes aqui.

A figura destacada da época foi Lope de Vega. Embora descendente de uma família aristocrática de Santander, Lope, como Cervantes, quase sempre passava por dificuldades econômicas. Ele era um homem de seu tempo e compartilhou seus triunfos e tragédias. Ele participou da desastrosa aventura da Grande Armada. Travou um duelo fatal e foi banido de Madrid em consequência. Casado duas vezes, recebeu ordens sagradas após a morte de sua segunda esposa. Tendo acumulado uma riqueza considerável, morreu em 1635.

A partir dessas informações, vemos que sua vida, como a de Cervantes, foi cheia de aventuras, amores e viagens. Tão cheia foi essa vida que nos perguntamos quando ele teve tempo de escrever alguma coisa. No entanto, ele escreveu uma grande quantidade – 2.000 peças que nunca foram iguais na literatura espanhola. Destas, apenas cerca de 430 ainda existem. Entre elas estão clássicos como *El mejor alcalde, el Rey*; *Fuenteovejuna* (baseado em um evento real), e *Peribañero El Comendador de Ocaña*. Ele também escreveu poemas épicos e romances em prosa, bem como obras religiosas.

Em algumas dessas obras vemos importantes elementos sociais e políticos. *Fuenteovejuna* se baseou em um evento real envolvendo uma insurreição popular e *Peribañero El Comendador de Ocaña* expõe a tirania das relações feudais na Espanha rural. Aqui as pessoas comuns são mostradas em estado de rebelião contra os senhores feudais, mas a monarquia é retratada como aliada e defensora do povo. Em outras palavras, o que temos aqui é uma expressão literária do conceito de absolutismo. A monarquia absolutista na Espanha, como em todos os lugares, aumentou seu poder às custas da nobreza, equilibrando-se entre as classes.

O contemporâneo de Lope, Pedro Calderón de la Barca, foi um dramaturgo, filósofo e teólogo que escreveu, entre outras coisas, *La Vida es Sueño* (A vida é um sonho) e *El Alcalde de Zalamea*

(O prefeito de Zalamea). Ele era igualmente popular, embora menos prolífico do que Lope. Nascido em 1600 em uma família abastada, seu pai era secretário do Tesouro, e ele foi educado nas prestigiosas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares. Mais tarde, ele participou das campanhas em Flandres e na supressão do levante catalão de 1640. É relatado que ele teve pelo menos um caso de amor ilícito e um filho ilegítimo. Mas em 1651 manifestou o desejo de entrar para um mosteiro e só foi impedido pela intervenção pessoal de Filipe IV.

As peças de Calderón têm um forte elemento moralizante e seus personagens sofrem com isso. São escritas em estilo barroco. Em *El Alcalde de Zalamea* e *El Médico de su Honra*, o tema principal é a honra. É o ideal feudal de uma sociedade cortesã que nunca existiu e certamente não existia naquela época. Não admira que Filipe IV, o príncipe dos prostitutas, fosse um fervoroso admirador! Sua obra mais famosa, *La Vida es Sueño*, é o título mais apropriado para a época em que foi escrita. A classe dirigente espanhola vivia um sonho do qual despertaria rudemente.

O nome de Francisco de Quevedo é menos conhecido fora da Espanha, mas foi outro grande escritor do *Siglo de Oro*. Seu nome está associado à sátira. Ele deixou para trás uma imagem vívida da Espanha daquela época em uma obra-prima do que se conhece como literatura picaresca, *El Buscón*. As suas obras caracterizam-se pelo seu humor sutil e espírito crítico, claramente enraizado nos acontecimentos do período trágico da história espanhola em que estava destinado a viver e escrever.

Quevedo viu que o declínio da Espanha estava ligado à degeneração e corrupção da corte. A quadrilha de parasitas que ocupava o Alcázar de Madrid era-lhe bem conhecida devido à sua experiência de jovem na corte. Aos 31 anos, decidiu se mudar para a Itália para ocupar um cargo em Nápoles como secretário do duque de Osuna, mas quando este caiu em desgraça, Quevedo sofreu prisão e exílio. Foi resgatado pelo duque de Olivares, futuro ajudante de Filipe IV, com quem manteve uma curiosa relação de amor e ódio durante toda a vida.

Seu livro, *El Buscón*, é provavelmente o melhor romance picaresco do século XVII. Em sua obra *Sueños* (Sonhos) descreve a vida da corte e da aristocracia. Isso não caiu bem e mais tarde ele foi preso por suas críticas ao círculo governante e ao duque de Olivares. Quando este último caiu em desgraça,

Quevedo foi libertado da prisão, mas morreu no esquecimento apenas dois anos depois, em 1645.

A lista é longa, mas vamos citar apenas mais um autor do período: Tirso de Molina. Este era o pseudônimo do Frade Gabriel Tellez – um padre que nos deixou a história imortal de uma das personagens mais imorais (ou melhor, amorais) da literatura mundial – Don Juan, a personagem central de O bobo da corte de Sevilha (*El Burlador de Sevilla*). Curiosamente, este padre estava bem familiarizado com a psicologia das mulheres. Em suas “Comedias de Enredo” (por exemplo, *Don Gil de las calzas verdes* e *El amor médico*) o protagonista é sempre uma mulher.

O ROMANCE PICAESCO

“O proletariado criado pela dissolução dos bandos de servos feudais e pela expropriação forçada do solo do povo, esse proletariado ‘livre’ não poderia ser absorvido pelas manufaturas nascentes com a mesma rapidez com que foi lançado sobre o mundo. Por outro lado, esses homens, repentinamente arrancados de seu modo de vida habitual, não puderam se adaptar tão repentinamente à disciplina de sua nova condição. Eles foram transformados em massa em mendigos, ladrões, vagabundos, em parte por inclinação, na maioria dos casos por força das circunstâncias. Daí o surgimento, no final do século XV e durante todo o século XVI, em toda a Europa Ocidental de uma sanguinária legislação contra a vagabundagem. Os pais da atual classe trabalhadora foram castigados por sua transformação forçada em vagabundos e mendigos. A legislação os tratava como criminosos “voluntários” e supunha que dependia de sua boa vontade continuar trabalhando nas velhas condições que não mais existiam.” (Marx, O Capital, Vol. I, Capítulo 28.)

Este foi o período que deu origem ao mais espanhol de todos os gêneros literários – o romance picaresco. O “pícaro” é um trapaceiro, um malandro e um aventureiro que vive de sua esperteza, pois não tem mais nada do que viver. Ele é produto de um período sócio-histórico definido: o período de transição produzido pela decadência do feudalismo. Aqui temos os destroços e refugos de um mundo em pleno processo de dissolução. A decadência da velha ordem deu origem a uma situação caótica na qual a velha moralidade está se desintegrando, mas não há nada para substituí-la: daí o alegre niilismo moral do pícaro.

A sociedade espanhola neste momento nos apresenta um rico mosaico de canalhas, ladrões e trapaceiros

que provavelmente não tem igual na história mundial. A filosofia desta camada pode ser resumida em uma palavra – sobrevivência. A vida é uma corrida louca para garantir os meios de existência por todos os métodos possíveis. Seu lema é: “Cada um por si e deixe o diabo pegar quem fica por trás”.

Na segunda metade do século XV, Madrid já estava estabelecida como a capital “muito nobre e leal” da Espanha. A população começou a aumentar com o influxo de forasteiros atraídos para a corte como abelhas para o mel ou moscas para substâncias menos agradáveis. O romance picaresco refletia a situação real no período em que o feudalismo espanhol estava em declínio. A trapaça do mercador, a brutalidade dos soldados, o fanatismo dos padres e a corrupção dos cortesãos – esses eram simplesmente fatos da vida.

Este complicado caleidoscópio era, na verdade, a expressão de uma sociedade em processo de desintegração em que nenhuma síntese é possível. Ao lado da aristocracia, com seus títulos pomposos e bolsas vazias, havia uma massa de desclassificados, mercenários e aventureiros. As ruas da capital estavam cheias de criminosos, desertores do exército e fanfarrões de todos os tipos e tamanhos, portando espadas e punhais. Eles escolheriam uma luta ou roubar uma bolsa com igual prazer. Gangues de ladrões estavam ativas e à noite não era uma boa ideia estar nas ruas nas horas de escuridão. Um cronista contemporâneo lamentou: “Não há nenhum homem rebelde, aleijado, maneta, pernetta ou cego em toda a França, Alemanha, Itália ou Flandres que não tenha chegado a Castela.”

Este é o verdadeiro solo do qual surgiu o Lazarillo de Tormes, o Buscón e, por último, mas não menos importante, o Dom Quixote. Como estilo literário, o romance picaresco surge da degeneração do romance de cavalaria, assim como os protótipos humanos surgiram da degeneração do feudalismo – é só outra forma de expressar a mesma ideia. A decadência do feudalismo inevitavelmente produziu uma reação contra os valores, a moralidade e os ideais do feudalismo. Essa reação se expressa na forma da ironia e do ridículo; uma perspectiva antiquada, que sobreviveu a si mesma, é ridícula por definição e, portanto, uma fonte de humor.

Essas páginas estão repletas de todos os tipos de vida e pessoas com personagens fortes e coloridos. O tipo de anti-herói do romance picaresco,

como o Lazarillo de Tormes, é uma caricatura dos heróis dos romances de cavalaria. Em vez de um cavaleiro de armadura brilhante, ele é um jovem e malandro mendigo—uma figura familiar na Espanha nessa época.

Aqui temos a verdadeira gênese de um tipo literário reconhecível que reaparece mais tarde em *Gil Blas de Lesage*, *Jonathan Wilde de Fielding* e *Barry Lyndon de Thackeray*. As páginas do Quixote estão repletas de personalidades e situações retiradas do próprio grande livro da vida. O espírito deste livro, com seu realismo terreno e alegre otimismo, é claramente o do humanismo renascentista, e não o da Contrarreforma. Aqui nossos olhos são direcionados não para cima, para o céu, mas para baixo, para a terra e todas as suas riquezas. Seu lema é: “Não considero nada que seja humano como estranho para mim”.

Há um forte elemento nacional no Quixote. Este é um livro essencialmente espanhol. Não poderia ter sido escrito em nenhum outro lugar. Aqui temos todo o forte contraste de sol e sombra tão característico da paisagem espanhola, que também se reflete na vida espanhola e no caráter do povo espanhol. Mas esta explicação, por mais verdadeira que seja, não esgota de forma alguma a questão. Não se pode explicar totalmente a riqueza da caracterização de Cervantes em termos puramente nacionais. Para entender Cervantes corretamente, é necessário situá-lo em seu contexto social, econômico e histórico.

Foi Marx quem apontou que os períodos de grande transição histórica são particularmente ricos em “personagens”. Isso vale tanto para Shakespeare quanto para Cervantes. A Inglaterra de Shakespeare, como a Espanha de Cervantes, estava passando por uma grande revolução social

e econômica. Esta foi uma mudança muito turbulenta e dolorosa, que empurrou um grande número de pessoas para a pobreza e criou nas cidades uma grande classe de elementos lumpenproletários despojados: mendigos, ladrões, prostitutas, desertores e semelhantes, que esfregavam os ombros com os filhos dos empobrecidos aristocratas e padres destituídos para criar uma reserva infindável de personagens como Sir John Falstaff e o Lazarillo de Tormes.

As cenas obscenas do submundo das tavernas em Dom Quixote dão vida e cor ao romance, ao mesmo tempo em que destacam a contradição central do período histórico. O povo espanhol comum é tão vivo e animado quanto a nobreza é morta e absurda. O tema central do Quixote contém uma verdade histórica fundamental sobre a Espanha no período de decadência feudal. Os ideais de cavalaria agora aparecem como excentricidade ridícula e antiquada na nascente economia capitalista, na qual todas as relações sociais, a ética e a moralidade são ditadas pelo nexu cru do dinheiro.

UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO

“Ele [Marx] colocou Cervantes e Balzac acima de todos os outros romancistas. Em Dom Quixote, ele viu o épico da cavalaria em extinção, cujas virtudes foram ridicularizadas e escarnecidas no emergente mundo burguês.” (Lafargue, Reminiscências de Marx)

Toda classe dominante nutre as mesmas ilusões sobre si mesma. Em sua imaginação são heróis conquistadores, quando na realidade estão envolvidos nos negócios mais sórdidos e sujos. Marx, que admirava muito o Quixote, escreveu:

“No entanto, é claro que a Idade Média não poderia viver do catolicismo, nem o mundo antigo da política. Pelo contrário, é o modo como ganhavam a vida que explica por que aqui a política e ali o catolicismo desempenharam o papel principal. Quanto ao resto, basta um leve conhecimento da história da república romana, por exemplo, para saber que sua história secreta é a história de sua propriedade fundiária. Por outro lado, Dom Quixote há muito pagou a pena por imaginar erroneamente que a cavalaria errante era compatível com todas as formas econômicas da sociedade.”³

Enquanto em Lope de Vega a velha ideia feudal de honra é tratada com uma seriedade mortal, em o Quixote ela é transformada em tema de humor. Cervantes está olhando para frente, enquanto Lope está olhando para trás. Cervantes representa uma transição para uma sociedade e moralidade capitalista, baseada no dinheiro e não na posição social, enquanto Lope olha para trás com saudade, para as certezas morais de um mundo em extinção, onde cada homem conhecia seu lugar e a sociedade era mantida unida por uma forte liga de honra e obrigações mútuas. No entanto, as obras de Lope já entregam o jogo: são uma admissão tácita de que esses valores entraram em colapso com a velha sociedade que os produziu.

A essência do humor em Dom Quixote é justamente as contradições geradas pela transição do feudalismo ao capitalismo, de uma sociedade baseada no conceito do serviço feudal, honra e lealdade, a uma sociedade totalmente diferente baseada exclusivamente nas relações monetárias. A cavalaria andante de Dom Quixote conflita com a realidade social e econômica existente, da mesma forma que os sonhos conflitam com a vida



“Don Quixote” de Gustave Doré, 1863

cotidiana. É uma expressão literária da falida aristocracia espanhola, que encobria sua pobreza com uma aura de nobreza gentil. É a ironia de uma classe social que não entende que está condenada e que os velhos costumes não têm mais papel a desempenhar.

Essa contradição nos parece absurda e, portanto, cômica. As pessoas pobres e supostamente ignorantes entendem o verdadeiro estado de coisas e atribuem com razão o comportamento dos cavaleiros à loucura. É de fato uma espécie de loucura, mas não é uma loucura individual, mas de toda uma classe social que sobreviveu à sua utilidade, mas permanece inconformada com o fato e, na verdade, alheia a ele.

Na verdade, a Espanha da época estava cheia de homens com grandes nomes e títulos impressionantes que não tinham dois centavos para esfregar no bolso. Havia até grandes proprietários de terras que eram pouco mais que mendigos. Já no primeiro capítulo, temos a descrição de Quixote como membro de uma nobreza que não passa da sombra de si mesma, reduzida à semipobreza e pouco atenta aos negócios mundanos da produção agrícola:

“Você deve saber, então, que quando nosso cavaleiro não tinha nada para fazer (o que acontecia quase o ano todo), ele passava seu tempo lendo livros de cavalaria andante; o que ele fez com tanta aplicação e prazer, que finalmente abandonou completamente os esportes do campo e até o cuidado com os dele.”⁴

Dom Quixote não tem a noção de dinheiro. Ele exclama indignado: “Existe algum precedente de que um cavaleiro errante já pagou impostos, subsídios, taxas ou até mesmo passagem ou balsa? Que alfaiate já recebeu dinheiro por suas roupas? Ou que aguacil já fez com ele um acerto de contas por hospedagem em seu castelo?”⁵ Ele está completamente fora da economia monetária – pelo menos em sua mente. Se fosse deixada à economia quixotesca, a sociedade logo iria à falência, pois, na época, ninguém nunca tinha ouvido falar em crédito, e mesmo o orgulhoso titular de um cartão de crédito mais cedo ou mais tarde enfrentaria a desagradável necessidade de saldar suas contas.

No episódio da estalagem do capítulo três, Dom Quixote teve que receber uma lição de economia moderna do estalajadeiro que perguntou se ele tinha algum dinheiro com ele, ao que Dom Quixote respondeu: “Nem um cruzado, [pois] nunca li em qualquer



história de cavalaria que qualquer cavaleiro andante carregasse dinheiro consigo.” “Você está enganado”, exclamou o estalajadeiro, ‘pois admita que as histórias são omissas sobre este assunto, os autores pensando que é desnecessário mencionar coisas tão evidentemente necessárias como dinheiro e camisas limpas, mas não há razão para acreditar que os cavaleiros ficaram sem nenhum dos dois; e você pode ter certeza de que todos os cavaleiros andantes, dos quais tantas histórias estão cheias, tinham suas bolsas bem forradas para se abastecer com o necessário, e carregavam também algumas camisas e uma pequena caixa de pomadas para curar suas feridas.’⁶

A lição foi bem aprendida. Ao partir para sua segunda rodada de aventuras, Dom Quixote certificou-se de que estava bem abastecido com a moeda do reino, contraindo muitas dívidas como resultado. Somos informados no capítulo sete que: “Dom Quixote se ocupava de munir-se de dinheiro; para esse fim, vendendo uma casa, hipotecando outra e perdendo tudo, ele finalmente conseguiu uma boa soma.”⁷ Esta foi a história de toda a aristocracia espanhola e da própria Espanha.

SANCHO PANÇA

No Quixote há dois protagonistas, não um só. Ao lado do cavaleiro alto e magro montado em um velho e alquebrado cavalo, há um camponês baixo e gordo montado em uma mula. Eis uma das grandes duplas da literatura mundial, tão indissociáveis quanto o sal e a pimenta. O que

devemos fazer com o outro protagonista do romance? Sancho Pança é um pobre lavrador, vizinho de D. Quixote, “um homem honesto (se é que esse título pode ser dado a um pobre), mas com muito pouca inteligência na cabeça”. A falta de inteligência de Sancho é presumivelmente o que o levou a seguir seu mestre meio louco. No entanto, a cada passo é o trabalhador agrícola sem instrução que compreende a situação real e tenta demonstrá-la ao seu patrão, que naturalmente se recusa a acreditar.

Há implicações filosóficas aqui também. A filosofia predominante na Espanha de Cervantes não havia avançado além da Escolástica da Idade Média, uma versão vulgarizada de Aristóteles misturada com o idealismo de Platão. Os únicos avanços reais da filosofia na Idade Média foram feitos pelos filósofos e cientistas islâmicos de al-Andalus, mas como a Espanha cristã acabara de emergir de uma longa guerra de conquista do sul contra os mouros, essas ideias eram um anátema para ela. A Igreja exercia um domínio sobre a filosofia, assim como sobre todos os outros aspectos da vida intelectual, exceto a literatura.

Os filósofos da escolástica cristã dedicavam uma quantidade excessiva de tempo debatendo questões como o sexo dos anjos e quantos anjos poderiam dançar na ponta de um alfinete. Cervantes parodia as disputas universitárias na hilária polêmica do capacete de Mambrino. No entanto, o próprio Dom Quixote é um idealista filosófico. No capítulo dez, ele

apresenta um de seus discursos habituais sobre os princípios da cavalaria andante, no qual prova, sem sombra de dúvida, que os cavaleiros andantes (e, por implicação, seus escudeiros) não precisam comer:

“Estás muito enganado, amigo Sancho”, respondeu D. Quixote: “saiba que é glória dos cavaleiros andantes passar meses inteiros sem comer; e quando o fazem, caem sobre a primeira coisa que encontram, embora nunca seja tão simples. Se você tivesse lido tantos livros quanto eu, estaria melhor informado a esse respeito; pois, embora eu pense ter lido tantas histórias de cavalaria em meu tempo quanto qualquer outro homem, nunca consegui descobrir que os cavaleiros andantes comessem, a menos que fosse por mero acidente, ou quando eram convidados para grandes festas e banquetes reais; em outras ocasiões, eles se entregavam a pouca outra comida além de seus pensamentos. Embora não se deva imaginar que eles pudessem viver sem suprir as exigências da natureza humana, sendo afinal nada mais que homens mortais, também é de se supor que, como passaram a maior parte de suas vidas em florestas e desertos, e sempre destituídos de um cozinheiro, conseqüentemente sua comida usual era apenas comida campestre grosseira como a que tu agora me ofereces. Nunca, pois, te inquietes com o que me agrada, amigo Sancho, nem pretendas fazer um mundo novo, nem transtornar a própria constituição e os antigos costumes da cavalaria andante.”⁸

No entanto, Sancho Pança é um materialista filosófico convicto e não quer ouvir uma palavra disso:

“Agradeço a Vossa Excelência”, exclamou Sancho; “mas, no entanto, preciso confessar, se tivesse uma boa quantidade de carne diante de mim, eu a comeria tão bem, ou melhor, em pé e sozinho, do que se estivesse sentado ao lado de um imperador; e, para falar franca e verdadeiramente com você, eu prefiro mastigar um pedaço de pão integral e uma cebola em um canto, sem mais barulho ou cerimônia, do que comer peru na mesa de outro homem, onde alguém está disposto a sentar-se para picar e comer mastigando sua carne uma hora seguida, bebendo pouco, sempre limpando os dedos e a boca, e nunca ousando tossir ou espirrar, embora ele nunca tenha se preocupado tanto com isso, nem faça muitas coisas que um corpo pode fazer livremente por si mesmo: portanto, bom senhor, mude aqueles sinais de sua bondade aos quais tenho direito, por ser o escudeiro de sua adoração, em algo que possa me fazer mais bem. Quanto a

essas mesmas honras, agradeço de todo o coração, como se as tivesse aceitado, mas, no entanto, desisto do meu direito a elas desde agora até o fim do mundo.”⁹

Acontece que Sancho Pança não é tão ignorante assim. Suas palavras contêm o senso comum terreno das massas. Ele tem os pés bem assentados no chão. Ele vive no mundo real, do qual Dom Quixote há muito partiu. Ele come, bebe, espirra, dorme e executa todas as outras funções corporais que seu mestre idealista despreza. De fato, Sancho estava preocupado principalmente com sua barriga (Panza na verdade significa “barriga” em espanhol). A certa altura, ele pergunta a seu mestre sobre os salários vigentes para os escudeiros dos cavaleiros andantes. Em outro lugar, D. Quixote diz: “pois eu poderia, por experiência, ter lembrado que a palavra de um camponês é regulada não pela honra, mas pelo lucro”.¹⁰

A IGREJA

Nos séculos XV e XVI, a Espanha católica estava na vanguarda da reação europeia. Esta foi a era da Reforma e da Contrarreforma. A Santa Igreja Romana permaneceu no centro da ordem estabelecida e lutou ferozmente para defender seu poder e privilégios contra o espírito da nova era. Nesta sangrenta batalha pelas almas dos homens, as armas utilizadas não foram meros discursos, mas a espada e o fogo. Levaram muito a sério as palavras da Bíblia: “Não vim trazer a paz, mas a espada”.

A Igreja Católica Romana era todopoderosa na Espanha – o que se enfatizava pelo fato de o cardeal Cisneros ter sido nomeado regente após a morte de Fernando. Somente depois de dois anos no governo ele nomeou como rei Carlos, neto dos reis católicos Fernando e Isabel. Carlos iniciou uma política centralizadora, como parte da qual Madrid se tornou capital. Ele ordenou a construção de El Escorial na Sierra e, ocasionalmente, participou da supervisão dos trabalhos.

Esta era uma sociedade dominada por padres. Isso levou ao estabelecimento da Inquisição e da Companhia de Jesus (os jesuítas), fundada pelo fanático basco San Ignacio de Loyola como as tropas de choque militantes da Contrarreforma. Filipe II era tão dominado e obcecado pela religião que era incapaz de tomar a menor decisão política sem primeiro consultar seus padres.

Madrid e outras cidades espanholas estavam cheias de instituições religiosas, igrejas, mosteiros e conventos de ordens sagradas como as *Descalzas*, ou

freiras descalças que se mortificavam da maneira sugerida por seu nome. Na recém-construída *Plaza Mayor* de Madrid, aconteciam todos os tipos de jogos e espetáculos para entreter e edificar o público – incluindo o evento mais espetacular de todos: o auto da fé.

A religião impregnava cada poro da sociedade espanhola sem produzir qualquer efeito perceptível na moral pública. As ordens inferiores, embora aparentemente devotas, eram obcecadas por um fetichismo supersticioso que em nada contribuía para instilar um senso de moderação em sua



Auto de Fé Presidido por São Domingos de Gusmão, c.1495
Pedro Berruguete

conduta. Milhares se reuniam na Plaza de la Cebada para ouvir o discurso de algum frade meio louco. A obsessão pela idolatria os induzia a raspar o reboco das paredes das igrejas para guardar como relíquia.

No entanto, o clima predominante de fanatismo religioso nada fez para impedir a epidemia geral de roubo, estupro, assassinato, rivalidade e duelo que estava na ordem do dia. Desde o reinado do fanático religioso de mente estreita Filipe II até o dissoluto Filipe IV, a imoralidade atingiu seu nadir mais espetacular. A própria igreja refletia a moral geral da época. Houve casos de frades envolvidos em roubos, estupros e assassinatos. Os duelos ocorriam às dezenas todos os dias. À noite, as ruas ficavam praticamente intransitáveis, limitando-se a iluminação da cidade àquelas lâmpadas que tremeluziam diante das imagens de virgens e santos nas paredes externas das casas.

No entanto,
o clima
predominante
de fanatismo
religioso nada
fez para impedir
a epidemia
geral de
roubo, estupro,
assassinato,
rivalidade e
duelo que estava
na ordem do dia

A igreja, que deveria atuar como guardiã da moral pública, era na verdade um foco de intrigas políticas. Sua insistência fanática em defender por qualquer meio a suposta pureza doutrinária da igreja era, na realidade, um meio de fortalecer o controle da igreja sobre todos os aspectos da vida e do comportamento humano. Esta ditadura espiritual, apoiada pela Inquisição – a Gestapo da Idade Média – era apenas mais uma manifestação do Estado burocrático que governou a Espanha e presidiu à sua ruína.

A intolerância e o fanatismo estavam na ordem do dia. Após a conquista de Granada, os muçulmanos foram forçados a se converter ou a deixar a

Espanha. Muitos se converteram para permanecer em sua terra natal, mas foram submetidos a todo tipo de restrições e controles vexatórios sob o olhar de águia da Inquisição. Chegaram ao ponto de obrigar todas as famílias mouriscas a manter um presunto pendurado na cozinha e até criaram uma “polícia do presunto” que inspecionava os itens mencionados em intervalos regulares para garantir que estavam sendo consumidos. No entanto, em Dom Quixote, Cervantes ousa falar com simpatia sobre os mouriscos.

Quando o Quixote profere a Sancho as famosas palavras: “*Con la Iglesia hemos tropezado, Sancho*”, (“Aqui estamos contra a Igreja, Sancho”), ele criou uma expressão que se tornou quase um provérbio em espanhol. Embora Dom Quixote estivesse bastante preparado para atacar os moinhos de vento, ele teve que pensar duas vezes antes de enfrentar a Igreja. É claro que, em uma época em que a Inquisição queimava homens e mulheres pelos delitos mais triviais, Cervantes tinha que agir com cuidado e teve o cuidado de se proteger com protestos de sua fé. Mas está muito claro que sua atitude, pelo menos em relação à religião organizada, era crítica, se não abertamente hostil. Se alguém lê o Quixote com cuidado, torna-se imediatamente evidente que a crítica à Igreja corre como um fio vermelho por todo o livro. No capítulo cinco, a sobrinha de Quixote diz:

*“Agora, sou eu quem sou a causa de todo esse mal, por não ter lhe avisado a tempo sobre os delírios de meu tio, para que você pudesse ter parado com isso antes que fosse tarde demais e queimado todos esses livros excomungados, porque há não sei quantos deles que merecem ser queimados como os dos hereges mais repulsivos.”*¹¹

Isso foi devidamente realizado dois capítulos depois, quando um a um todos os livros de Dom Quixote foram lançados às chamas:

*“Naquela noite a governanta queimou todos os livros, não só os do quintal, mas todos os que estavam na casa; e vários que sofreram na calamidade geral mereciam ter sido guardados em arquivos eternos, se sua sorte e a omissão dos inquisidores não ordenassem de outra forma. E assim eles verificaram o provérbio de que ‘os bons geralmente se saem pior do que os maus’.”*¹²

Esta é claramente uma paródia dos autos de fé da Inquisição que enchiam as praças centrais das cidades espanholas com o cheiro de carne

queimada. Nessas cerimônias brutais, muitas vezes eram os inocentes que sofriam, enquanto os culpados presidiam o entretenimento. Também em outras ocasiões Dom Quixote fala com fulminante desprezo da Igreja. Em uma época em que a Santa Inquisição detinha o poder absoluto sobre a vida e a morte, essa foi uma posição muito corajosa, até mesmo imprudente. No capítulo 13 alguém diz que os monges cartuxos também vivem vidas austeras assim como os cavaleiros andantes. “*Talvez a profissão de um cartuxo seja tão austera*”, respondeu nosso Dom Quixote, “*mas estou a dois dedos de duvidar se pode ser tão benéfica para o mundo quanto a nossa*”.¹³

UM ESPÍRITO REBELDE

Lendo nas entrelinhas é possível detectar elementos de crítica social em quase todas as páginas do Quixote. O espírito de rebelião está presente desde o início. No prefácio do autor lemos:

*“Porque não és seu parente nem seu amigo, e tens a tua alma no teu corpo e a tua liberdade de julgar muito à larga e a teu gosto, e estás em tua casa, onde és senhor dela como el-rei das suas alcavalas, e sabes o que comumente se diz que ‘debaixo do meu manto ao rei mato’ (o que tudo te isenta de todo o respeito e obrigação) podes do mesmo modo dizer desta história tudo quanto te lembrar sem teres medo de que te caluniem pelo mal, nem te premiem pelo bem que dela disseres.”*¹⁴

Dom Quixote também é um comunista instintivo. Em um discurso para alguns pastores de cabras incrédulos, ele fala sobre uma longa era de ouro, quando todas as coisas eram mantidas em comum:

*“Oh, idade feliz”, exclamou ele, “que nossos primeiros pais chamavam de idade de ouro! não porque o ouro, tão adorado nesta idade de ferro, fosse facilmente comprado, mas porque essas duas palavras fatais, ‘meu’ e ‘teu’, eram distinções desconhecidas para as pessoas daqueles tempos afortunados: pois todas as coisas eram em comum em aquela era sagrada: os homens, para seu sustento, precisavam apenas levantar as mãos e pegá-lo do robusto carvalho, cujos braços estendidos os convidavam generosamente a colher o fruto saudável e saboroso.”*¹⁵

Ele contrasta essa era de ouro, quando todas as coisas eram mantidas em comum, com a era atual, quando o dinheiro e a ganância determinam todos os aspectos da vida e do pensamento:

“Mas nesta era degenerada, com a fraude e uma legião de males infectando o mundo, nenhuma virtude pode estar segura; enquanto desejos arbitrários, difundidos no coração dos homens, corrompem as mais estritas vigílias e os retiros mais próximos; que, embora intrincados e desconhecidos como o labirinto de Creta, não são garantia de castidade. Assim, tendo desaparecido a inocência primitiva e prevalecendo diariamente a opressão, era necessário opor-se à torrente de violência: razão pela qual foi instituída a ordem da cavalaria andante, para defender a honra das virgens, proteger as viúvas, socorrer os órfãos e ajudar todos os aflitos em geral. Agora eu mesmo sou um desta ordem, honestos amigos; e embora todas as pessoas sejam obrigadas pela lei da natureza a serem gentis com pessoas de minha classe, ainda assim, uma vez que você, sem saber nada dessa obrigação, tão generosamente me recebeu, devo prestar-lhe meu maior reconhecimento; e, portanto, devolvo a você meus mais sinceros agradecimentos pelo mesmo.”¹⁶

Foi um golpe de mestre de Cervantes colocar o que seria uma crítica social muito ousada na boca de um louco. Todo revolucionário na história foi considerado louco por seus contemporâneos. Para a maioria das pessoas é racional aceitar o status quo, e quem

não aceita a ordem existente é irracional – louco – por definição.

Hegel escreveu: “Tudo o que é real é racional; e tudo o que é racional é real.” E essa declaração foi considerada uma justificativa absoluta do status quo. Mas Engels explica que para Hegel nem tudo o que existe também é real, sem maiores qualificações. Para Hegel, o atributo da realidade pertence apenas ao que é ao mesmo tempo necessário: “No curso de seu desenvolvimento, a realidade se mostra necessária”.

Aquilo que é necessário mostra-se, em última instância, também racional.

Nem é preciso dizer para um marxista que tudo o que existe é assim por alguma necessidade. Mas as coisas mudam constantemente, evoluem, modificam-se e engendram contradições internas que acabam por levar à sua destruição. Perdem, portanto, a qualidade da necessidade e entram em contradição com ela. O chão começa a tremer sob os pés da ordem estabelecida. Aquelas pessoas que se consideravam os realistas supremos agora se tornam o pior tipo de utopistas reacionários, enquanto aqueles que eram vistos como sonhadores e loucos se tornam as únicas pessoas sãs em um mundo que enlouqueceu.

Num período histórico em que um sistema socioeconômico antiquado está em declínio, a ideologia, a moral,

os valores e a religião que antes eram a cola que mantinha a sociedade unida, perdem seu poder de coesão. Velhas idéias e valores tornam-se objeto de ridículo. As pessoas que se agarram a eles tornam-se figuras divertidas, como o próprio Dom Quixote. A natureza historicamente relativa da moralidade torna-se evidente. O que era ruim se torna bom, o que era bom se torna ruim.

O LONGO E IGNOMINIOSO DECLÍNIO DA ESPANHA

“A descoberta da América, que primeiro enriqueceu e elevou a Espanha, foi posteriormente dirigida contra ela. As grandes rotas de comércio foram desviadas da Península Ibérica. A Holanda, que havia enriquecido, separou-se da Espanha. Depois da Holanda, a Inglaterra alcançou grandes alturas sobre a Europa e por muito tempo. A partir da segunda metade do século XVI, a Espanha já havia começado a declinar. Com a destruição da Grande Armada (1588), esta decadência assumiu, por assim dizer, um carácter oficial. A condição que Marx chamou de ‘decadência ingloriosa e lenta’ instalou-se na Espanha feudal-burguesa.” (Trotsky, A Revolução Espanhola)

Sob todo o brilhantismo das conquistas da Espanha, as fundações deste imponente edifício já estavam desmoronando. Todo o tecido da sociedade estava apodrecido. Apesar



Dom Quixote atacando um rebanho de ovelhas
Domínio público



Pintura de Dom Quixote por Gustave Doré

do estado perigoso das finanças da Espanha, decidiu-se retomar a guerra com a Holanda. A fim de levantar um exército de mercenários na Espanha e na Alemanha, o tesouro emitiu moedas falsas na forma do *vellón* [moeda feita de uma liga de prata e cobre – NdT], um passo que levou inevitavelmente a uma explosão de inflação. O colapso final aconteceu lenta e vergonhosamente.

Não foi só a moeda que se desvalorizou. A monarquia era totalmente debochada e a corte não passava de uma fossa de imoralidade e vício. No reinado de Filipe IV, a imoralidade da corte espanhola atingiu extremos escandalosos. O próprio monarca, quando não estava ocupado caçando em El Pardo, El Escorial e Aranjuez, passava o tempo vivendo numerosos casos amorosos e, conseqüentemente, estava cercado por um verdadeiro exército de amantes e filhos ilegítimos. Ele foi pai de vários filhos ilegítimos, dos quais o mais famoso foi Don Juan José da Áustria, a quem gerou com a atriz cômica conhecida como La Calderona. A rainha, por sua vez, não fazia segredo de seu amante – o conde de Villamediana.

Como a principal potência da Contrarreforma, a Espanha estava olhando para trás, tentando conter o fluxo

da história. Seguiu uma política quixotesca. E como Dom Quixote, não conseguiu parar o relógio, mas apenas se condenar ao declínio, à derrota e à decadência em todos os níveis. A Espanha já era um gigante com pés de barro, e suas aventuras militares nos Países Baixos viriam a cravar o último prego em seu caixão. Em curtíssimo espaço de tempo, a Holanda havia se libertado do abraço mortal da Espanha, que logo se veria vítima de uma agressão militar estrangeira, humilhada e esmagada por nações que antes eram suas inferiores.

A Inquisição tornou-se agora todo-poderosa, presidindo um reinado de terror, baseado nos métodos usuais de tortura e mortes em fogueiras. Em 1680, a Plaza Mayor foi palco de um espetacular auto de fé. O fedor de carne queimada envenenou a alma e perturbou a mente da Espanha. O obscurantismo penetrou nos níveis mais altos do Estado. Esse estado de espírito prevalecente refletiu-se na arte da época, uma arte que, com algumas notáveis exceções, estava impregnada de um espírito de fanatismo tacanho e estúpido.

O declínio da Espanha é uma ilustração gráfica de como uma sociedade incapaz de desenvolver as forças produtivas pode ser vítima de seu próprio

sucesso. “O orgulho vem antes da queda”, como nos diz o provérbio. A arrogância da Espanha Imperial tem uma contrapartida moderna na arrogância dos EUA hoje. Assim como a Espanha era a nação mais poderosa e rica do mundo no século XVI, os EUA também o são hoje. Assim como a Espanha era o centro nervoso da contrarrevolução mundial, os EUA também o são agora. E assim como a Espanha se excedeu em aventuras militares estrangeiras que minaram suas forças e drenaram seus cofres, os EUA estão se excedendo hoje em escala mundial.

Os paralelos são óbvios e se estendem à esfera da ideologia e da religião. George W. Bush é um fanático religioso de mente estreita, assim como Filipe II, e tão determinado quanto a estabelecer a dominação mundial absoluta. Esses paralelos não são por acaso. Vivemos um período de grande mudança histórica – um período de transição, semelhante ao do século XVI. Mas enquanto naquela época o mundo assistia ao colapso do feudalismo e a um movimento irresistível em direção ao capitalismo, agora estamos vendo os estertores do capitalismo e um movimento igualmente irresistível em direção a uma nova sociedade que chamamos de socialismo.

Aqueles que têm coragem de dizer o que é são chamados de utópicos, sonhadores e loucos. Dividimos essa honra com Dom Quixote. Sentimo-nos tão pouco à vontade no mundo do capitalismo quanto nosso ilustre antepassado. Mas, ao contrário dele, não buscamos voltar no tempo ou voltar a uma era de ouro que nunca existiu. Pelo contrário, desejamos ardentemente avançar para uma nova fase qualitativamente mais elevada do desenvolvimento humano.

Não precisamos de sonhos e ilusões, mas preferimos manter os pés no chão. Nisso, pelo menos, estamos mais na tradição daquele proletário de bom coração e bom senso, Sancho Pança. Mas compartilhamos com o cavaleiro de La Mancha um ódio feroz à injustiça em todas as suas formas. Compartilhamos sua capacidade de superar a mesquinhez estreita do burguês filisteu, de desejar um mundo melhor do que aquele em que vivemos e a coragem de lutar para mudá-lo.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ K Marx, *Capital*, Vol 1, Progress Publishers, 1971, pg 510
² W H Prescott, *History of the Reign of Ferdinand and Isabella*, George Allen & Unwin, 1962, p. 740
³ K Marx, *Capital*, Vol 1, Progress Publishers, 1971, pg 59
⁴ Cervantes, *Don Quixote*, Hogarth Press, 1900, pg 2
⁵ *ibid.*, pg 325

⁶ *ibid.*, pg 13
⁷ *ibid.*, pg 41
⁸ *ibid.*, pg 61
⁹ *ibid.*, pg 64
¹⁰ *ibid.*, pg 238
¹¹ *ibid.*, pg 29

¹² *ibid.*, pg 39
¹³ *ibid.*, pg 76
¹⁴ Cervantes, *Don Quixote*, Norton, 1981, pg 9
¹⁵ Cervantes, *Don Quixote*, Hogarth Press, 1900, pg 64
¹⁶ *ibid.*, p. 66

O DECLÍNIO DO FEUDALISMO E A ASCENSÃO DA BURGUESIA

FRIEDRICH ENGELS

O artigo a seguir, pouco conhecido e inacabado, de Friedrich Engels, foi descoberto postumamente em 1953. Nele, Engels faz um relato magistral de como o capitalismo moderno se desenvolveu no seio do antigo sistema feudal: como as sementes da indústria capitalista se desenvolveram a partir do antigo sistema da guilda feudal; como surgiram as cidades e as nações modernas; como o papel ascendente do dinheiro na economia corroeu o antigo sistema feudal; e como a antiga nobreza feudal tornou-se um obstáculo ao progresso da sociedade. Reproduzimos esta tradução em inglês de 1957 com a gentil permissão da Monthly Review.

A Redação



Friedrich Engels

Enquanto as batalhas caóticas entre a nobreza feudal dominante enchiam a Idade Média com ruídos e fúria, o trabalho silencioso das classes oprimidas em toda a Europa Ocidental minava o sistema feudal e criava um estado de coisas em que havia cada vez menos espaço para os senhores feudais. É verdade que, no campo, a feudalidade ainda pode se impor, torturando os servos, florescendo com seu suor, assolando suas colheitas, arrebatando suas esposas e filhas. Mas as cidades estavam surgindo por toda parte: na Itália, no sul da França e no Reno, os antigos municípios romanos ressurgiam de suas cinzas; em outros lugares, e particularmente na Alemanha central, elas eram uma novidade. Em todos os casos, eram cercadas por muros e fossos protetores, formando fortalezas muito mais fortes que os castelos da nobreza porque só podiam ser tomadas por grandes exércitos. Atrás dessas muralhas e fossos, desenvolveu-se a produção artesanal medieval, embora mesquinha e vinculada a guildas; começou a acumulação de capital; surgiu a necessidade de comércio com outras cidades e com o resto do mundo; e, aos poucos, com a necessidade surgiram também os meios de proteger esse comércio.

Já no século XV, os habitantes da cidade desempenhavam um papel mais crucial na sociedade do que o feudalismo. Certamente, ainda era verdade que a agricultura ocupava a maior proporção da população e, portanto, permanecia sendo o principal modo de produção. No entanto, os poucos camponeses livres isolados, que conseguiram resistir aqui e ali à ganância dos nobres, eram prova suficiente de que era o trabalho dos camponeses e

não a preguiça e a opressão dos nobres que faziam as colheitas crescerem.

Ao mesmo tempo, as necessidades da própria nobreza aumentaram e mudaram tanto que nem ela podia prescindir das cidades: afinal, era nas cidades que o nobre obtinha suas próprias “ferramentas” especiais – armaduras e armas. Têxteis domésticos, móveis e ornamentos, seda italiana, rendas de Brabant, peles do Norte, perfumes da Arábia, frutas do Levante e especiarias da Índia: tudo menos sabão ele tinha que comprar dos habitantes da cidade. Um certo grau de comércio internacional já havia se desenvolvido: os italianos navegavam pelo Mediterrâneo e ao longo da costa atlântica até o norte de Flandres; em face da crescente competição inglesa e holandesa, a Liga Hanseática continuou a dominar o Mar do Norte e o Mar Báltico; a ligação entre os centros comerciais do Sul e os do Norte era feita por via terrestre, por estradas que passavam pela Alemanha. Assim, enquanto a nobreza se tornava cada vez mais supérflua e cada vez mais obstrutiva ao progresso, os habitantes da cidade formavam a classe que personificava o desenvolvimento da produção e do comércio, da educação e das instituições sociais e políticas.

A julgar pelos padrões atuais, todos esses avanços na produção e na troca eram de escopo muito limitado. A produção permaneceu confinada ao padrão do artesanato da guilda e, portanto, reteve características feudais; o comércio continuou restrito às águas europeias e não se aventurou além das cidades costeiras do Levante, onde os produtos do Extremo Oriente eram embarcados. No entanto, embora a indústria e o homem de negócios permanecessem mesquinhos, eram adequados para derrubar a sociedade feudal; e eles pelo menos permaneceram em movimento, enquanto a nobreza estagnou.

Nesta situação, a cidadania urbana tinha uma arma poderosa contra o feudalismo: o dinheiro. Quase não havia espaço para o dinheiro na economia feudal típica do início da Idade Média. O senhor obtinha de seus servos tudo o que precisava, seja na forma de serviços, seja na forma de produtos acabados. Linho e lã eram fiados, tecidos em pano e transformados em roupas pelas servas; o homem cultivava os campos e os filhos cuidavam do gado do senhor e colhiam para ele os frutos da floresta, ninhos de pássaros, lenha; além disso, toda a família tinha que entregar grãos, frutas, ovos, manteiga, queijo, aves, bezerras e sabe-se lá quanto

mais. Cada domínio feudal era suficiente em si mesmo; até as obrigações militares feudais eram aceitas em produtos; o comércio e a troca estavam ausentes e o dinheiro era supérfluo. A Europa havia declinado a um nível tão baixo, havia regredido tanto, que o dinheiro nessa época servia muito menos a uma função social do que política: era usado para o pagamento de impostos e adquirindo principalmente por roubo.

A julgar pelos padrões atuais, todos esses avanços na produção e na troca eram de escopo muito limitado

Tudo isso havia mudado no século XV. O dinheiro estava novamente se tornando um meio de troca geral, de modo que sua quantidade em circulação era muito maior do que antes. Até o nobre precisava dele agora, e como tinha pouco ou nada para vender, como também o banditismo deixara de ser uma empresa fácil, viu-se diante da necessidade de recorrer ao agiota urbano. Muito antes de as muralhas dos castelos baroniais serem derrubadas pela nova artilharia, elas já haviam sido minadas pelo dinheiro; na verdade, a pólvora poderia ser descrita como a executora do julgamento proferido pelo dinheiro. Os cidadãos das cidades usaram o dinheiro como um carpinteiro usa sua plaina: como uma ferramenta para nivelar a desigualdade política. Sempre que uma relação pessoal foi substituída por uma relação monetária, uma entrega de bens por uma entrega de dinheiro, esse foi o lugar onde um padrão burguês tomou o lugar de um padrão feudal. Em geral, é claro, o sistema brutal de “economia natural” permaneceu na maioria dos casos. No entanto, já havia distritos inteiros onde, como na Holanda, na Bélgica e ao longo do baixo Reno, os camponeses pagavam em dinheiro em vez de em bens e serviços a seus senhores; onde amo e servo deram os primeiros passos decisivos no sentido de se tornarem proprietários e arrendatários; e onde, conseqüentemente, mesmo no campo, as

instituições políticas do feudalismo começaram a perder sua base social.

Quão profundamente os fundamentos do feudalismo foram enfraquecidos e sua estrutura corroída pelo dinheiro por volta do final do século XV, é notavelmente evidente na cobiça de ouro que possuía a Europa Ocidental nessa época. Era o ouro que os portugueses procuravam na costa africana, na Índia e em todo o Extremo Oriente; ouro foi a palavra mágica que atraiu os espanhóis através do oceano para a América; ouro foi a primeira coisa que os brancos pediram quando pisaram em uma costa recém-descoberta. Mas essa compulsão de embarcar em aventuras distantes em busca de ouro, por mais feudais que fossem as formas que assumiu no início, era, no entanto, basicamente incompatível com o feudalismo, cuja base era a agricultura e cujas conquistas eram direcionadas à aquisição de terras. A isto deve-se acrescentar que a navegação era definitivamente um negócio burguês, um fato que marcou toda marinha moderna com um caráter antifeudal.

Foi assim que o feudalismo de toda a Europa Ocidental estava em pleno declínio durante o século XV. Por toda parte, as cidades, com seus interesses antifeudais, sua própria lei e seus cidadãos armados, haviam se inserido em territórios feudais; tinham, através do dinheiro, em parte estabelecido sua ascendência social – e aqui e ali até política – sobre os senhores feudais. Mesmo no campo, naquelas áreas onde a agricultura era favorecida por circunstâncias especiais, os antigos laços feudais começaram a se dissolver sob a influência do dinheiro; apenas em territórios recém-abertos (como as terras alemãs a leste do Elba) ou em outras regiões remotas longe das rotas comerciais, o domínio da nobreza continuou a florescer. Por toda a parte, porém, cresceram aqueles elementos da população, tanto rural como urbana, que reclamavam insistentemente que cessassem as insensatas e eternas lutas, que se pusesse fim às rixas entre os senhores que produziam um perpétuo estado de guerra doméstica, mesmo quando um inimigo estrangeiro estava às portas, para que cessasse a devastação ininterrupta e totalmente sem propósito que durou toda a Idade Média. Embora esses elementos ainda fossem muito fracos para impor sua própria vontade, encontraram um forte apoio no topo da pilha feudal: a monarquia. É neste ponto que a análise das relações sociais leva à consideração das

relações dentro e entre os Estados; aqui é onde passamos da economia para a política.

As novas nacionalidades surgiram gradualmente da confusão de povos que caracterizou o início da Idade Média. Este é um processo em que, como se sabe, os conquistados assimilaram os conquistadores nas outrora províncias romanas; os camponeses e habitantes da cidade absorveram os mestres germânicos. As nacionalidades modernas são, portanto, criações das classes oprimidas. O mapa distrital de Menke do centro de Lorraine¹ nos dá uma imagem clara da maneira como aqui uma mistura, ali uma separação, ocorreu. Basta seguir a linha que divide os nomes de lugares alemães dos romanos para se convencer de que essa linha na Bélgica e na baixa Lorena quase coincide com a fronteira linguística entre o alemão e o francês, tal como existia até o último quartel do século 18. Aqui e ali, uma pequena área poderia ser encontrada em que a predominância da linguagem ainda era uma questão de disputa. Mas, em geral, a disputa já havia sido resolvida, e qual área deveria permanecer alemã, qual romana, havia sido estabelecida. As formas do antigo baixo-franco e do antigo alto-alemão da maioria dos nomes de lugares no mapa provam, no entanto, que eles pertencem ao século IX ou, o mais tardar, ao século X e que, portanto, os limites já haviam sido traçados pelo final do período carolíngio. Ora, é interessante que encontremos do lado romano e, sobretudo, nas proximidades da fronteira linguística, formas de nomes bastardos, compostas por um nome pessoal alemão e um topônimo romano; assim, por exemplo, a oeste do Maas, perto de Verdun: Eppone curtis, Rotfridi curtis, Ingolini curtis, Teudegisilo villa. Hoje são, respectivamente, Ippecourt, Recourt la Creux, Amblaincourt sur Aire

e Thierville. Eram solares francos, pequenas colônias germânicas em território romano, que mais cedo ou mais tarde sucumbiram à romanização. Nas cidades, e em trechos rurais isolados, havia colônias alemãs mais resistentes e que conservaram sua língua por mais tempo; em um deles, por exemplo, o Ludwigslied teve origem no final do século IX. Mas o fato de o romance ter aparecido como língua oficial da França na forma dos juramentos dos reis e notáveis em 842 prova que a maior parte dos mestres francos já havia sido romanizada.

As nacionalidades modernas são, portanto, criações das classes oprimidas

Uma vez que os grupos linguísticos foram fixados e suas fronteiras estabelecidas (embora devamos levar em conta as guerras posteriores de conquista e extermínio, como aquelas contra os eslavos do Elba), era natural que servissem como bases estabelecidas para a construção de Estados, e que as nacionalidades devem começar a se desenvolver em direção às nações. O rápido colapso do estado linguisticamente misto de Lorraine sugere a importância da uniformidade da linguagem. Certamente, as fronteiras linguísticas e nacionais estiveram longe de coincidir uma com a outra durante toda a Idade Média; no entanto, cada nacionalidade, exceto a italiana até certo ponto, era representada por um grande Estado particular; e a tendência para a formação de estados nacionais, que apareceu com clareza e consciência cada vez maior, forneceu uma das alavancas mais

fundamentais pelas quais o progresso foi alcançado na Idade Média.

Em cada um destes estados medievais, o rei era o ápice de toda a hierarquia feudal – ápice do qual os vassalos não podiam prescindir e contra o qual, ao mesmo tempo, se encontravam em estado de rebelião permanente. A relação característica de toda a economia feudal – a concessão de direitos de uso da terra sob a condição de que certos serviços pessoais e certos bens fossem prestados – fornecia em sua forma original e mais simples muitas ocasiões para brigas, especialmente onde havia tantos que tinham interesses em qualquer disputa. Como era agora, no final da Idade Média, numa época em que as relações feudais em todos os países eram um emaranhado sem esperança de direitos e deveres concedidos, retirados, renovados, perdidos, alterados ou de outra forma qualificados? Carlos, o Ousado, por exemplo, era vassalo do Sacro Imperador Romano em parte de suas terras; em outras partes, ele era um vassalo do rei da França. Por outro lado, o rei da França, senhor de Carlos em relação a esses territórios, era vassalo de Carlos em relação a outros. Como o conflito poderia ser evitado em uma situação como essa? Aqui vemos a explicação do contraponto secular entre a atração dos vassalos pela monarquia (pois somente o monarca poderia protegê-los dos inimigos de fora e de dentro do sistema) e a repulsa da monarquia, na qual essa atração era incessante e inevitavelmente deslocada; da batalha ininterrupta entre o monarca e os vassalos, cuja feia cacofonia abafou todas as outras durante o longo período em que o banditismo foi a única fonte de renda digna de um homem livre; da sequência interminável de traições, assassinatos, envenenamentos, maldades e todas as outras vilanias concebíveis, uma sequência que, detida por um momento, sempre



Comércio e transporte mercante na Holanda do Norte, 1600

se renovava, escondendo-se atrás do rótulo poético da Cavalaria e falando em termos de Honra e Fidelidade.

É óbvio que a monarquia foi o elemento progressista dessa confusão geral. Representava a ordem no caos, a nação em desenvolvimento contra a fragmentação em estados vassalos rebeldes. Todos os elementos revolucionários que surgiam sob a superfície feudal estavam tão inclinados a depender da monarquia quanto a monarquia estava inclinada a depender deles. A aliança entre monarquia e burguesia data do século X; muitas vezes interrompida por conflitos – pois durante a Idade Média nenhum movimento era isento de ziguezagues – a aliança sempre se renovava, mais forte e mais potente, até permitir à monarquia a vitória final; ante a qual, a monarquia, em gratidão, voltou-se contra seus aliados para oprimi-los e saqueá-los.

O rei e a burguesia encontraram apoio poderoso na crescente profissão de jurista. Com a redescoberta do direito romano, passou a existir uma divisão de trabalho entre o clero, os conselheiros jurídicos dos tempos feudais e os estudantes não clericais de jurisprudência. Esses novos juristas foram desde o início predominantemente burgueses. Mas não apenas isso: a lei que eles estudavam, ensinavam e praticavam tinha um caráter essencialmente antifeudal e em certos aspectos burguês. O direito romano é em tal medida a expressão jurídica clássica das condições de vida e fricções de uma sociedade em que o conceito dominante é o de pura propriedade privada, que toda a legislação posterior pouco poderia acrescentar a esse respeito. A propriedade burguesa na Idade Média, entretanto, ainda estava permeada de limitações feudais; consistia, por exemplo, em grande parte em privilégios. Assim, o Direito Romano foi, nesse aspecto, um avanço nas relações burguesas da época. No entanto, o desenvolvimento histórico posterior da propriedade burguesa só poderia ser na direção da propriedade privada pura, e isso de fato é o que aconteceu. A alavanca do Direito Romano, que continha tudo pronto pelo qual a burguesia do final da Idade Média ainda lutava inconscientemente, visivelmente aumentou em muito a força e o ritmo desse desenvolvimento.

Mesmo que a lei romana tenha oferecido um pretexto em muitos casos individuais para o aumento da opressão dos camponeses pela nobreza – por exemplo, sempre que os camponeses não puderam fornecer prova documental de sua isenção de obrigações

que de outra forma eram costumeiras – isso não muda o princípio em questão. A nobreza teria encontrado pretextos adequados sem o Direito Romano, e os encontrou, diariamente. Sem dúvida, foi um grande avanço quando se estabeleceu um sistema jurídico que não se baseava nas relações feudais e que antecipou totalmente as idéias modernas de propriedade privada.

O desenvolvimento histórico posterior da propriedade burguesa só poderia ser na direção da propriedade privada pura, e isso de fato é o que aconteceu

Vimos como a nobreza feudal começou a se tornar supérflua e até economicamente prejudicial na sociedade do final da Idade Média; como já se opunha politicamente ao desenvolvimento das cidades e do Estado nacional, para o qual a forma monárquica era a única possibilidade na época. Apesar desses fatos, a nobreza havia sido preservada pelo fato de que até então ela tinha o monopólio do porte de armas, pelo fato de que sem o nobre nenhuma guerra poderia ser travada, nenhuma batalha travada. Até isso iria mudar, e deveria ser dado o último passo que deixaria bem claro para o senhor feudal que seu período de dominação social e política estava chegando ao fim, e que mesmo na condição de cavaleiro, mesmo no campo de batalha, ele não era mais útil.

Combater o feudalismo com um exército que era feudal, cujos membros estavam mais ligados ao seu senhor imediato do que ao comando do exército do rei, teria sido entrar em um círculo vicioso. Desde o início do século XIV, os reis lutam constantemente para se emancipar dos exércitos feudais, para criar seus próprios exércitos. É a partir desse período que encontramos uma proporção cada vez maior de tropas recrutadas ou contratadas nos exércitos reais. No início, eram principalmente infantaria, a escória da cidade, servos fugitivos – lombardos, genoveses, alemães, belgas e outros – usados para a ocupação de cidades e para o cerco de

fortalezas, pois a princípio mal serviriam no próprio campo de batalha. No entanto, antes do fim da Idade Média, também encontramos os cavaleiros, que já estão se deixando contratar a si mesmos e a seus seguidores sabe-se lá como para o serviço mercenário de príncipes estrangeiros e, ao fazê-lo, anunciam a ruína sem esperança do sistema militar feudal.

Simultaneamente, surgiu o pré-requisito básico de uma infantaria militarmente competente nas cidades e entre os camponeses livres, onde estes últimos persistiam ou voltavam a emergir. Antes disso, os cavaleiros e seus seguidores montados formavam não tanto o núcleo do exército quanto o próprio exército; o bando de servos acompanhantes, os “lacaio”, mal contava: parecia – no campo de batalha – estar presente apenas para fugir e saquear. Enquanto florescia o feudalismo, até o final do século XIII, a cavalaria lutou e decidiu todas as batalhas. A partir de então, porém, a situação mudou; e mudou em muitos aspectos simultaneamente. Na Inglaterra, o gradual desaparecimento da servidão deu origem a uma numerosa classe de camponeses livres, pequenos proprietários rurais ou arrendatários, e com isso a um novo material para uma nova infantaria treinada no uso do arco longo que era, na época, a arma nacional inglesa. A introdução desses arqueiros, que sempre lutavam a pé, embora estivessem ou não montados quando em marcha, foi a ocasião para uma mudança essencial na tática dos exércitos ingleses. A partir do século XIV, a cavalaria inglesa preferiu lutar a pé onde quer que o terreno ou outras circunstâncias o tornassem apropriado. Atrás dos arqueiros, que iniciavam a batalha e debilitavam o inimigo, os cavaleiros apeados esperavam o ataque inimigo em uma falange fechada, ou esperavam uma oportunidade favorável para eles próprios partirem para o ataque. Apenas parte dos cavaleiros permanecia em seus cavalos para ajudar na decisão por ataques de flanco. A sucessão ininterrupta de vitórias inglesas na França nessa época deve ser atribuída principalmente a essa reintrodução de um elemento defensivo no exército; na maior parte, foram tanto batalhas defensivas seguidas de contra-ataques ofensivos quanto vitórias de Wellington na Espanha e na Bélgica. Com a adoção da nova tática pelos franceses – o que foi possível porque os besteiros mercenários italianos puderam ser usados como contrapartida dos arqueiros ingleses – a onda vitoriosa dos ingleses



Philips Wouwerman, batalha de cavalaria em frente a um moinho de vento ardente (1660)

foi interrompida. Foi também no início do século XIV que a infantaria das cidades flamengas ousou opor-se à cavalaria francesa em batalha aberta – e muitas vezes tiveram sucesso. O imperador Alberto, em sua tentativa de submeter os camponeses suíços ao arquiducado da Áustria, que era o próprio Alberto, estimulou a formação da primeira infantaria moderna de renome europeu. Nos triunfos dos suíços sobre os austríacos e, em particular, sobre os burgúndios, está a submissão final da armadura, montada ou não, à infantaria; do exército feudal aos primórdios do exército moderno; do cavaleiro ao cidadão e ao camponês. E os suíços imediatamente passaram a transformar suas proezas marciais em dinheiro vivo, estabelecendo assim desde o início o caráter burguês de sua república, a primeira república independente da Europa. Todas as considerações políticas desapareceram; os cantões converteram-se em escritórios de recrutamento para encurralar mercenários ao oferecer o maior lance. Em outros lugares também, e particularmente na Alemanha, o tambor do recrutamento começou. Mas o cinismo do regime suíço, cujo único objetivo parecia ser a venda de seus filhos, foi inigualável até que os príncipes alemães, no período de mais profundo rebaixamento nacional, o superaram.

Foi também no século XIV que a pólvora e a artilharia foram trazidas pelos árabes para a Europa, através da Espanha. Até o final da Idade Média, as pequenas armas de fogo permaneceram sem importância, o que é compreensível em vista do fato de

que os arcos longos dos arqueiros ingleses em Crécy alcançavam tão longe, e talvez com a mesma precisão, se não com o mesmo efeito, quanto os mosquetes de canos lisos da infantaria em Waterloo. A artilharia de campanha também ainda estava em sua infância. Em contraste com isso, no entanto, o canhão pesado já havia rompido as paredes sem proteção dos castelos de muitos cavaleiros, anunciando assim à nobreza feudal que o advento da pólvora havia selado sua destruição.

A difusão da arte da impressão, o renascimento do estudo das literaturas antigas, todo o fermento cultural que se tornou cada vez mais forte e generalizado depois de 1450 – tudo isso favoreceu a burguesia e a monarquia em seu conflito com o feudalismo. A concatenação de todos estes fatores, fortalecidos ano após ano pela sua interação cada vez mais dinâmica uns sobre os outros no mesmo sentido, foi o fato que, na última metade do século XV, confirmou a vitória, não certamente da burguesia, mas com certeza da monarquia, sobre o feudalismo. Em toda a Europa, mesmo nas áreas mais remotas que a circundam e não passaram pela fase feudal, o poder da realeza de repente ganhou vantagem. Atrás dos Pirineus, dois dos grupos de língua românica da área se uniram para formar o Reino da Espanha e subjugaram a nação de língua provençal de Aragão à língua escrita castelhana. O terceiro grupo consolidou sua área linguística, com exceção da Galícia, no Reino de Portugal, a Holanda Ibérica; virou a face para o mar; e

provou seu direito a uma existência separada por sua atividade marítima. Na França, Luís XI finalmente – após a queda do estado tampão da Borgonha – criou uma unidade nacional monárquica no ainda muito limitado território francês com um efeito tão bom que seu sucessor já era capaz de se intrometer nas disputas italianas. O fato é que sua existência foi ameaçada apenas uma vez – pela Reforma – nos últimos anos. A Inglaterra finalmente havia desistido de suas guerras quixotescas de conquista na França: a longo prazo, ela teria se sangrado nessas guerras. A nobreza feudal inglesa buscou recreação substituta na Guerra das Rosas. Ela conseguiu mais do que esperava: despedaçando-se nessas guerras, trouxe a Casa de Tudor ao trono, e o poder real da Casa de Tudor superou tudo o que havia acontecido antes ou viria depois. Os países escandinavos há muito foram unificados. Após sua união com a Lituânia, a Polônia estava a caminho de seu período de maior glória, com um poder real ainda inalterado. Mesmo na Rússia, a derrubada dos príncipes e a eliminação do jugo tártaro andaram de mãos dadas e foram concluídas por Ivan III. Em toda a Europa, havia apenas dois países em que a monarquia e a unidade nacional, na época era impossível sem ela, não existiam ou existiam apenas no papel: a Itália e a Alemanha.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Spruner-Menke, *Handatlas zur Geschichte des Mittelalters und der neueren Zeit*, 3rd Ed., Gotha 1874, map no. 32.

CARTA DE ENGELS A MARGARET HARKNESS

FRIEDRICH ENGELS

Neste segundo texto de Engels, também pouco conhecido, vemos agora o gigante opinar sobre arte, numa magnífica carta que nos dá a dimensão daquilo que o marxismo nos permite, sem censuras ou preconceitos: analisar, criticar e acima de tudo conhecer tudo aquilo que a humanidade acumulou, inclusive daqueles que não têm a mesma posição que nós. Antecipa e sustenta o que León Trotsky vai desenvolver em Literatura e Revolução no calor dos acontecimentos da Revolução de 1917. Em poucas linhas, numa deliciosa carta, Engels mostra a importância que os marxistas dão a todas as artes do campo estético ao histórico, de forma simples e objetiva.

A Redação

Londres, início de abril de 1888

Prezada senhorita Harkness,
Agradeço muito por me enviar sua “*City Girl*” por meio dos Srs. Vizetelly. Li-o com o maior prazer e afeição. É, de fato, como meu amigo Eichhoff, seu tradutor, chama: ein kleines Kunstwerk... [uma pequena obra de arte. DM]

Se tenho algo a criticar, é que talvez, afinal, a história não seja suficientemente realista. O realismo, a meu ver, implica, além da verdade do detalhe, a reprodução verdadeira de personagens típicos em circunstâncias típicas. Agora, seus personagens são típicos o suficiente, até onde vão; mas talvez as circunstâncias que os cercam e os fazem agir, talvez não sejam igualmente assim. Em “*City Girl*” as figuras da classe trabalhadora são uma massa passiva, incapaz de se ajudar e nem mesmo mostrar (fazer) qualquer tentativa de se ajudar. Todas as tentativas de arrancá-lo de sua entorpecida miséria vêm de fora, de cima. Agora, se esta foi uma descrição correta por volta de 1800 ou 1810, nos dias de Saint-Simon e Robert Owen, não pode parecer assim em 1887 para um homem que por quase cinquenta anos teve a honra de participar da maioria das lutas do proletariado militante. A reação rebelde da classe trabalhadora contra o meio opressor que os cerca, suas tentativas - convulsivas, semiconscientes ou conscientes - de recuperar sua condição de seres humanos, pertencem à história e devem, portanto, reivindicar um lugar no domínio do realismo.

Estou longe de criticar o fato de você não ter escrito um romance socialista

à queima-roupa, um “*Tendenzroman*” [romance de problemas sociais. DM], como nós, alemães, o chamamos, para glorificar as visões sociais e políticas dos autores. Não é isso que quero dizer. Quanto mais as opiniões do autor permanecerem ocultas, melhor para a obra de arte. O realismo a que aludo pode surgir mesmo apesar das opiniões do autor. Deixe-me referir a um exemplo. Balzac, que considero um mestre do realismo muito maior do que todos os Zolas “*passés, présents et a venir*” [passado, presente e futuro], em “*La Comédie humaine*” nos dá uma história maravilhosamente realista da ‘Sociedade’ francesa, especialmente da “*le monde parisien*” [o mundo social parisiense], descrevendo, em estilo de crônica, quase ano após ano, de 1816 a 1848, as progressivas incursões da burguesia nascente sobre a sociedade dos nobres, que se reconstituiu depois de 1815 e que se estabeleceu novamente, até agora quanto possível, o padrão de “*la viellie politesse française*” [refinamento francês]. Ele descreve como os últimos resquícios desta, para ele, sociedade modelo sucumbiram gradualmente diante da intrusão do arrivista vulgar e endinheirado, ou foram corrompidos por ele; como a grande dama, cujas infidelidades conjugais eram apenas um modo de se afirmar em perfeita conformidade com a maneira como fora disposta no casamento, cedeu lugar à burguesia, que chifrava o marido por dinheiro ou caxemira; e em torno desse quadro central ele agrupa uma história completa da sociedade francesa da qual, mesmo em detalhes econômicos (por exemplo, a reorganização da propriedade real e pessoal após a Revolução), aprendi mais do que de todos os

historiadores, economistas e estatísticos professos do período juntos.

Bem, Balzac era politicamente um legitimista; sua grande obra é uma constante elegia sobre a inevitável decadência da boa sociedade, suas simpatias estão todas com a classe condenada à extinção. Mas, apesar de tudo, sua sátira nunca é mais aguda, sua ironia nunca mais amarga do que quando ele põe em movimento os próprios homens e mulheres com quem simpatiza mais profundamente - os nobres. E os únicos homens de quem ele sempre fala com indisfarçável admiração são seus mais amargos antagonistas políticos, os heróis republicanos do *Cloître Saint-Méry*, os homens que naquela época (1830-6) eram de fato os representantes das massas populares. Que Balzac foi assim compelido a ir contra suas próprias simpatias de classe e preconceitos políticos, que viu a necessidade da queda de seus nobres favoritos e os descreveu como pessoas que não mereciam destino melhor; e que ele viu os homens reais do futuro onde, por enquanto, somente eles poderiam ser encontrados - isso eu considero um dos maiores triunfos do Realismo e uma das maiores características do velho Balzac.

Devo reconhecer, em sua defesa, que em nenhum lugar do mundo civilizado os trabalhadores são menos ativamente resistentes, mais passivamente submetidos ao destino, mais “*hébétés*” [perplexos] do que no “*East End*” de Londres. E como posso saber se você não teve muito boas razões para se contentar, por uma vez, com uma imagem do lado passivo da vida operária, reservando o lado ativo para outro trabalho?

SANGUE E OURO: A CONQUISTA ESPANHOLA DAS AMÉRICAS

JORGE MARTÍN E UBALDO OROPEZA

Quando os espanhóis chegaram às Américas, há 500 anos, encontraram diversas culturas em todo o continente, incluindo civilizações poderosas como a Mexica e a Inca. Neste artigo, Jorge Martín e Ubaldo Oropeza analisam os fundamentos materiais dessas ricas culturas, suas contradições internas, bem como as condições da própria Espanha contemporânea no momento da conquista. Somente compreendendo essas condições podemos, por sua vez, entender a devastação que a conquista causou e o papel mais amplo desses eventos na ascensão do capitalismo.

A Redação



Anon., Conquista do México por Cortés
(c. segunda metade do século XVII)

A conquista espanhola das Américas ocorreu há 500 anos. Alguém poderia pensar que este é um evento puramente histórico que pode ser analisado retrospectivamente. Mas não é. Na verdade, é uma parte importante da ideologia da classe dominante na Espanha. Não faz muito tempo, o ganhador do Prêmio Nobel peruano, Vargas Llosa, disse que “a América era uma Torre de Babel” de muitas línguas e, como resultado, “os americanos se mataram mutuamente”. Ainda mais ultrajante, ele afirmou que isso foi “resolvido” com a

introdução da língua espanhola, que “uniu os latino-americanos em uma grande fraternidade”.

A historiografia oficial espanhola da conquista fala de “um encontro de civilizações”, dos conquistadores espanhóis trazendo cultura aos nativos selvagens e evangelizando pacificamente os indígenas na fé cristã. Além disso, dizemos, esta tarefa foi realizada por um pequeno grupo de homens corajosos contra todas as probabilidades.

Isso tudo é puro lixo. A conquista espanhola da América não foi um “encontro de civilizações”, mas um

evento sangrento em que os conquistadores usaram os métodos mais brutais de terror para subjugar povos inteiros. Foi impulsionada pela sede de ouro e pela pilhagem e levou à destruição total das culturas indígenas.

O que precisamos é de uma abordagem materialista para este evento histórico. Que diferentes culturas e povos existiam no continente americano antes da conquista espanhola? Qual era o caráter da Espanha nos séculos XV e XVI? Qual foi a força motriz por trás da conquista? E qual foi o seu resultado?



Um mural de Diego Rivera retratando os canteiros agrícolas de chinampa no lago

AMÉRICA

Começamos pela questão dos diferentes povos que existiam na América antes da conquista espanhola. Suas sociedades estavam em estágios muito diferentes de desenvolvimento. Vale citar alguns exemplos. No norte, viviam os Inuit e os Aleut, que viviam principalmente da caça de ursos polares, baleias, focas e morsas, bem como da pesca. Suas ferramentas eram arpões com ponta de osso e viviam em iglus. No noroeste, havia os Tlingit, que eram pescadores e coletores de plantas e frutas silvestres. Não conheciam a agricultura nem a criação de gado.

No nordeste, havia os Iroqueses e grupos semelhantes, estudados pelo antropólogo Lewis Henry Morgan no século 19, em cujos escritos Engels baseou-se fortemente. Possuíam uma agricultura primitiva,

colhiam e caçavam, esculpiam a madeira e a pedra e viviam em grandes casas que eram divididas entre várias famílias. No sul do que hoje são os Estados Unidos, havia muitas tribos como os Comanches e os Cheyenes. Suas armas eram arcos e flechas, e eles caçavam bisões. No sudoeste, estavam os indígenas Pueblo, que plantavam abóbora, feijão, milho e algodão por meio da irrigação e, com isso, fundaram aldeias que reuniam cerca de mil pessoas. No oeste da América do Norte viviam pequenas tribos de caçadores-coletores.

Na Amazônia encontramos tribos como os Tupi-guarani e os Kalinago (Caribs) que usavam armas de madeira. No extremo sul do continente, havia tribos em estágio muito inicial de desenvolvimento, que subsistiam da coleta de moluscos, raízes

e plantas. Nos pampas (campos no leste da atual Argentina e sul do Brasil), as tribos caçavam o guanaco (um parente da lhama) com boleadeira (uma arma de arremesso feita de pesos amarrados a cordas).

Em quase todas as sociedades mencionadas que conquistaram a agricultura e se assentaram, as tarefas básicas da sociedade eram realizadas coletivamente; a terra era de propriedade comunal; e a sociedade era organizada com base em grupos familiares, como a gens identificada por Morgan. A partir dessa organização, poderiam ser estabelecidas estruturas mais elaboradas, como fraternidades, tribos e povos, como os Muiscas (parte do grupo linguístico Chibcha), que viviam no território que hoje é a Colômbia e se organizavam em uma confederação flexível.

Entre os povos que desenvolviam a agricultura, mas não a propriedade privada, estavam os Tainos nas ilhas caribenhas. Assim os descreveu o historiador italiano a serviço da conquista espanhola, Pietro Martire d'Anghiera:

“Está provado que entre eles a terra é de todos, assim como o sol ou a água. Eles não sabem distinguir entre meu e tuum [meu e teu - ed], essa fonte de todos os males. É de fato uma idade de ouro, sem valas, nem sebes, nem muros para cercar seus domínios; vivem em jardins abertos a todos, sem leis e sem juízes; sua conduta é naturalmente equitativa, e quem fere o seu próximo é considerado criminoso e fora da lei.”¹

Mas havia também vários povos entre os quais se desenvolveram sociedades mais complexas, com uma estratificação social e um Estado. A agricultura e as sociedades urbanas surgiram independentemente em diferentes partes do mundo; entre eles estava a civilização do Norte Chico, no norte do atual Peru, e os olmecas, na Mesoamérica.

Do ponto de vista do materialismo histórico, o que chama a atenção é a maneira como os mesmos processos ocorreram independentemente em diferentes partes do mundo. Uma vez descoberta, a agricultura deu um poderoso impulso ao sedentarismo de grupos humanos, à construção de aldeias e aglomerados urbanos de grande escala, e à produção de um excedente para além dos produtos necessários à reprodução da vida. Isso acabou levando ao surgimento da sociedade de classes; começando com o desenvolvimento de um grupo distinto na sociedade como uma casta

sacerdotal ou guerreira, composta por homens libertados da luta diária pela sobrevivência e que viviam do produto excedente da sociedade, o que culminou no estabelecimento da exploração de classe e do Estado.

O mesmo processo ocorreu ao longo do vale do rio Nilo, no Crescente Fértil, no vale do Indo e na planície do norte da China. Embora com atraso, exatamente o mesmo processo ocorreu no continente americano, na costa andina e na Mesoamérica. Esse desenvolvimento foi totalmente autônomo, ocorrendo entre uma população que permaneceu amplamente isolada de grupos humanos na massa de terra da Eurásia por dezenas de milhares de anos.

As civilizações mais avançadas que se desenvolveram na América antes da conquista espanhola foram os maias na América Central, os incas² no que hoje é o Peru e os mexicas – às vezes também chamados de astecas³ – no vale do México. Eles já haviam desenvolvido estruturas estatais e, paralelamente, um alto grau de estratificação social, antes da chegada dos espanhóis.

Na época da conquista espanhola, a civilização maia já havia passado do seu auge. Na época do Período Clássico (250-900 dC), eles desenvolveram independentemente um sistema de escrita, tinham uma astronomia muito avançada e um calendário mais preciso do que seu contemporâneo europeu, como explica Alan Woods:

“Os maias, além de seus belos templos, escrita hieroglífica complexa, joias e esculturas requintadas, ouro delicado e obras de arte sofisticadas, fizeram descobertas científicas surpreendentes, tão interessantes quanto as do antigo Egito. Eles tinham um conhecimento incrível sobre as plantas e o sistema solar. Sua matemática era muito precisa. O sistema de contabilidade maia estava à

*frente do usado na Europa. Eles usaram o zero e criaram um sistema vigesimal (baseado em 20), separando os dígitos em grupos de cinco unidades. Os manuscritos sobreviventes mostram que os maias calcularam a órbita de Vênus ao redor do Sol (584 dias). Eles também calcularam a órbita da Terra em 365,2420 dias. Isso é mais preciso do que o calendário gregoriano usado na Europa na época. Infelizmente, poucos desses manuscritos brilhantes sobreviveram. O bispo espanhol Diego de Landa queimou todos os manuscritos e obras de arte maias que pôde encontrar, porque pensou que tudo o que continham eram superstições e mentiras do diabo. O pouco que nos resta revela o que o mundo perdeu, como resultado do vandalismo cultural da Igreja”.*⁴

Os Inca e os Mexica possuíam um sistema agrícola altamente desenvolvido. Eles também extraíam e processavam o ouro e a prata, que eram usados como ornamentos. Havia uma hierarquia social muito marcada, com os guerreiros, as famílias nobres e a casta religiosa formando camadas distintas e privilegiadas. Essas civilizações dominaram suas regiões e sociedades vizinhas e extraíram tributos delas. Um Estado já havia surgido como um órgão centralizado com vida própria, e a propriedade coletiva da terra pela comunidade estava sob sua gestão geral. A divisão do trabalho e a especialização dos diferentes instrumentos de produção também se acentuaram.

Tanto a sociedade inca quanto a mexica tinham uma série de características comuns. Seu modo de produção era semelhante. Baseava-se, no fundo, na propriedade comum da terra pela comunidade organizada como um grupo de parentesco. O Inca a chamava de ayllu, o Mexica, de calpulli. Acima da comunidade local erguia-se o Estado, que extraía uma

parte do produto excedente na forma de tributo, em espécie ou em tempo de trabalho. Este tributo era então usado para realizar obras públicas, que eram úteis para a comunidade, mas que cada comunidade individualmente não poderia realizar por conta própria. Estas incluíram, por exemplo, obras de irrigação, silos de armazenamento de alimentos para fornecer poder de recuperação em períodos de quebra de safra, estradas etc. Claro, o tributo extraído pelo Estado também foi usado pela casta sacerdotal e pela burocracia estatal no topo do Estado para consumo de luxo e para obras religiosas e monumentais que, por sua vez, reforçavam seu poder e autoridade.

Estas eram sociedades complexas e desenvolvidas que possuíam um Estado, mas não eram feudais (onde o camponês individual paga tributo e serviços de trabalho ao senhor individual como o proprietário da terra), e não eram baseadas na escravidão (onde o proprietário individual de escravos é dono de muitos escravos, que trabalham nas terras de sua propriedade). Esse modo de produção tinha muitas das características do que Marx e Engels chamavam de “Modo Asiático de Produção”. Aqui, a principal unidade de produção era a comuna agrícola. Não havia propriedade privada da terra, e a comuna como um todo pagava tributo – não a um senhor individual, mas ao Estado.

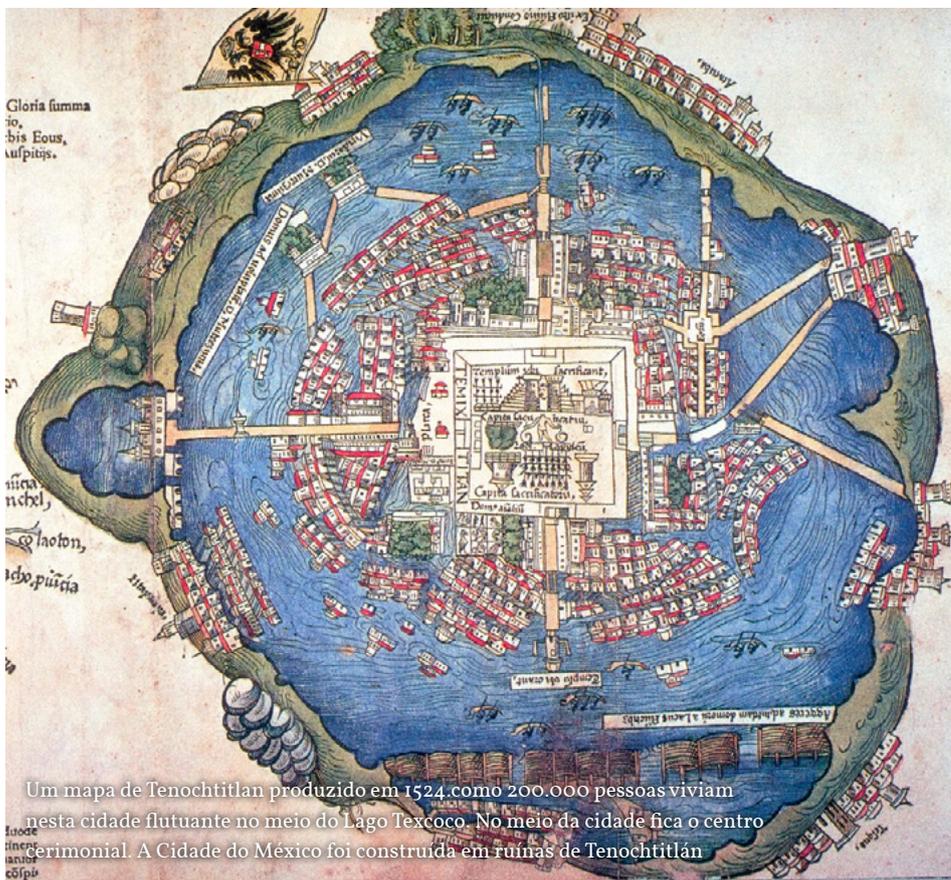
O INCA

A civilização Inca era conhecida como Tawantinsuyu (“as quatro partes”). Ela ganhou destaque no século 13 nas terras altas dos Andes. Inca foi o nome dado à elite governante, com o Sapa Inka sendo o governante supremo e, por extensão, à civilização como um todo. Foi construída sobre os remanescentes de sociedades anteriores, particularmente os Tiwanako e os Wari. A partir de 1438, sob o governo de Pachakuti Inka Yupanki iniciou sua expansão territorial. No seu auge, atingiu 3.000 quilômetros quadrados, estendendo-se da Colômbia ao Chile e Argentina, desde a orla da selva amazônica no leste até a costa do Pacífico no oeste, com cerca de 12 milhões de habitantes no total.

Sua agricultura baseava-se em terraços ao longo das altíssimas montanhas andinas. O Estado presidia um complexo sistema de canais e aquedutos de irrigação, reservas de alimentos para uso em anos de quebra de safra, uso de fertilizantes, criação seletiva de diferentes variedades de



Machu Picchu e o Vale Sagrado no Peru
Image: David Berkowitz



Um mapa de Tenochtitlan produzido em 1524, como 200.000 pessoas viviam nesta cidade flutuante no meio do Lago Texcoco. No meio da cidade fica o centro cerimonial. A Cidade do México foi construída em ruínas de Tenochtitlán

plantas e tubérculos, uso de diferentes ecossistemas e intercâmbio entre eles, e a conservação dos alimentos por congelamento ou secagem (técnica conhecida como charqui para carne, da qual deriva a palavra “jerk” e chuño para batatas).

Eles haviam domesticado com sucesso a lhama e a alpaca, que eram usadas para carne e lã, bem como meios de transporte. Eram espécies muito bem adaptadas para estradas de montanha íngremes, mas essas estradas não eram aptas para o uso de carroças e, portanto, os incas nunca desenvolveram o transporte com rodas.

Eles possuíam uma impressionante arquitetura monumental e um elaborado sistema de estradas. Trabalhavam o ouro e a prata para fins ornamentais, eram avançados no uso da cerâmica e eram muito habilidosos na fabricação de tecidos.

Os ayllu – ou seja, as comunidades aldeãs na base da civilização inca – pagavam tributo em trabalho. A terra que os ayllu cultivavam era dividida em três partes: a produção de uma delas era dada ao Inca – ou seja, à elite dirigente; outra era dada ao templo; e uma terceira parte era reservada para a própria comunidade. Além de trabalhar na terra do Inca e do templo, os membros do ayllu também forneciam um certo número de dias de trabalho todos os anos

(o mit'a) que eram utilizados para obras públicas (irrigação, estradas, palácios) e também para a guerra.

No conjunto, isso formava uma estrita organização do trabalho e de divisão da sociedade. Havia muito pouco a modo de comércio. A burocracia estatal redistribuía o excedente e organizava a troca entre as diferentes partes da sociedade. Embora não tenham desenvolvido um sistema de escrita completo, eles tinham o khipu, um elaborado sistema de nós que eram usados para manter um registro dos tributos, o número de pessoas em cada ayllu etc. Estudos recentes revelaram que este era um sistema muito complexo de armazenar informações em um código binário de sete bits.⁵

O MEXICA

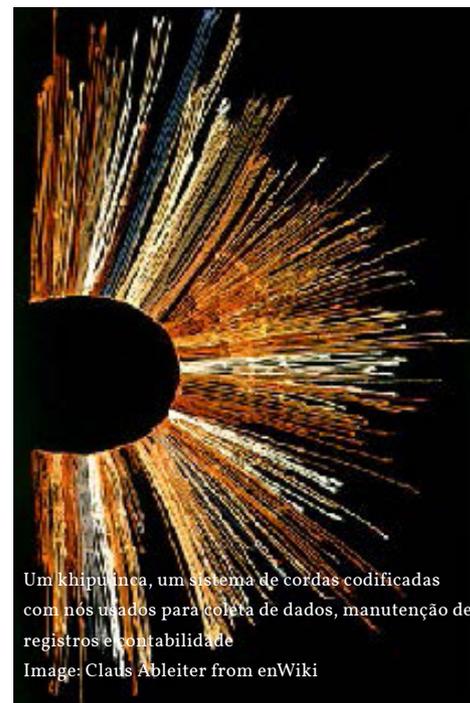
Segundo a lenda, os mexicas haviam migrado das terras de aztlán, no norte, para o vale central do México, onde vários povos já haviam se estabelecido. Com a maior parte das terras próximas já habitadas por outras tribos, os mexicas tiveram que construir sua cidade, Mexico-Tenochtitlan, no lago Texcoco, recuperando terras do lago, em 1325. Esta foi uma façanha de engenharia inspiradora considerando o nível tecnológico da sociedade mexica. Sua cultura baseou-se nas tradições e nos desenvolvimentos das sociedades que os precederam, como a Teotihuacan e a Olmeca.

Por meio de uma aliança de três cidades com as vizinhas Texcoco e Tlacopan, progressivamente, por meio de conflitos armados, estabeleceram sua posição dominante sobre os demais povos da região. Esta Tríplice Aliança foi criada em 1427 e atingiu seu ápice em 1519. Mas o que originalmente era uma aliança de iguais, passou a ser totalmente dominada pelos mexicas.

Os mexicas baseavam sua agricultura nas chinampas, ilhas flutuantes construídas no lago de água doce. Eram feitas de junco e terra e eram extremamente férteis, produzindo até sete colheitas por ano. Isso foi combinado a um sistema de diques, valas e calçadas, que regulavam o nível da água nos lagos e separavam a água doce da salgada.

As chinampas altamente produtivas permitiram a rápida expansão de Tenochtitlan, que se tornou o principal centro de poder do império. Há uma grande discrepância nos números da população da cidade em 1519, quando chegaram os espanhóis, variando de 80.000 a 300.000. De qualquer forma, esta era uma cidade enorme, maior do que qualquer cidade contemporânea na Espanha. Sua população era comparável com as maiores cidades da Europa na época, como Paris (225.000) ou Nápoles (125.000).

A agricultura mexica baseava-se no milho, tomate, batata-doce, cacau, algodão, pimenta malagueta, abóbora e feijão trepadeira, entre outras hortaliças. Eles herdaram o milpa, um sistema de três cultivos muito eficiente (milho, feijão trepadeira e abóbora) dos povos que



Um khipu inca, um sistema de cordas codificadas com nós usados para coleta de dados, manutenção de registros e contabilidade

Image: Claus Ableiter from enWiki

os precederam no México central, o que lhes permitiu reduzir o tempo de pousio da terra. Eles também haviam domesticado o peru.

Ao contrário dos incas, os mexicas tinham um sistema de comércio muito desenvolvido, conduzido por um dedicado grupo social de comerciantes, os pochtecas, que também atuavam como espiões e agentes do império entre os outros povos. Eles provavelmente se originaram como um calpulli – isto é, um dos grupos de parentesco que formam a base da civilização mexica – que então se especializou e adquiriu um grau de autonomia e poder em virtude do importante papel que desempenhava.

A expansão do Império Mexica foi muito rápida. Baseava-se na extração de tributos dos povos subjugados. Dependendo de seu nível de resistência ao poder central, essas pessoas podiam manter suas próprias estruturas políticas; tiveram um cobrador de impostos imposto sobre eles, mas mantiveram sua estrutura política; ou então tiveram regras diretas impostas a eles.

LIMITAÇÕES

As civilizações americanas enfrentaram uma série de restrições. A principal delas era a falta de grandes animais domesticáveis, que pudessem servir de meio de transporte ou para puxar arados para a agricultura. As lhamas eram limitadas na quantidade que podiam transportar e o terreno das montanhas andinas impedia seu uso para esse fim. Os mexicas conheciam a roda, que usavam para os brinquedos. Mas não a utilizavam para carroças e transporte, pois careciam de animais de tração. O lago Texcoco permitia o transporte rápido em canoas. O restante tinha que ser realizado manualmente por meio de um sistema de revezamento por tamemes especializados que carregavam cargas de até 23kg nas costas, auxiliados pelo mecapal, cordas que ficavam apoiadas na cabeça, por distâncias de até 20 km. Nem a civilização Inca nem a Mexica usavam a roda de oleiro.

Embora sua metalurgia ornamental fosse muito sofisticada, nenhuma das duas civilizações desenvolveu a fundição do ferro, e o bronze era usado apenas esporadicamente. Em vez disso, os mexicas usavam pedras de obsidiana muito resistentes (que são mais afiadas e duras que o aço, embora sejam mais friáveis e não possam ser fundidas novamente) para suas armas de batalha.

Em geral, essas sociedades eram fortemente baseadas na exploração do trabalho humano, e não no desenvolvimento tecnológico, e isso retardou seu desenvolvimento geral. Na época em que os conquistadores espanhóis chegaram, as civilizações mexica e inca pareciam ter atingido o limite de sua expansão territorial e, como resultado, estavam repletas de contradições internas e descontentamento entre os povos recém-conquistados.

A relação entre a comunidade agrária na base dessas sociedades e o Estado acima dela era baseada no benefício mútuo. O Estado extraía excedentes da comuna e, em troca, organizava obras públicas necessárias e úteis. Mas com a expansão geográfica do Estado, o custo de manutenção de sua burocracia também cresceu. As obras monumentais tornaram-se cada vez mais onerosas. O que os povos recém-conquistados ganharam com tal dominação foi cada vez mais ofuscado pelo que eles perderam. A relação era cada vez menos favorável à comuna.

Em ambas as civilizações, havia sinais que apontavam para o desenvolvimento da propriedade privada e do trabalho escravo. Entre os mexicas, vimos o surgimento de uma classe de nobres (pipiltin), que tiveram terras alocadas a eles (pillali) pelo governante supremo, o huey tlatoni; terras que eram trabalhadas por mayeques, camponeses que não pertenciam a nenhum calpulli e estavam ligados à terra, com algumas características semelhantes aos servos. A terra alocada ao pipiltin poderia ser transmitida por herança, mas o pipiltin tinha que pagar serviços ao huey tlatoni em troca.



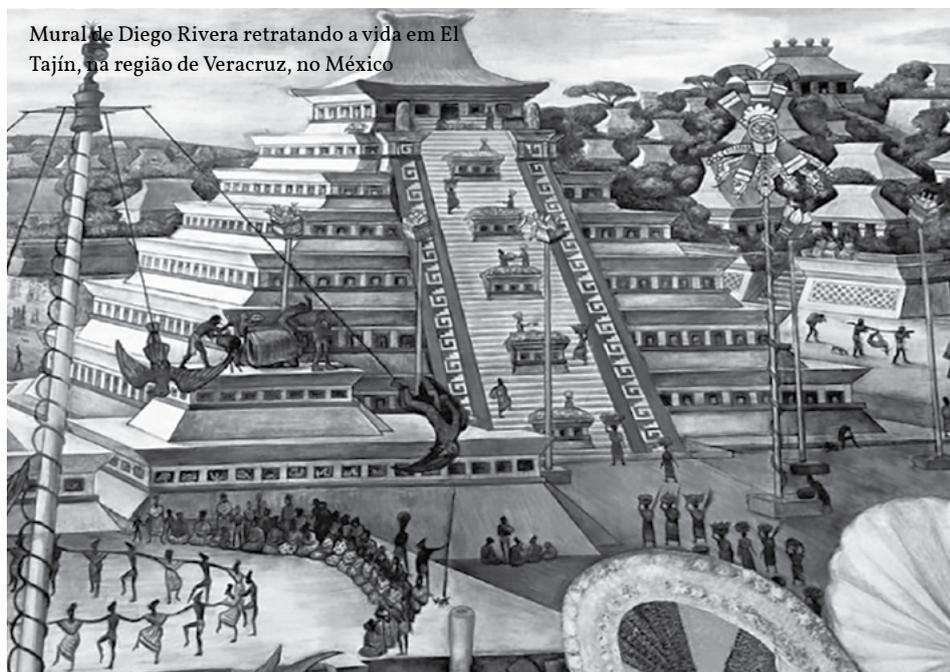
Calendário Asteca

Image: Juan Carlos Fonseca

Mata via National Museum of Anthropology, Mexico City

Havia outra camada de novos nobres, tectecutzin, cujo status era adquirido por serviços notáveis na guerra. Eles também receberam terras (tecpillalli), que eram trabalhadas por camponeses conhecidos como tecallec, que faziam parte de um calpulli e que, portanto, tinham acesso à terra comunal. Em vez de homenagear o huey tlatoni, no entanto, eles homenageavam o próprio tectecutzin, na forma de trabalho nas terras deste último. Os tectecutzin, porém, não podiam passar a terra para seus descendentes.

Em ambos os casos, o que vemos é o governante supremo – na qualidade de proprietário geral de todas as terras, inclusive as recém-conquistadas – dando concessões de usufruto (direito de usar e usufruir dos frutos da propriedade alheia) sobre certas terras para diferentes grupos de nobres, enquanto ele próprio permanecia como o proprietário geral por ser o principal representante do Estado.



Mural de Diego Rivera retratando a vida em El Tajín, na região de Veracruz, no México

Ao mesmo tempo, é claro que nesse percurso pode ter surgido uma forma de propriedade privada da terra.

Também existia uma classe de camponeses sem terra entre os mexicas, os tlacotin, que eram forçados a trabalhar a terra para o Estado. Isso talvez pudesse ter se desenvolvido na direção de um sistema de proprietários de escravos. Mas, em geral, os prisioneiros de guerra eram usados como sacrifícios humanos.

Contradições semelhantes, forças internas que pressionavam para a dissolução da propriedade da terra por parte da comuna, também existiam entre os incas.

É uma questão de especulação se tais sociedades teriam evoluído para o feudalismo ou talvez para a escravidão, não fosse a conquista espanhola. Alternativamente, talvez eles tivessem entrado em colapso sob o peso de suas próprias contradições, voltando às comunas agrícolas, iniciando um novo ciclo que levaria ao surgimento de uma nova estrutura estatal. Este foi o caso de sociedades semelhantes que as precederam na região, notadamente a Teotihuacan, a Tiwanaku e a Maya.

ESPANHA

A Espanha do século XV foi o produto do desenvolvimento geral do feudalismo na Europa, mas também tinha algumas características peculiares a si mesma.

O século XIV foi um período de crise para a Europa feudal. Quebras de safra e epidemias levaram ao descontentamento e a uma onda de revoltas camponesas em toda a Europa que continuaram no século seguinte. Isso acabou levando ao surgimento de poderosas monarquias absolutas, que se equilibravam entre a burguesia nascente nas cidades e a nobreza feudal. A Espanha foi notável como um dos primeiros exemplos desse processo sob Carlos I, que foi rei da Espanha de 1516 a 1556, bem como imperador do Sacro Império Romano, que governou como Carlos V.

O período também testemunhou o surgimento precoce do capital mercantil. Na Espanha, esse processo se concentrou na Catalunha, parte da Coroa de Aragão, que chegou a dominar o comércio mediterrâneo.

A unificação da Espanha ocorreu durante a guerra de séculos contra os reinos mouros. A “Reconquista” foi concluída em 1492 com a conquista de Granada no mesmo ano em que Colombo chegou ao Caribe. As guerras na Espanha criaram uma grande camada de cavaleiros

e nobres de nível inferior, acostumados a lutar pela pilhagem, mas geralmente empobrecidos. Esses fidalgos se tornaram a espinha dorsal da conquista da América.

As guerras contra os mouros foram conduzidas sob a bandeira da cristandade. No âmbito do processo de unificação espanhola, personificado no casamento do rei Fernando de Aragão e da rainha Isabel de Castela, foi criada uma instituição especial, conhecida como Santa Inquisição, dedicada à perseguição da heresia religiosa e dos infiéis. Isso teve um papel significativo na conquista das Américas, que foi conduzida sob a bandeira da fé católica e com o objetivo declarado de evangelizar os nativos.

O processo de unificação espanhola coincidiu no tempo com a expulsão dos judeus da Espanha em 1492, e com a perseguição, conversão forçada e posteriormente a expulsão dos muçulmanos também da Espanha. Em suma, a Espanha não se unificou com base em uma revolução burguesa, abrindo caminho para o desenvolvimento econômico capitalista, mas sim com base na reação ideológica religiosa.

Então, o que motivou a viagem de Colombo? Ele era de Gênova, que havia estabelecido uma poderosa República mercantil marítima, e estava procurando uma rota comercial para a China e a Índia através do Oriente. A rota terrestre direta havia sido bloqueada pela queda de Constantinopla em 1453. Todo o empreendimento foi, portanto, motivado pelo interesse comercial e financiado pelo capital comercial. Acima de tudo, foi impulsionado pela busca de ouro.

Engels explica o processo de forma brilhante:

“Quão profundamente os fundamentos da feudalidade foram enfraquecidos e sua estrutura corroída pelo dinheiro por volta do final do século XV, é notavelmente evidente na ânsia de ouro que dominava a Europa Ocidental nessa época. Era o ouro que os portugueses procuravam na costa africana, na Índia e em todo o Extremo Oriente; ouro foi a palavra mágica que atraiu os espanhóis através do oceano para a América; ouro foi a primeira coisa que os brancos pediam quando pisavam em uma costa recém-descoberta. Mas essa compulsão de embarcar em aventuras distantes em busca de ouro, por mais feudais que fossem as formas que assumiu no início, era, no entanto, basicamente incompatível com o feudalismo, cuja base era a agricultura e cujas conquistas eram direcionadas à aquisição de terras. A isso deve-se acrescentar que a navegação era definitivamente um negócio burguês, um fato que marcou toda a marinha moderna com um caráter antifeudal.”⁶

Assim, as formas que a conquista da América assumiu foram feudais. Mas o conteúdo era definitivamente burguês e impulsionado pelo capital mercantil.

Além disso, deve-se explicar que a viagem à América e sua conquista foram possíveis por uma série de desenvolvimentos tecnológicos, que não eram nada espanhóis. Entre eles estavam o astrolábio (que possibilitou medições astronômicas no mar), a bússola e a pólvora (que possibilitou armas de fogo primitivas, como canhões e arcabuzes).

O navio que os espanhóis usavam era principalmente o caravel [caravela], um barco relativamente pequeno, mas altamente manobrável, desenvolvido na luta contra os piratas no Mediterrâneo e implantado pelos portugueses em sua exploração e espoliação da África e de algumas ilhas do Atlântico. Isso foi complementado



Emanuel Leutze, Columbus Before the Queen (1843)

pela nau maior. Esses navios eram equipados com a vela latina, que lhes permitia navegar a barlavento (ou seja, contra o vento). Os navegadores e exploradores portugueses também aprimoraram a compreensão das correntes oceânicas.

O modelo de colonização da América havia sido estabelecido pela colonização portuguesa das ilhas atlânticas.

A isso devemos acrescentar a espada e a armadura de aço, que os espanhóis aperfeiçoaram em séculos de guerra; e a técnica da cavalgada a la jineta, que adotaram dos mouros contra os quais lutaram.

A Espanha, portanto, incorporou todas essas contradições na época da conquista. Era um país feudal, dominado pelo obscurantismo católico, mas ao mesmo tempo impulsionado através do Atlântico pelo poderoso impulso do capital mercantil, que ao longo dos séculos havia crescido no seio da sociedade feudal, mas era antagônico a ela. Foi capaz de realizar a conquista da América usando a técnica acumulada e o conhecimento de toda a massa terrestre da Eurásia.

CONQUISTA

A conquista em si foi um caso brutal. Primeiro, os conquistadores espanhóis chegaram às ilhas do Caribe. Eles escravizaram as populações locais dos “índios” Taino por meios extremamente brutais. Quando os Tainos resistiram e se rebelaram, foram massacrados. Os espanhóis usaram métodos cruéis de terror para punir os rebeldes, que defendiam suas terras e meios de subsistência, como um aviso para os outros. Cortavam narizes, orelhas, mãos, queimavam-nos na fogueira, desmembravam-nos e estripavam-nos. Entre as armas usadas pelos espanhóis estavam cães mastins especialmente treinados, que devastariam os locais.

O padre espanhol Bartolomé de las Casas escreveu um relato de testemunha ocular dos métodos horríveis empregados pelos espanhóis em “*A Short Account of the Destruction of the Indies*”:

“[...] com seus cavalos e espadas e lanças, os espanhóis facilmente os rechaçavam, matando-os e cometendo todo tipo de atrocidades contra eles. Eles invadiram os assentamentos nativos, massacrando todos que encontraram lá, incluindo crianças pequenas, velhos, mulheres grávidas e até mulheres que acabaram de dar à luz. Eles os cortaram em pedaços, abrindo suas barrigas com suas espadas como se fossem ovelhas reunidas em um curral. Eles até apostaram se

conseguiriam cortar um homem em dois de uma só vez, ou separar a cabeça de um indivíduo de seu corpo, ou estripá-lo com um único golpe de seus machados. Eles agarraram os bebês pelos pés e, arrancando-os dos seios de suas mães, os jogaram de cabeça contra as rochas. Outros, rindo e brincando o tempo todo, os jogaram por cima dos ombros em um rio, gritando: ‘Contorça-se, seu pequeno perecível’. Eles não pouparam ninguém, erguendo cadafalsos especialmente largos nos quais podiam amarrar suas vítimas com os pés acima do chão e então queimá-los vivos treze de cada vez, em homenagem ao nosso Salvador e aos doze Apóstolos, ou amarrar palha seca em seus corpos, ateando fogo. Alguns escolheram manter vivos e simplesmente cortaram os pulsos, deixando as mãos penduradas, dizendo-lhes: ‘Peguem esta carta’ – o que significa que sua condição lamentável serviria de alerta para aqueles que se escondiam nas colinas. A maneira como eles normalmente lidavam com os líderes e nobres nativos era amarrá-los a uma espécie de grelha que consistia em troncos apoiados em forçados cravados no chão e depois assá-los em fogo lento, resultando em uivos de agonia e desespero enquanto morriam uma morte lenta.

Certa vez, eu mesmo testemunhei quatro ou cinco líderes locais sendo interrogados dessa maneira (e acredito que eles instalaram dois ou três outros pares de grelhas ao lado para que pudessem processar outras vítimas ao mesmo tempo) quando os pobres uivos de criaturas se interpuseram entre o comandante espanhol e seu sono. Ele deu ordens para que os prisioneiros fossem estrangulados, mas o homem encarregado da equipe de execução, que era mais sanguinário do que o carrasco comum (conheço sua identidade e até conheci alguns parentes dele em Sevilha), relutou em interromper seu entretenimento privado estrangulando-os e então ele pessoalmente enfiou batoques de madeira em suas bocas para impedi-los de fazer tanto barulho e deliberadamente atijando o fogo para que demorassem tanto para morrer quanto ele próprio quisesse. Eu vi todas essas coisas por mim mesmo e muitos outros. E, como todos os que podiam se lançavam às colinas e montanhas para escapar das garras desses açougueiros impiedosos e desumanos, esses inimigos mortais da humanidade treinaram cães de caça para rastrear-los – cães selvagens que matariam selvagemmente um nativo assim que o encontrasse, despedaçando-o e devorando sua carne como se fosse um porco. Esses cães causaram estragos entre os nativos e foram responsáveis por muitas carnificinas. E quando, como aconteceu em raras ocasiões, os locais matavam um europeu,

para o que, dada a enormidade dos crimes cometidos contra eles, eles tinham todo o direito, os espanhóis chegaram a um acordo oficioso entre si de que para cada Europeu morto cem nativos seriam executados.”⁷

No massacre de Jaragua, em julho de 1503, na ilha de Hispaniola, 300 conquistadores, liderados pelo governante espanhol Ovando, massacraram os líderes do povo Taino que eram liderados por Anacaona, uma cacique (chefe). Os líderes dos Tainos foram convocados para uma festa e foram massacrados pelos conquistadores espanhóis, 80 deles foram queimados vivos e o cacique Anacaona foi enforcado como exemplo para os demais.

As condições intoleráveis a que os locais foram submetidos nas minas do Caribe levaram a um número massivo de mortos. Outros cometeram suicídio e mulheres abortaram seus bebês ainda não nascidos. Tais eram as terríveis condições da escravidão que eles não achavam que valia a pena continuar vivendo.

O extermínio maciço de habitantes locais no Caribe teve duas consequências importantes. Uma delas foi a introdução da escravidão nas plantações, que se originou com o uso de escravos indígenas capturados em outros territórios, e passou para o transporte forçado de escravos africanos com o desenvolvimento do tráfico negreiro transatlântico. A outra consequência foi o impulso para a pilhagem de outras terras, a oeste, norte e sul das ilhas do Caribe, levando eventualmente à conquista do México.

A questão permanece: como foi possível para um pequeno número de espanhóis – 400 no início e talvez 1.100 no auge – conquistar e subjugar os mexicas, uma civilização desenvolvida e habilidosa na guerra? E, lembrem-se, isso foi feito em uma campanha relativamente curta, que começou em fevereiro de 1519 e terminou em agosto de 1521.

Do lado dos espanhóis havia, claro, o elemento surpresa. Os povos locais nunca tinham visto cavalos nem cães mastins, muito menos o seu emprego na guerra. Nunca haviam experimentado armas de fogo, muito menos os canhões e arcabuzes que os espanhóis possuíam. As espadas e lanças de aço espanholas também lhes deram uma vantagem. As diferentes técnicas de guerra refletiam diferentes objetivos: usando o combate corpo a corpo, os locais visavam principalmente capturar prisioneiros, em vez de matar



Pag. 8.



P. 9. 31. 54. 99.



Pag. 8.



Pag. 14. 15. 51. 81.



P. 14. 25. 65.



P. 44.

Ilustrações de crueldades dos espanhóis contra os nativos nas Américas, de Bartolomé de las Casas

o inimigo como os espanhóis faziam. Os habitantes locais lutavam em grandes grupos, enviando onda após onda de combatentes para se envolver nesta guerra corpo a corpo. Os espanhóis, ao contrário, usaram manobras e esquadrões bem unidos.

No entanto, armamento superior é insuficiente para explicar como algumas centenas de espanhóis derrotaram um grande império com dezenas de milhares de guerreiros. Além disso, algumas das armas espanholas não eram tão úteis nas condições da América. A pólvora, por exemplo, era escassa e tornava-se facilmente úmida em condições tropicais. O arcabuz era uma arma muito lenta para recarregar e só podia ser disparada uma vez a cada dois minutos. Os espanhóis tinham apenas um punhado de canhões e um pequeno estoque de balas de canhão. A armadura de aço era muito pesada nas condições locais quentes e úmidas da Mesoamérica. De fato, foi muito rapidamente substituída pela armadura local mais confortável, composta por várias camadas de tecido de algodão. A superioridade tecnológica só poderia ser efetiva quando combinada com vários outros fatores.

Como mencionado acima, a sociedade mexica já havia atingido seus limites quando os espanhóis

chegaram. Os espanhóis, liderados pelo notário Hernán Cortés, usaram habilmente as contradições internas do império, aliando-se aos povos que os mexicas haviam subjugado.

As primeiras pessoas que encontraram quando desembarcaram em Lucatan foram os Totonac. Os espanhóis conseguiram reunir informações e estabelecer comunicação por meio de duas figuras que se tornaram muito importantes: Gerónimo de Aguilar, um padre espanhol que sobreviveu ao naufrágio de uma expedição anterior e viveu entre os Cocomes por oito anos e falava a língua maia; e Malintzin, uma nobre mexica que acabou sendo criada por pessoas de língua maia e que, portanto, falava nahuatl e maia.

Cortés prometeu ajudar os Totonac a se livrarem de seu tributo a Tenochtitlan, mas ao mesmo tempo disseram aos embaixadores mexicas que Cortés estava do lado deles. Foi com a ajuda de centenas de guerreiros Totonac de Cempoala que Cortés lutou contra os Tlaxcalans (ou Tlaxcaltecas). Os tlaxcalanos estavam em guerra com os mexicas há décadas e os mexicas impuseram um embargo a eles. Uma vez que os tlaxcalanos testemunharam as habilidades de luta e as armas dos espanhóis, eles decidiram que seriam aliados úteis contra os mexicas. Gradualmente,

outros povos também gravitaram na órbita dos espanhóis. Essas alianças só foram possíveis porque esses povos já estavam em conflito com os mexicas e ressentidos por ter que pagar tributo a eles.

As contradições internas do império mexica, portanto, desempenharam um papel importante. Mas, novamente, o fator das alianças não pode explicar tudo sozinho. Por que esses povos locais escolheram se aliar aos conquistadores? Porque eles viram que eram muito eficazes na luta.

Para solidificar essas alianças, Cortés usou métodos de terror. O exemplo mais importante disso foi o massacre de Cholula. Depois de se aliar aos tlaxcaltecas, decidiu dar uma lição na vizinha Cholula. Isso foi para aumentar sua reputação com os tlaxcaltecas, mas também para enviar uma mensagem a Montezuma, o governante supremo dos mexicas.

O massacre de Cholula começou quando Cortés acusou os primeiros de preparar uma traição em nome dos mexicas. Ele ordenou que os líderes locais fossem à praça da cidade e então o massacre começou. Assim o descreveu um cronista espanhol:

“[Cortés] mandou disparar a espingarda, que foi o sinal: e todos os espanhóis e seus amigos atacaram o povo da cidade com grande ímpeto e raiva. Fizeram-no

conforme a dificuldade em que se encontravam e em duas horas mataram mais de seis mil. Cortés ordenou que não matassem crianças ou mulheres. Eles lutaram por cinco horas, porque, como os habitantes da cidade estavam armados e as ruas barricadas, eles tinham defesa. Queimaram todas as casas e torres em que resistiam. Eles expulsaram toda a vizinhança; eles estavam manchados de sangue. Eles não pisavam em nada além de cadáveres. Subiram à torre principal, que tem cento e vinte degraus, até vinte cavaleiros, com muitos sacerdotes do mesmo templo; que com flechas e pedras causaram muitos estragos. Foram intimados, mas não se renderam, e assim, queimaram com o fogo que acenderam... A cidade foi saqueada. Os nossos levaram o saque de ouro, prata e penas, e os nossos amigos índios muita roupa e sal, que era o que mais desejavam, e destruíram o máximo possível, até que Cortés ordenasse que parassem.”⁸

Quando Cortés entrou no México-Tenochtitlan, a capital Mexica, pela primeira vez, seu exército consistia em 350-400 espanhóis, 8.000 Tlaxcaltecs, 2.000 Totonac e outras forças menores de Otomis e Huejotzingos.

Montezuma foi capturado pelos conquistadores. Formalmente, ele ainda era o governante supremo, mas de fato estava em prisão domiciliar e controlado pelos espanhóis e seus aliados. Em maio de 1520, Cortés deixou Tenochtitlan para ir a Veracruz para derrotar um exército enviado pelo governador de Cuba para subjugar-lo. Na sua ausência, o lugar-tenente de Cortés, Pedro de Alvarado, organizou um massacre da nobreza mexica, aproveitando as comemorações do festival Tōxcatl no Huēyī Tēōcalli (Grande Templo). Isso provocou uma revolta mexica, e os espanhóis e seus aliados foram forçados a fugir da cidade com grande perda de vidas.

Cortés então decidiu sitiar o México-Tenochtitlan, tendo conquistado para o seu lado a maioria das cidades ao redor do lago que antes eram afluentes do Mexica. A essa altura, o exército reunido por Cortés contava com cerca de 800 espanhóis e dezenas de milhares de guerreiros de povos aliados. Alguns cronistas espanhóis colocam o número em 100.000 guerreiros aliados, embora isso provavelmente seja um exagero.

O cerco brutal da cidade no lago começou em janeiro de 1531 e durou quase oito meses. À medida que os conquistadores e seus aliados avançavam, mais povos se juntavam a eles. Os mexicas resistiram bravamente, liderados primeiro por Cuitlahuac (irmão de Montezuma) e depois por Cuahtemoc (primo de Montezuma). Os espanhóis organizaram a construção de 13 bergantins, o que lhes deu uma vantagem no lago diante das canoas mexicas. A derrota final e sangrenta do México-Tenochtitlán foi em 13 de agosto de 1531.

A questão da qualidade da liderança também entrou na equação. Cortés era astuto – um político habilidoso e manipulador, movido pela sede de pilhagem. Já Montezuma parece ter se mostrado indeciso em momentos cruciais. Essa indecisão foi parcialmente resultado das contradições internas da estrutura política mexica.

Também é importante mencionar o papel das epidemias na conquista espanhola. Os espanhóis trouxeram toda uma série de doenças infecciosas desconhecidas nas Américas, entre elas a varíola e o sarampo. Essas doenças haviam passado principalmente de animais domésticos, cujas espécies eram desconhecidas nas Américas, para humanos. Os europeus estavam acostumados a epidemias há séculos e desenvolveram um certo grau de imunidade, mas os habitantes locais

da América nunca foram expostos a elas. Como consequência, as taxas de mortalidade eram extremamente altas, chegando talvez a 80% ou 90%. Isso não foi crucial no cerco de Tenochtitlan, pois afetou tanto os mexicas quanto os aliados dos espanhóis. Mas o impacto psicológico foi profundo, pois os povos locais viram como os espanhóis não eram afetados, enquanto eles próprios morriam em grande número.

PERU

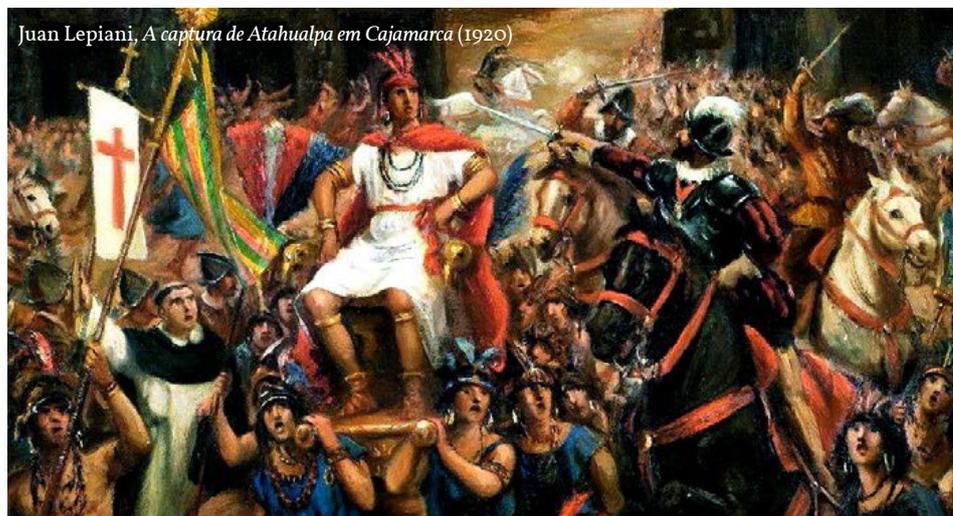
No entanto, as epidemias de origem espanhola tiveram um papel mais importante na conquista do Peru.

Esta última conquista ocorreu entre 1532 e 1572. Aqui, as forças espanholas eram ainda menores. Eles eram liderados por Pizarro, um conquistador particularmente implacável e rude, e ainda por cima um analfabeto. Ele tinha menos de 200 lutadores na batalha crucial de Cajamarca em 1532, na qual capturou Atahualpa, o último imperador inca.

No Peru, a epidemia trazida pelos espanhóis para as Américas precedeu a chegada dos conquistadores, provavelmente vinda da Colômbia por via terrestre. Milhares estavam morrendo de uma doença até então desconhecida, para a qual não havia cura conhecida. Imaginem o impacto da Covid-19 e multiplique-o mil vezes.

Além disso, Pizarro havia chegado no meio de uma guerra civil pela sucessão do falecido imperador Huayna Capac. Ele havia morrido em circunstâncias misteriosas – talvez da própria epidemia de varíola. A guerra civil entre os irmãos Huascar e Atahualpa, que eclodiu após a morte de Huayna Capac, foi habilmente manipulada por Pizarro que apoiou primeiro um depois o outro irmão, a fim de conquistar o império Inca.

Novamente, como no caso Mexica, a captura de Atahualpa desempenhou um papel crucial na dominação do Inca. Como no caso do massacre do Grande Templo em Tenochtitlan, a captura assumiu a forma de um ato brutal de traição. Os incas foram convencidos a entrar em paz em Cajamarca, com uma comitiva de apenas 8.000 combatentes, de uma força de combate dez vezes maior. Uma vez dentro de uma praça fechada, o grupo em grande parte desarmado foi atacado pelos espanhóis e massacrado. A captura do Sapa Inka, o principal governante, que se supunha ser filho do deus Sol Inti e era considerado uma figura divina, teve um tremendo impacto



Juan Lepiani, A captura de Atahualpa em Cajamarca (1920)

psicológico, que desorientou e desorganizou a resistência inca.

Após o assassinato de Atahualpa, os espanhóis instalaram um governante fantoche Inca, Tupac Huallpa. Mas houve uma nova rebelião, liderada primeiro por Manqu Inka e depois por Tupac Amaru. Eles estabeleceram um novo estado inca baseado em Vilcabamba, e os conquistadores espanhóis levaram décadas para derrotá-lo. Eles só puderam fazer isso contando com o apoio de vários povos locais que queriam se livrar do jugo inca. Como a luta durou várias décadas, os incas conseguiram adotar os métodos e técnicas de guerra dos espanhóis, incluindo o uso de cavalos e armas de fogo. Mas isso por si só foi insuficiente para superar as forças que tinham números superiores. Finalmente, em 1572, o Inka abandonou Vilcabamba e fugiu. Pouco depois, Tupac Amaru foi capturado e, após um julgamento simulado, foi executado publicamente.

No Peru, a epidemia trazida pelos espanhóis para as Américas precedeu a chegada dos conquistadores, provavelmente vinda da Colômbia por via terrestre

A conquista espanhola dos maias foi conduzida com métodos semelhantes, assassinatos brutais, alianças com povos locais contra outros, mas uma série de fatores tornou esta campanha muito mais difícil. Em primeiro lugar, o terreno, a selva densa e úmida e os pântanos eram muito menos favoráveis às técnicas de guerra espanholas e forneciam uma vantagem aos diferentes povos maias que usavam habilmente emboscadas contra os invasores. Em segundo lugar, os maias não eram governados por um único império (como era o caso dos mexicas e dos incas), mas sim organizados em uma série

de cidades-estados e pequenos reinos locais e regionais, que deveriam ser combatidos e derrotados um depois do outro.

Aqui, novamente, as epidemias desempenharam um papel crucial na conquista espanhola. Onda após onda de epidemias do Velho Mundo devastaram os povos indígenas da região, incluindo varíola, gripe, sarampo, tuberculose, malária, etc. Em alguns casos, a doença se espalhou antes mesmo do contato direto ou de qualquer combate. Alguns autores calculam que em algumas regiões até 90% da população maia pré-contato foi exterminada, em um século.

No entanto, os espanhóis foram derrotados várias vezes e mesmo quando conseguiram estabelecer o controle, houve frequentes rebeliões. Os povos maias rejeitaram a política das reduções, através da qual os conquistadores os reassentavam em novas aldeias, para que pudessem ser incorporados à administração colonial. Muitos simplesmente fugiram para áreas mais remotas ou se juntaram a outros grupos que ainda não haviam sido colonizados. O principal impulso da conquista dos maias ocorreu entre 1529 e 1546.

No entanto, havia áreas da selva Lancandon e do Petén que permaneceram invictas. Na selva Lacandon, o povo Lakandon Ch'ol opôs uma resistência corajosa e juntou-se a muitos que fugiam dos invasores. Eles não foram totalmente derrotados até 1696. No Petén, o povo maia local, o Itza, conseguiu resistir aos espanhóis por décadas, tendo-os derrotado pela primeira vez na década de 1620. Finalmente, uma guerra que durou entre 1695 e 1697 conseguiu destruir o último dos reinos maias. Em uma década, a população indígena havia diminuído cerca de 90%, devido a uma combinação de epidemias, excesso de trabalho, desmoralização e fome.

AS CONSEQUÊNCIAS

Quais foram as consequências da conquista? Em primeiro lugar, uma destruição maciça dos povos indígenas e de suas culturas. A população das ilhas do Caribe foi quase completamente exterminada. A população do império mexica, que era de cerca de 20 milhões quando os espanhóis chegaram, caiu para talvez 2 milhões no decorrer de 70 anos. Os espanhóis destruíram sistematicamente os templos. Belas obras de arte, feitas de prata e ouro, foram derretidas para transporte e perdas para sempre. Os conquistadores espanhóis destruíram orgulhosa e sistematicamente os

códices maias, os livros dobráveis que continham sua história e literatura.

Centenas de milhares morreram em trabalhos forçados nas minas de ouro e prata, no Caribe, no México e em Potosí. A conquista da América e o extermínio de grande número da população local levaram ao desenvolvimento maciço do tráfico de escravos, não apenas nas ilhas do Caribe, mas também no Brasil, Colômbia, Equador etc. Milhões de negros foram capturados na África e transportados em condições desumanas. Aqueles que sobreviveram à passagem marítima entre a África Ocidental e as Índias Ocidentais trabalharam até a morte nas plantações de cana-de-açúcar e tabaco.

Mas, como observado, este não foi um processo unilateral. Houve resistência, durando séculos. Rebeliões, guerrilhas que duraram décadas, formação de comunidades quilombolas livres (quilombos ou palenques) de escravos fugidos conhecidos como cimarrones etc. No Brasil, por exemplo, sob o domínio colonial português, vimos a formação do Quilombo dos Palmares, onde viveram cerca de 15.000 escravos fugidos, que resistiram de 1580 até sua destruição final em 1710. Na atual Colômbia, a cidade de San Basilio de Palenque tem suas raízes em 1599, quando Benkos Biohó, um escravo negro da atual Guiné-Bissau, escapou e travou uma guerra prolongada contra os espanhóis, atacando navios negreiros que chegavam a Cartagena. No atual Equador, havia o Reino Zambo em Esmeraldas, estabelecido por escravos africanos que escaparam quando o navio que os transportava encalhou após uma tempestade em 1533. Eles se juntaram e se misturaram com os povos indígenas locais (daí o nome zambo, que descrevia as pessoas de ascendência mista de negros africanos e indígenas) criando uma comunidade livre da dominação colonial espanhola, que foi finalmente reconhecida oficialmente no século XVIII. No atual México, em 1570, escravos fugitivos liderados por Gaspar Yanga fundaram uma cidade livre em Veracruz, que chamaram de San Lorenzo de los Negros, que nunca foi derrotada. Aqueles povos que viviam em sociedades nômades de caçadores-coletores organizados em grupos de parentesco, como os mapuches ao sul do império inca no atual Chile; o Chichimeca ao norte do império Mexica no atual México; e os guaranis ava, a leste do império inca, onde hoje é a Bolívia, travaram

corajosas guerras de guerrilha. Eles fizeram uso dos elementos de guerra que deram uma vantagem inicial aos espanhóis, adotando o cavalo e as armas de fogo em particular. O fato de não produzirem um superávit econômico e, portanto, não terem experiência anterior de subjugação sob a formação de um Estado apenas aumentou sua resiliência à colonização. Eles retiveram os conquistadores por décadas e, no caso dos mapuches, liderados por Lautaro e outros toki (líderes do tempo de guerra), eles os derrotaram e os forçaram a assinar um acordo de paz favorável aos mapuches.

Inicialmente, os conquistadores espanhóis adotaram algumas das formas externas do sistema tributário pré-existente entre os mexicas e os incas para seus próprios propósitos. Assim, o tributo do trabalho mit'a do Inca foi usado para forçar o ayllu a enviar trabalhadores para as minas de prata de Potosí. O tributo imposto aos calpulli no México passou a ser pago à Coroa. Os espanhóis se casaram com as famílias governantes dos incas e dos mexicas para dar uma aparência de legitimidade ao seu governo.

Enquanto a forma externa de exploração era a mesma, e a antiga comunidade agrícola ainda existia por um período de tempo (agora pagando tributo à Coroa), o conteúdo real era completamente diferente. A mit'a não era mais um tributo coletivo de trabalho para a realização de obras

públicas, que em certa medida beneficiava a comunidade, mas era usada para extrair prata das minas, que era desviada para a corrente do comércio mundial e para o processo de acumulação primitiva do capital. Tornou-se algo mais parecido com a corveia feudal, apenas intensificada a um grau intolerável.

Marx comentou sobre esse processo em O capital quando escreveu:

*“É, no entanto, claro que em qualquer formação econômica da sociedade, onde predomina não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, o trabalho excedente será limitado por um dado conjunto de necessidades que podem ser maiores ou menores e que aqui nenhuma sede ilimitada de mais-trabalho surge da natureza da própria produção. Portanto, na antiguidade, o excesso de trabalho só se torna horrível quando o objetivo é obter o valor de troca em sua forma específica de dinheiro independente; na produção de ouro e prata. O trabalho compulsório até a morte é aqui a forma reconhecida de trabalho excedente”.*⁹

COMO A CONQUISTA MOLDOU A ESPANHA

Nas primeiras décadas da colonização, houve conflitos entre os conquistadores e a Coroa espanhola. Os conquistadores queriam o saque para si e estavam preparados para fazer trabalhar os povos indígenas até a morte. Mas a Coroa estava interessada no fluxo constante e duradouro de tributos e desconfiava do poder dos conquistadores.

Este conflito foi disfarçado sob o manto de um debate religioso entre o frade dominicano de las Casas e o estudioso humanista Sepúlveda em 1550. Eles debateram em Valladolid questões como os direitos dos indígenas, se eles tinham alma, se eram criaturas de Deus, e se podiam ser evangelizados. De las Casas venceu o debate, o que levou a Coroa a emitir leis que protegiam os indígenas, embora apenas nominalmente. Os conquistadores no Peru e no México se rebelaram contra essas leis que acabaram tendo pouca aplicação real.

Mas, no longo prazo, a Espanha não se beneficiou de seus despojos americanos. Pelo contrário, o enorme saque extraído da América fortaleceu a monarquia e foi usado para financiar guerras religiosas reacionárias na Europa, consumo de luxo e endividamento do Estado. A Espanha tinha um enorme déficit na balança comercial, que era constantemente financiado com o ouro e, acima de tudo, com a prata da América.

Mesmo antes da chegada da maior parte das riquezas americanas espoliadas, a Coroa havia emprestado grandes quantias de dinheiro dos banqueiros do sul da Alemanha e do norte da Itália, que cobravam taxas de juros exorbitantes. Principalmente entre eles estava a família Fugger, que originalmente havia emprestado ao rei Carlos I 600.000 ducados para garantir sua eleição como imperador do Sacro Império Romano. Os Welsers eram outra família de banqueiros alemães que obtiveram direitos sobre a província da Venezuela, bem como uma posição dominante no comércio de escravos, em troca dos empréstimos que fizeram ao imperador.

A defesa de suas possessões europeias tornou-se cada vez mais cara, obrigando o rei Carlos a pagar exércitos mercenários cada vez maiores. Em 1539 a Coroa devia um milhão de ducados aos banqueiros Fugger, Welsler, Schatz e Spínola, em 1551 o valor havia subido para 6,8 milhões. Em 1556, exausto e sem dinheiro, Carlos V abdicou. No ano seguinte, seu sucessor Filipe II, que havia herdado suas dívidas, foi forçado a declarar falência – a primeira das nove falências a que a Espanha recorreu entre 1557 e 1666.

O ouro e a prata americanos também deram à monarquia uma fonte de renda que lhe deu maior independência da nascente burguesia nas cidades. A Coroa espanhola, tendo adquirido uma fonte estável de renda fora da Espanha, acabou por esmagar a rebelião dos Comuneros em Castela (1520-22), uma revolta social burguesa das cidades contra os privilégios da nobreza e do rei estrangeiro, assim como a rebelião dos Germânicos em Valência e Maiorca (1519-23), um movimento de tecelões, artesãos e fiandeiros. Os brotos verdes do desenvolvimento capitalista foram arrancados antes que tivessem a chance de florescer.

Anteriormente, em 1492, a expulsão dos judeus da Espanha já havia privado o país de artesãos qualificados e fontes de capital que poderiam ter impulsionado o capitalismo inicial e o desenvolvimento da economia nas cidades.

Um século depois, em 1609, Felipe III decretou a expulsão dos mouriscos, espanhóis muçulmanos forçados à conversão. Talvez até 300.000 (4% da população do país na época) foram forçados a sair, o que teve um impacto severo na agricultura de Valência e Aragón.



Pintura de 1641 representando um líder do Quilombo dos Palmares



Antonio Gisbert, *Execução dos Comuneros de Castela* (1860)

A Espanha era dominada por uma nobreza ociosa, dedicada a perseguir guerras religiosas reacionárias, gastando muito no consumo de luxo. Este não era um solo fértil para o desenvolvimento burguês, muito pelo contrário.

ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

Entre 1503 e 1660, 185 toneladas de ouro e 16 milhões de toneladas de prata chegaram da América ao porto de Sevilha, na Espanha. A quantidade de prata transportada para a Espanha em cerca de um século e meio foi três vezes o total das reservas europeias da época. Esses números não incluem o que foi perdido por contrabando e pirataria.¹⁰ A enorme quantidade de ouro e prata entrando na Europa produziu uma desvalorização maciça de todas as moedas (manifestando-se em uma inflação descontrolada). Ao mesmo tempo, inundada de dinheiro, a Espanha passou a importar todos os tipos de produtos manufaturados, asfixiando o desenvolvimento da indústria nacional. O saque da América foi desviado para o processo de acumulação capitalista primitiva em outros lugares (Holanda e Inglaterra) e selou o atraso da Espanha por vários séculos.

Além disso, isso significava que nenhum desenvolvimento econômico real ocorreu nas Américas, ou pelo menos ocorreu muito lentamente. Enquanto o excedente extraído pelos senhores feudais dos camponeses na Europa era usado na Europa de uma forma ou de outra, o excedente extraído pela colônia espanhola da América não era usado localmente de forma alguma, mas canalizado para o circuito do capitalismo nascente na Europa. Isso solidificou o lugar subordinado da América Latina na divisão mundial do trabalho. As classes dominantes locais, embora tenham conquistado a independência da Espanha no século XIX, nunca foram capazes de desempenhar um papel realmente progressista. Passaram de dominados pelo Império espanhol a cair na órbita de outras potências imperialistas: a Inglaterra, e sobretudo os Estados Unidos.

Além de impulsionar a acumulação primitiva de capital, a conquista da América criou o mercado mundial moderno. O comércio se desenvolveu com a China, através da colônia espanhola das Filipinas, via América, alimentando uma poderosa corrente de intercâmbio

comercial. O mundo estava unido sob o domínio do comércio, anunciando o nascimento do capitalismo mundial, como Marx e Engels explicaram no Manifesto Comunista:

*“A descoberta da América, a volta do Cabo, abriram um novo terreno para a burguesia nascente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o comércio com as colônias, o aumento dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comércio, à navegação, à indústria um impulso nunca antes conhecido e, portanto, ao elemento revolucionário na vacilante sociedade feudal, um rápido desenvolvimento.”*¹¹

No Anti-Dühring, Engels defende o mesmo ponto: “O ouro e a prata americanos inundaram a Europa e abriram caminho como um elemento desintegrador em todas as fissuras, fendas e poros da sociedade feudal. A indústria artesanal já não conseguia satisfazer a crescente demanda; nas principais indústrias dos países mais avançados foi substituída pela manufatura.”¹²

O processo brutal e sangrento da conquista espanhola das Américas, que levou ao extermínio maciço dos povos indígenas que viviam no continente e à destruição em larga escala de suas conquistas culturais, foi parte integrante da criação do capitalismo mundial.

Isso levou Marx a declarar: “Se o dinheiro, de acordo com Augier, ‘vem ao mundo com uma mancha de sangue congênita em uma face’, o capital vem pingando da cabeça aos pés, de todos os poros, com sangue e sujeira”.¹³

Mas o desenvolvimento do capitalismo e do mercado mundial também criou uma classe trabalhadora mundial, a classe destinada a ser a coveira deste brutal sistema de opressão e exploração.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ P Martire D'Anghiera, F MacNutt (trans.), *De Orbe Novo*, Volume I, Project Gutenberg, 1912, book III

² Uma nota sobre ortografia. A grafia mais comum de Inca em inglês é com “c”, vindo da transliteração espanhola do Kichwa original que eles falavam. Mais recentemente, uma nova transliteração padrão do idioma foi adotada, na qual um “k” é usado em seu lugar, Inka. Aqui mantivemos Inca para o nome da civilização, mas Inka quando se refere ao nome de um determinado governante ou cargo.

³ Uma nota sobre a terminologia. Asteca refere-se a vários povos que vêm da lendária terra de Aztlán e que compartilham a língua comum Nahuatl. Este é o termo que foi usado pelos historiadores a partir do século 18 e tornou-se de uso comum na língua inglesa. Mexica refere-se aos povos que deixaram Aztlán

e adotaram o deus Huitzilopochtli (também conhecido como Mexi). Os mexicas fundaram duas cidades, México-Tlatelolco e México-Tenochtitlan, cujos habitantes eram conhecidos como tlatelolcas e tenochcas, respectivamente. Neste texto, usaremos ‘Mexica’ para nos referirmos ao povo de Tenochtitlán que dominou a Tríplice Aliança e a sociedade que eles criaram.

⁴ A Woods, *Reformismo ou Revolução: Marxismo e socialismo do século 21* (Resposta a Heinz Dietrich), Wellred Books, 2015, pág. 54

⁵ G Urton, *Signs of the Inca Khipu: Binary Coding in the Andean Knotted-String Records*. Austin: University of Texas Press, 2003.

⁶ F Engels, *O Declínio do Feudalismo e a Ascensão da Burguesia*, *Monthly Review*, Abril de 1957, págs. 445-454

⁷ B De las Casas, *A Short Account of the Destruction of the Indies*, Penguin Classics, 1992, pág. 15-16

⁸ FLópez de Gómara, *La Conquista de México*, *Dastin Historia*, 2000, pg 158-160, tradução nossa.

⁹ K Marx, *O Capital Volume 1*, Progress Publishers, 1954, pág. 164

¹⁰ E Galeano, *Las Venas Abiertas de América Latina*, SXXI editores, 1971, pg 34

¹¹ K Marx, F Engels, “The Communist Manifesto”, *The Classics of Marxism vol 1*, WellRed Books, 2013, pg 4

¹² F Engels, *Anti-Dühring*, Well Red Books, 2017, pg 126

¹³ K Marx, *Capital Volume 1*, Penguin Books, 1976, pg 925-26



A REBELIÃO DE TUPAC AMARU II E MICAELA BASTIDAS NO PERU COLONIAL

PASCAL CUETO

Em 1780, o vice-reinado espanhol do Peru foi abalado por uma grande rebelião liderada por Tupac Amaru II - um homem que afirmava ser descendente direto do último Sapa Inka, Tupac Amaru, que liderou a resistência final do império Inca até sua captura e execução pelos espanhóis em 1572. Dezenas de milhares de homens e mulheres reuniram-se ao exército de Tupac Amaru, sob a liderança dele e de sua esposa, Micaela Bastidas. Por dois anos e meio, a guerra assolou os Andes no maior desafio que o domínio colonial espanhol enfrentou até então. No final das contas, a rebelião foi derrotada, embora tenha deixado para trás uma tradição heroica de luta. No artigo a seguir, Pascal Cueto analisa as origens do levante, as forças de classe envolvidas e as debilidades que acabaram levando à sua queda.

A Redação

A conquista da América pelos espanhóis constituiu uma parte importante da ascensão do capitalismo e operou mudanças profundas em ambos os lados do Atlântico. Os espanhóis chegaram em busca de ouro e metais preciosos, parte da

etapa de acumulação primitiva do capitalismo. Ironicamente, esse influxo de ouro beneficiou pouco a indústria espanhola e, em vez disso, tendeu a beneficiar outras nações como a Inglaterra e a Holanda, onde a manufatura estava se desenvolvendo.

Do outro lado do oceano, uma nova classe capitalista comercial também havia surgido em Lima. E, como seus contemporâneos espanhóis, a burguesia colonial investiu pouco do capital que havia acumulado no desenvolvimento da produção. Em vez disso, apenas

aumentou as importações de têxteis e outros bens da Europa. Mas a incapacidade de investir capital localmente significava que outros meios deveriam ser encontrados para expandir o mercado interno. Teve que encontrar algum outro meio de aumentar a extração dos metais preciosos que trocava por produtos manufaturados europeus. Esses meios foram encontrados na expansão do trabalho forçado.

A conquista da América pelos espanhóis constituiu uma parte importante da ascensão do capitalismo e operou mudanças profundas em ambos os lados do Atlântico

Para este fim, o sistema conhecido como mita, herdado do Inca, provou ser muito útil para as autoridades coloniais espanholas. Sob o império Inca, esse sistema de tributo de trabalho imposto ao ayllu (a comuna agrária) foi usado para fins de obras públicas que beneficiariam em algum grau toda a população. Mas, sob a Coroa espanhola, a mita foi reaproveitada como uma forma de trabalho forçado puramente para o enriquecimento da classe dominante, sem nenhum benefício para o ayllu que a fornecia. O vice-reinado do Peru a aproveitou para colocar um em cada sete indígenas para trabalhar no setor privado: nas oficinas têxteis, nas fazendas e nas minas de ouro e prata. Uma vez que uma pessoa era enviada para as minas para realizar a mita, era quase uma sentença de morte.

Essas políticas bárbaras de fazer as pessoas trabalharem até a morte se combinaram a enfermidades para dizimar a população. A população do território do antigo império Inca caiu vertiginosamente em cerca de 80% como resultado direto da colonização. A mita sozinha era insuficiente. Os capitalistas mercadores de Lima precisavam de outros meios para aumentar o excedente extraído dos indígenas.

Na segunda metade do século 18, os monarcas Bourbon espanhóis

iniciaram uma série de reformas. A Espanha estava sendo rapidamente ultrapassada por poderosas nações manufatureiras da Europa, e seu tesouro estava sendo esgotado pelas guerras europeias. Assim, uma série de medidas, conhecidas como Reformas Bourbon, foram introduzidas na tentativa de aumentar os mercados coloniais espanhóis e americanos, em um esforço para estimular o comércio e o crescimento da manufatura, bem como para fortalecer o poder da Monarquia. Nas colônias americanas, como parte dessas reformas, foram implementadas políticas para aumentar o excedente extraído dos indígenas por meio da coerção econômica.

Na época, cerca de 60% da população era composta por camponeses indígenas que trabalhavam em assentamentos autônomos herdados dos ayllu – a comunidade primitiva da terra que antecedeu a conquista espanhola.

As novas políticas impunham o pagamento de uma taxa em dinheiro pelos camponeses, obrigando-os a vender parte de sua produção. Além disso, os camponeses indígenas foram forçados a comprar mercadorias, que não queriam nem podiam pagar, sob um sistema conhecido como *repartimiento de mercancías* (distribuição de mercadorias). Embora o sistema fosse anterior às reformas dos Bourbon, agora foi reforçado e codificado em lei. Essas mercadorias tinham que ser compradas do corregedor (funcionário colonial), a mais alta autoridade judiciária e militar da província, que agora também concentrava em suas mãos o monopólio para vender mercadorias à força. As mercadorias, uma vez pagas, muitas vezes nem chegavam a ser entregues aos camponeses. Esta foi apenas uma nova forma de pilhar o camponês indígena, ao mesmo tempo em que quebrava à força a autossuficiência do antigo ayllu para expandir o mercado interno.

E, de fato, as novas reformas fizeram com que as exportações e importações quadruplicassem entre 1740 e 1780 em relação à média de 1714-1739, enquanto o maior mercado interno permitia à burguesia comercial de Lima e aos funcionários coloniais vender seus produtos manufaturados e agrícolas de outras regiões do Vice-Reinado no mercado interno.

O grau de severidade do impacto dessas políticas foi distinto e variou dependendo das condições materiais locais. A produtividade

dos campos no sul dos Andes era menor do que em outras províncias melhor irrigadas. Portanto, era necessário mais trabalho para uma família camponesa produzir comida suficiente até mesmo para a subsistência, quanto mais para vender como excedente. Os camponeses indígenas dessas províncias tinham, portanto, menos tempo de sobra e pouca força de trabalho para vender, em uma região onde fazendas e oficinas têxteis eram, de qualquer forma, escassas. Quando os indígenas não podiam pagar os tributos ou entregar bens, eram condenados pelos juizes a trabalhos forçados nas minas, oficinas têxteis ou plantações de coca. Um relatório do padre de Cayma, no ano de 1778, detalha as medidas brutais aplicadas a aldeias inteiras:

“Quando o corregedor, seu tenente e cobradores chegam a uma cidade para cobrar, a primeira coisa que fazem é prender todas as pessoas na cadeia, e chamam de um em um para cobrar o pagamento, aqueles que trazem algum dinheiro são liberados e os pobres insolventes são mantidos prisioneiros e vendidos a uma fazenda para trabalhar até pagarem o referido repartimiento.”¹

Nas áreas mais pobres e menos produtivas ao sul dos Andes, essas reformas se tornaram mecanismos de pilhagem das províncias em benefício da burguesia mercantil de Lima e da Coroa espanhola.

Dos camponeses indígenas, o descontentamento logo se espalhou para outras camadas da sociedade, como os criollos, mestiços e kurakas (a casta dos administradores comunitários na antiga sociedade inca), dos quais todos também deveriam pagar tributo. Esse fardo foi ainda agravado por um aumento no imposto sobre vendas de alcabala [A alcabala ou alcavala era um imposto sobre vendas de até quatorze por cento, o imposto real mais importante imposto pela Espanha no início do período moderno. Aplicou-se na Espanha e nos domínios espanhóis - NdT].

Tendo formado outrora uma casta de chefes e cobradores de impostos nos antigos ayllus da sociedade inca, os kurakas foram agora efetivamente convertidos em intermediários pelas autoridades coloniais, entre elas e as massas indígenas. Como uma espécie de elite indígena, os kurakas desfrutavam de um estilo de vida

comparável ao da burguesia rural – e enriqueceram ainda mais com o sistema de distribuição forçada de bens. Na cidade de Hanansaya, por exemplo, o kuraka local foi denunciado pelo povo nos seguintes termos:

*“[...] este homem era de uma disposição tão horrível, que com cego abandono de sua alma, procurou nos despojar de nossos bens e gado, da maneira mais condenável, e sempre com algum pretexto à mão. Também se apoderou de muitas terras e estâncias [fazendas], bem como das melhores chácaras [pequenas propriedades] dos indígenas, fazendo-os trabalhar nelas, sem pagar pelo esforço [...]”*²

Mas em 1770, a última das reformas Bourbon relacionadas à distribuição de bens chegou a ameaçar a riqueza dos próprios kurakas. Sob essas reformas, em certos casos em que um camponês se mostrasse inadimplente, o corregedor poderia cobrar o pagamento vendendo a propriedade do próprio kuraka. Nas províncias mais pobres do Vice-Reino, essa medida empurrou os kurakas para o lado dos camponeses indígenas descontentes, desequilibrando a relação de forças. O número de rebeliões começou a aumentar. De 1770 a 1779, o número de rebeliões espontâneas registradas foi de 66 – mais de quatro vezes o número da primeira metade do século.

Inicialmente, eles tentaram resistir à distribuição forçada de mercadorias dentro do próprio sistema. Mas logo ficou claro para eles que esse caminho estava fechado. Eles logo começaram a desafiar diretamente a autoridade dos oficiais coloniais. Os kurakas, de beneficiários da distribuição forçada de bens e de lugares-tenentes dos oficiais coloniais, passaram a liderar essas rebeliões. Com essa camada pequeno-burguesa de kurakas agora à frente dos camponeses indígenas, houve uma mudança qualitativa nas rebeliões. Em primeiro lugar, eles trouxeram organização para os rebeldes. Em segundo lugar, por sua posição de destaque nas províncias, os kurakas conseguiram atrair os espanhóis, mestiços e criollos ao movimento, ao lado dos camponeses indígenas.

TUPAC AMARU II

José Gabriel Condorcanqui – mais conhecido pelo nome que adotou posteriormente, Tupac Amaru II – era um kuraka da província de Cusco. Cusco foi uma das regiões

mais profundamente empobrecidas pelas novas políticas, devido à baixa produtividade de suas terras agrícolas. Na escola dos kurakas em Cusco, Tupac Amaru II se familiarizou com as obras de Garcilaso de la Vega, que retratava o império Inca caído em termos embelezados como uma utopia perdida.

O empobrecimento da província, afetando sobretudo os camponeses pobres e indígenas, mas reduzindo inclusive os kurakas pequeno-burgueses a uma situação precária, criou a base material para a aliança entre essas duas classes sociais. Mas as obras de De la Vega forneceram uma base ideológica para essa unidade e algo como um objetivo comum: um sonho para o retorno do império Inca.

Em 4 de novembro de 1780, José Gabriel Condorcanqui, sob o nome falso de Tupac Amaru II, levantou uma rebelião contra o corregedor local, que ele havia executado publicamente, antes de convocar outros para um levante.

Ao tomar o nome de Tupac Amaru II, reivindicou uma linhagem nobre, ligando-o ao último Sapa Inca de mesmo nome, que dois séculos antes havia liderado a última resistência do império Inca contra os espanhóis, até sua captura e execução pelos últimos em 1572. Enquanto se movia pelo campo, atraindo novos seguidores, Tupac Amaru II passou a simbolizar o retorno profetizado do império Inca na consciência coletiva de seus seguidores.

E, no entanto, inicialmente, Tupac Amaru e sua esposa Micaela Bastidas tentaram limitar o conflito com o governo colonial e a coroa espanhola, enquadrando-o apenas como um confronto com os próprios corregedores. Fizeram isso para evitar que se tornasse um movimento puramente indígena e para manter os mestiços e criollos na aliança interclasse que formou a base da rebelião. Seu programa político poderia ser resumido como: a eliminação da mita e dos impostos e a liberdade com relação aos exploradores europeus.

Pesquisas recentes lançaram mais luz sobre o papel dos líderes envolvidos na organização do levante e, particularmente, sobre o papel muito proeminente de Micaela Bastidas. De fato, antes da rebelião, ela era a espinha dorsal dos negócios de Tupac Amaru como comerciante e condutor de mulas. Ela cobrava dívidas, contratava trabalhadores do campo e condutores de

mulas, planejava as longas viagens de Tupac Amaru ao norte da Argentina, representava-o em suas frequentes ausências e supervisionava as finanças da família. Isso a preparou muito bem para o gerenciamento da logística da campanha rebelde, além de desempenhar um papel importante nas decisões estratégicas. Tupac Amaru, entretanto, liderava as forças militares dos rebeldes nas batalhas e em expedições para recrutar mais tropas em diferentes áreas ao redor de seu quartel-general. Na sua ausência, Micaela organizava a coleta de informações e a defesa da base rebelde.

Tupac Amaru,
entretanto,
liderava as
forças militares
dos rebeldes
nas batalhas e
em expedições
para recrutar
mais tropas em
diferentes áreas
ao redor de seu
quartel-general

Em várias batalhas, as forças da rebelião conseguiram derrotar as forças espanholas. Uma dessas importantes vitórias foi a batalha de Sangarará, cidade da província de Cusco, onde em novembro de 1780 os rebeldes derrotaram os espanhóis sob o comando de Tiburcio Landa. Cerca de 6.000 rebeldes, armados com lanças e fundas, cercaram e desbarataram os 900 homens da milícia espanhola que se tinham posicionado numa igreja, que haviam fortificado. As forças rebeldes sofreram cerca de 45 baixas, enquanto 600 espanhóis caíram durante a batalha.

Após esta vitória, a notícia da rebelião se espalhou rapidamente entre os indígenas, e novos recrutas inundaram seu acampamento quando a cidade de Sangarará foi tomada por eles e os rebeldes se apoderaram de armas de fogo. Onde quer que os rebeldes conquistassem uma vila ou cidade, eles buscavam o corregedor e, quando punham as mãos nele, ele era executado. Mas,

na maioria dos casos, o corregedor fugia antes da chegada do exército rebelde. Os proprietários de terras, desprezados pelos locais, também eram presos, enquanto as tecelagens – prisões dos trabalhadores indígenas – eram arrasadas.

Simultaneamente, no Vice-Reino do Alto Peru, na atual Bolívia, uma rebelião indígena liderada por um trabalhador chamado Tupac Katari e sua esposa Bartolina Sisa, também desafiou a ordem colonial, sitiando a capital La Paz, interrompendo a mita e a exploração da importante mina de prata de Potosí.

Mas a maré virou contra os rebeldes quando Juan Manuel y Peralta –o bispo de Cuzco –excomungou Tupac Amaru e Micaela Bastidas por destruir a igreja em Sangarará onde as tropas espanholas haviam se enfileirado. Os párocos que permaneceram nos territórios rebeldes receberam ordens de fazer proselitismo contra o levante. Isso levou a uma debilidade fatal na liderança do levante. Os líderes eram muito piedosos, e Tupac Amaru e Micaela nunca conseguiram travar uma luta política contra a Igreja. Isso teve consequências importantes. Permite fatalmente que as igrejas continuassem operando no território que eles haviam tomado, que foram usadas para espalhar propaganda anti-rebelde, impedindo os rebeldes de recrutar tropas e informando as autoridades coloniais sobre seus movimentos. O moral dos rebeldes não conseguiu se recuperar da excomunhão e sua liderança tornou-se cada vez mais indecisa sobre as decisões estratégicas, transferindo a iniciativa aos inimigos.

Contra os conselhos de Micaela Bastidas, Tupac Amaru não

conseguiu aproveitar a vantagem e marchar direto para Cuzco. Em vez disso, ele marchou pelos campos antes de sitiar a cidade, esperando recrutar enormes forças indígenas ao longo do caminho. Mas isso não se concretizou por causa da propaganda eficaz da Igreja. Enquanto isso, os kurakas das cidades próximas foram mobilizados nas forças coloniais, interrompendo o fluxo de camponeses indígenas para as fileiras dos rebeldes.

Ao assumir posições em torno da capital da província em janeiro de 1781, o primo de Tupac Amaru, Diego Cristobal Tupac Amaru, e suas tropas foram derrotados em batalha quando as tropas espanholas se juntaram a reforços liderados por outro kuraka, Mateo Pumacahua. Tupac Amaru esperava que a presença de seu exército desencadeasse uma rebelião dentro da cidade entre a população indígena, permitindo que ele a tomasse rapidamente. E tomá-la rapidamente teria sido uma necessidade, pois os rebeldes careciam dos suprimentos e da logística necessários para um cerco prolongado contra a milícia espanhola reforçada.

Por fim, os rebeldes foram obrigados a recuar. As forças espanholas, no entanto, não os perseguiram. Os rebeldes puderam, portanto, reunir-se com Micaela em seu acampamento.

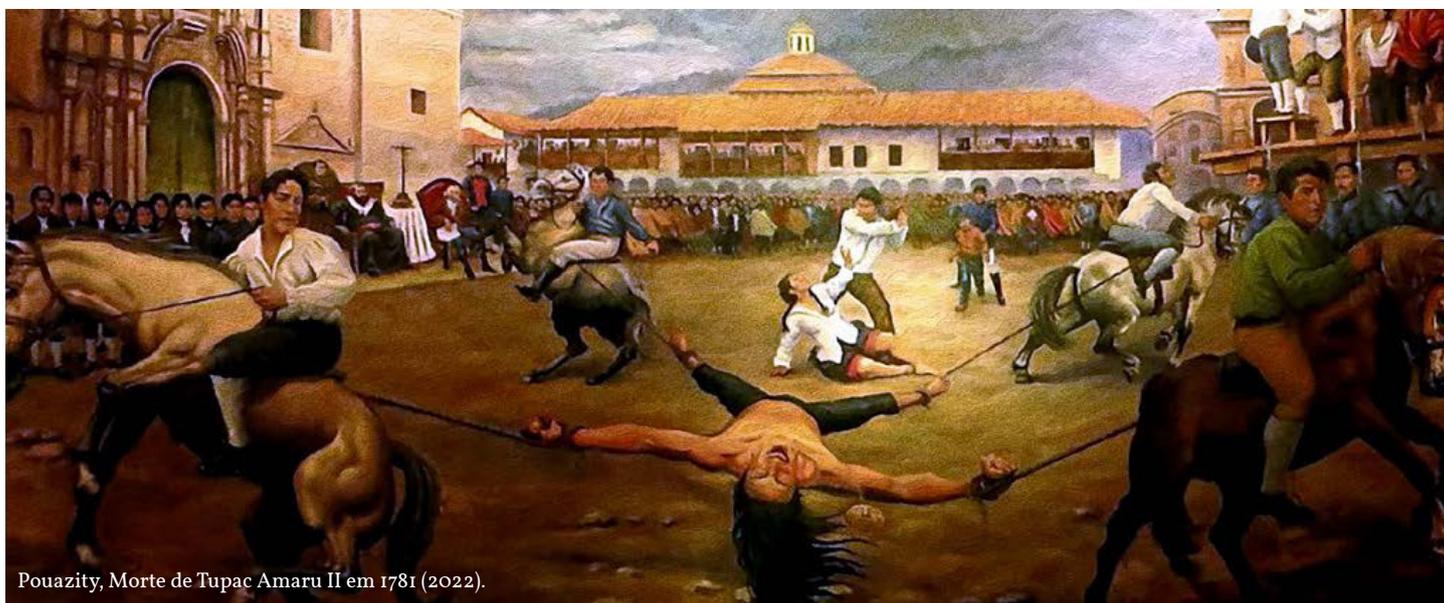
No início de 1781, no entanto, as forças coloniais se concentraram em Tupac Amaru e nos rebeldes. À medida que as forças coloniais se aproximavam de seu acampamento, foram recebidas por uma defesa feroz. Em 7 de abril, o exército espanhol lançou um ataque ao acampamento rebelde, que estava acampado em

um lugar por demasiado tempo, esperando o retorno dos combatentes de Tupac Amaru que então enfrentavam as forças de Pumacahua em outra frente. Micaela e três filhos de Tupac Amaru foram capturados. O próprio líder rebelde foi forçado a recuar diante das forças espanholas.

Ao final, porém, ele foi traído por alguns de seus próprios seguidores e entregue às forças coloniais. Ele foi mantido prisioneiro e torturado, até sua execução em 18 de maio de 1781 por desmembramento de seu corpo usando cavalos. Antes da sua morte, porém, foi obrigado a assistir à brutal execução de toda a sua família, incluindo Micaela Bastidas, cuja língua foi arrancada da boca e cujo corpo foi brutalmente espancado à sua frente. Apenas seu filho mais novo foi poupado.

Ao final, porém,
ele foi traído
por alguns de
seus próprios
seguidores e
entregue às
forças coloniais

Seu corpo, juntamente com o dos outros nove líderes da rebelião executados naquele dia, foi desmembrado pelas autoridades coloniais e os pedaços foram expostos publicamente nas principais cidades onde ocorreu a rebelião. Como de costume, quando a classe dominante é vitoriosa na guerra de classes, ela é completamente



Pouazity, Morte de Tupac Amaru II em 1781 (2022).

impiedosa na brutalidade de sua vingança, que visa dar um exemplo claro para as massas oprimidas sobre o que pode acontecer se elas ousarem desafiar seu governo.

Após a execução de Tupac Amaru II e Micaela Bastidas, Diego Cristobal Tupac Amaru assumiu a liderança da rebelião. O conflito tornou-se cada vez mais polarizado e a aliança interétnica de classes que havia se formado começou a desmoronar. Agora a revolta assumiu um caráter cada vez mais étnico, pois o exército indígena passou a considerar todos os não índios como inimigos, travando uma luta de guerrilha cada vez mais feroz.

Marchando para o sul, os rebeldes se juntaram às forças de Tupac Katari. Mas em 15 de novembro de 1781, o próprio Tupac Katari foi capturado e executado junto com outros líderes da rebelião. Mais uma vez, seu corpo foi desmembrado e exibido publicamente. Diz-se que o juiz colonial que condenou Tupac Katari, Francisco Tadeo Díez de Medina, declarou: “Não seria conveniente para o rei nem para o Estado, deixar uma semente ou raça deste ou de todos os Tupac Amaru e Tupac Katari, por causa do grande barulho e impressão que esse nome maldito causou nos nativos...”

A derrota final da insurreição veio em 1783, com a execução brutal de todos os líderes rebeldes, entre eles Diego Cristobal Tupac Amaru.

UMA QUESTÃO NÃO RESOLVIDA

A rebelião liderada por Tupac Amaru e Micaela Bastidas abalou o domínio da Coroa espanhola e da burguesia de Lima. Em termos puramente geográficos, a rebelião de Tupac Amaru abrangia uma área ainda maior do que a luta, naquele momento contemporânea, travada na América do Norte: a Guerra Revolucionária Americana. As autoridades coloniais estavam mal preparadas para lidar com uma revolta tão massiva que envolvia um território tão vasto. Elas foram incapazes de contar com um exército permanente em Lima ou Cuzco, e pelo menos inicialmente foram forçados a contar com milícias que só tinham experiência em esmagar revoltas locais.

Tal revolta generalizada impactou profundamente todas as colônias das Américas e se tornou um símbolo para os povos oprimidos em todo o continente, até hoje. A rebelião de 1780 foi a

primeira a colocar a questão da situação do campesinato indígena e fez a primeira tentativa de resolvê-la.

O problema era que o movimento estava olhando para trás e não para frente. Se Tupac Amaru e os camponeses indígenas tivessem triunfado em sua luta e implementado seu programa político, que era o retorno ao império Inca, os problemas fundamentais dos povos indígenas teriam permanecido sem solução. Tal Estado não poderia ter revivido as relações sociais que formavam a base da sociedade inca. Em vez disso, teria se baseado nas novas relações sociais criadas pela intrusão da Espanha no continente.

Como explicou o marxista peruano José Carlos Mariátegui na década de 1920, um Estado indígena independente, “não resultaria no momento atual na ditadura do proletariado indígena nem em um Estado indígena sem classes, como alguns tentaram argumentar, mas na criação de um Estado indígena burguês com todas as contradições internas e externas características dos Estados burgueses. Somente o movimento revolucionário de classe das massas indígenas exploradas pode capacitá-las a dar um significado real à libertação de sua raça da exploração, favorecendo as possibilidades de sua autodeterminação política. O problema indígena, na maioria das vezes, é identificado com o problema da terra. A ignorância, o atraso e a miséria dos indígenas nada mais são do que a consequência de sua servidão”.³

Vemos hoje como não basta criar um “estado plurinacional”, como foi feito nas constituições do Equador e da Bolívia – e agora também no Chile. No Equador, os camponeses indígenas foram forçados a se levantar contra o governo traiçoeiro de Lenin Moreno e depois contra o governo de Lasso. Na Bolívia, assistimos ao golpe contra Evo Morales por parte da oligarquia capitalista reacionária, cujo poder e privilégios foram deixados intactos pelo presidente.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ J Golte, *Repartos y rebeliones Tupac Amaru y las contradicciones de la economía colonial*, Segunda edición, Instituto de Estudios Peruanos, 2016, pg 133

² J Golte, *Repartos y rebeliones Tupac Amaru y las contradicciones de la economía colonial*, Segunda edición, Instituto de Estudios Peruanos, 2016, pg 168-169

Enquanto as relações de propriedade permanecerem inalteradas e os grandes capitalistas (nacionalistas e imperialistas) controlarem a terra e as indústrias, a questão nacional dos povos indígenas não será resolvida. Mariátegui apontou: “Aqueles de nós que abordam e definem o problema indígena a partir de um ponto de vista socialista devem começar por declarar a completa obsolescência dos pontos de vista humanitário e filantrópico... Trataremos de estabelecer o caráter basicamente econômico do problema. Em primeiro lugar, protestamos contra a tentativa instintiva do crioulo ou do mestiço de reduzi-lo a um problema exclusivamente administrativo, pedagógico, étnico ou moral, para evitar a todo custo reconhecer seu aspecto econômico... Não nos conformamos com afirmar o direito do indígena à educação, à cultura, ao progresso, ao amor e ao paraíso. Começamos afirmando categoricamente seu direito à terra”.⁴

Ao contrário do século XVIII, agora temos o desenvolvimento de uma poderosa classe trabalhadora em todos os países da América Latina. Esta é a classe que, em aliança com as massas camponesas e todos os setores oprimidos da sociedade, pode levar a revolução à vitória, expropriando a oligarquia capitalista e as multinacionais, lançando as bases para a verdadeira libertação dos povos indígenas oprimidos.

Para citar Mariátegui uma última vez: “Nesta América de pequenas revoluções, a própria palavra, revolução, frequentemente se presta a mal-entendidos. Temos que recuperá-la com rigor e intransigência. Temos que restaurar seu significado estrito e exato. A Revolução Latino-Americana será nada mais nada menos que uma etapa, uma etapa da revolução mundial. Será simples e claramente a revolução socialista. Adicione todos os adjetivos que quiser a esta palavra de acordo com o caso particular: ‘anti-imperialista’, ‘agrária’, ‘nacional-revolucionária’. O socialismo supõe, precede e inclui todos eles”.⁵

³ JCMariátegui, ‘El problema de las razas en América Latina’, *Ideología Y Política*, Venezuelan Ministry of Communication and Information, 2006, pg 40, our translation

⁴ JCMariátegui, ‘The Problem of Land’, *Seven Interpretative Essays on Peruvian Reality*, University of Texas Press, 1971, pg 31

⁵ JCMariátegui, ‘Anniversary and Balance’, *Amauta*, no. 17, September, 1928, pg 2

BREVES NOTAS SOBRE O IMPERIALISMO HOJE

Parte 1

SERGE GOULART

Vivemos uma época convulsiva em escala planetária. A sociedade capitalista chegou aos seus limites, propriedade privada dos meios de produção e Estados nacionais, e tenta ultrapassá-los para sobreviver, mas o único resultado são estertores com crises cada vez maiores, guerras, miséria, sofrimento e uma lenta e regular agonia. Como um monstro que se debate com uma nova civilização que cresce dentro dele e que não tem como nascer sem matá-lo.

É preciso entender esse processo, em que estágio desta agonia nos encontramos e em que sentido essa enfermidade fatal conduz todo o corpo, a Humanidade. Não basta perceber que vivemos uma era de guerras e revoluções em geral, como nos explicou Lenin, mas entender como isso se desenvolve hoje, debaixo de nossos pés, em frente aos nossos olhos. Foi neste sentido que Lenin escreveu uma de suas obras mais importantes, "Imperialismo, fase superior do capitalismo" em que diz que o escreve

para ter "um quadro de conjunto da economia mundial capitalista nas suas relações internacionais", para aprofundar "a compreensão de um problema econômico fundamental, sem cujo estudo é impossível compreender seja o que for e formar um juízo sobre a guerra e a política atual: [...] o problema da essência econômica do imperialismo".

Este texto busca retomar esses ensinamentos e restabelecer o significado do que é o imperialismo, hoje refutando todas as teorias impressionistas ou pós-modernas, que deslizam do que foi a análise fundamental de Marx e Engels, de Lenin e Trotsky sobre a questão do capitalismo e seu desenvolvimento em imperialismo, do desenvolvimento desigual e combinado do sistema capitalista global e da teoria da revolução permanente, fios condutores para o entendimento do que se passa hoje e de como sair do labirinto de falsas ou impressionistas teorias tal como Dédalo saiu do labirinto do Minotauro.

Assim, ao contrário de Lenin, este texto não traz nada de fundamentalmente novo, exceto as referências aos fatos e às explicações sobre acontecimentos posteriores a sua morte e à morte de León Trotsky. Não tem a pretensão de ser nenhuma inovação teórica, apenas a reafirmação nos dias de hoje das teses fundamentais dos grandes marxistas.

E tem como objetivo reafirmar que o imperialismo é a etapa de máximo desenvolvimento do capitalismo e sua etapa de apodrecimento. É época em que o sistema de conjunto decai e caminha em direção à barbárie e que, portanto, não tem a possibilidade de que nesta caminhada surjam países, nações, capazes de desvencilhar-se dos velhos imperialismos que repartiram o mundo há muito tempo e sejam capazes de alçar-se como nações imperialistas reabrindo a disputa pelo planeta. O que evidentemente não quer dizer que rugas agudas, rixas repentinas e inclusive enfrentamentos militares não surjam entre países

imperialistas e países atrasados e dominados que têm diferentes estágios de desenvolvimento no quadro geral do controle imperialista.

Este texto busca retomar esses ensinamentos e restabelecer o significado do que é o imperialismo, hoje refutando todas as teorias impressionistas ou pós-modernas

Ao contrário, a agudização destes enfrentamentos é um traço da época convulsiva e de decadência do sistema capitalista. Como Lenin afirmou:

"O imperialismo é a época do capital financeiro e dos monopólios, que trazem consigo, em toda a parte, a tendência para a dominação, e não para a liberdade. A reação em toda a linha, seja qual for o regime político; a exacerbação extrema das contradições também nesta esfera: tal é o resultado desta tendência. Intensifica-se também particularmente a opressão nacional e a tendência para as anexações, isto é, para a violação da independência nacional (pois a anexação não é senão a violação do direito das nações à autodeterminação)." (Imperialismo, fase superior do capitalismo)

Lenin está falando do domínio mundial do capital financeiro e dos monopólios, ressaltamos. E o capital financeiro e os monopólios que têm origem e base no capitalismo desenvolvido nos Estados nacionais controla o planeta a partir da base da força material estabelecida nestes aparatos, os Estados burgueses imperialistas.



Vladimir Lenin

Que correspondem à existência de burguesias imperialistas que se desenvolveram nestas nações.

“SUANDO SANGUE E LAMA POR TODOS OS POROS”

Foi assim que o capitalismo veio ao mundo segundo a expressão de Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1848.

É certo que Marx não viveu a época do imperialismo tal qual o conhecemos depois das definições de Lenin, como expressão brutal da concentração de capital dominado pelo capital financeiro, surgido da fusão do capital industrial com o capital bancário. Mas, Marx viveu e estudou e explicou o surgimento e desenvolvimento do imperialismo colonial capitalista. E nestes estudos entendeu e explicou os grandes traços do desenvolvimento futuro do capitalismo rumo à concentração, crise e desenvolvimento até o momento em que não podendo mais desenvolver as forças produtivas este sistema social entraria em convulsão provocando guerras e revoluções. O que Marx, no século XIX, podia apenas indicar, Lenin no século XX explicou e provou.

Marx explica o mecanismo pelo qual chegaríamos à constituição dos diversos países imperialistas da Europa:

“A manufatura e o movimento da produção sofreram um impulso prodigioso devido à expansão do comércio que conduziu à descoberta da América e do caminho marítimo para a Índia. Os novos produtos importados das Índias, e principalmente o ouro e a prata que entraram em circulação, transformaram inteiramente a situação recíproca das classes sociais e desferiram um rude golpe na propriedade fundiária feudal e nos trabalhadores; as expedições dos aventureiros, a colonização, e acima de tudo o fato de os mercados adquirirem a amplitude de mercados mundiais, o que se torna agora possível e cada dia toma maiores proporções, provocaram uma nova fase do desenvolvimento histórico; mas não vemos por ora necessidade de nos deter aqui. A colonização dos países recém-descobertos fornece um alimento novo à luta comercial a que as nações se entregavam e, conseqüentemente, esta luta adquiriu uma extensão e um encarniçamento ainda maiores”.

A expansão do comércio e da manufatura aceleraram a acumulação do capital móvel, ao passo que, nas corporações que não recebiam estímulo para aumentar a sua produção, o capital primitivo permanecia estável ou até diminuía. O comércio e a manufatura criaram a grande burguesia; nas corporações, verificou-se uma concentração da pequena burguesia que deixou de abundar nas cidades como anteriormente, para

se submeter ao domínio dos grandes comerciantes e dos fabricantes.” (A Ideologia Alemã, 1845 – 1846)

Essa explicação vai reaparecer no Manifesto Comunista poucos anos depois, da seguinte forma:

“A grande indústria criou o mercado mundial preparado pela descoberta da América. O mercado mundial acelerou prodigiosamente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação. Este desenvolvimento reagiu por sua vez sobre a extensão da indústria; e à medida que a indústria, o comércio, a navegação, as vias férreas se desenvolviam, crescia a burguesia, multiplicando seus capitais e relegando a segundo plano as classes legadas pela Idade Média.

Vemos, pois, que a própria burguesia moderna é o produto de um longo desenvolvimento, de uma série de revoluções no modo de produção e de troca.

Cada etapa da evolução percorrida pela burguesia era acompanhada de um progresso político correspondente. Classe oprimida pelo despotismo feudal, associação armada administrando-se a si própria na comuna¹ aqui, República urbana independente, ali, terceiro estado, tributário da monarquia; depois, durante o período manufatureiro, contrapeso da nobreza na monarquia feudal ou absoluta, pedra angular das grandes monarquias, a burguesia, desde o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa. (Manifesto Comunista, 1848)

A partir daí os países europeus capitalistas se desenvolveram, tomaram colônias, dominaram regiões inteiras e generalizaram a dominação para todo o planeta num processo longo, desigual e mais ou menos complexo, dependendo do grau de civilização encontrado. Mas, qualquer que fosse a diferença de um lugar para outro, os capitalistas não hesitaram em ir até as últimas conseqüências em busca do ouro, custasse o que custasse isso em pilhagens e mortes.

Houve a tomada da África, sangrenta, mas relativamente mais simples que, por exemplo a tomada da Índia, que envolveu muito mais guerras civis, invasões, revoluções, conquistas, anos de fome, combinações políticas e econômicas extraordinariamente complexas, outras ações rápidas e destrutivas. Na China, a Grã-Bretanha não só introduziu o ópio massivamente

trazendo-o de sua colônia hindu como fez a guerra para intoxicar toda a população com sua “Guerra do Ópio” e estabelecer seu domínio. Durante toda uma época o imperialismo era o imperialismo colonial.

Os versos de Camões cantando os feitos do navegador Vasco da Gama expressavam os sentimentos coloniais imperialistas que se mesclariam com uma nova classe nascente todos com uma sede de ouro incalculável. Aí estava o espírito que presidiu essa época.

*“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta”.*
(Luís Vaz de Camões: Os Lusíadas, Canto I, estrofe 3)

As grandes navegações, o saque e a pilhagem da África, da Ásia e das Américas foram o motor da concentração de capital e do desenvolvimento capitalista na Europa. Vasco da Gama chegou às Índias cortando o Mar Tenebroso pelo caminho do Cabo das Tormentas desbravado por Bartolomeu Dias. Colombo e Cabral ligaram as Américas ao Velho Mundo. E Fernão de Magalhães comprovando que a Terra é uma esfera amarrou as pontas da expansão dos povos europeus e do capital.

E o fizeram como relata um historiador português, Oliveira Martins. No dia 1º de outubro de 1502, “de que me lembrarei toda a minha vida!”, descreve horrorizado o piloto da nau de Vasco da Gama, os árabes conheceram o que a civilização europeia tinha a lhes oferecer de mais moderno. O encontro de Vasco da Gama com uma nau de mercadores árabes, que voltava de Meca, é assim descrito por um flamengo que ia a bordo:

“Tomamos uma nau de Meca, onde iam a bordo 300 passageiros, entre eles mulheres e crianças; depois de sacarmos mais de 12.000 ducados de dinheiro e pelo menos 10.000 de fazenda, o fizemos saltar com os passageiros que continha, por meio de pólvora, no 1º de outubro.” E continua: *“Satisfeito de si, o capitão (Vasco da Gama) rumou para Kalikodu. Mandou intimar ao rajá a expulsão de todos os mouros, que eram cinco mil famílias, das mais ricas da cidade; dizendo-lhe que qualquer criado de el-rei D. Manuel valia mais que ele, o rajá Samorim.; e que seu amo tinha*

poder para fazer de cada palmeira um rei! Como era de ver, o rajá recusou; e o capitão que, ao fundear, apresara um número considerável de mercadores no porto, mandou cortar-lhes as orelhas e as mãos, e, amontoados num barco, foram com a maré varar na praia, levando a resposta de Gama à recusa do aflito príncipe.

(...) A todos os mouros, assim justificados, mandou atar os pés, porque não tinham mãos para se desatarem, e para que se não desatassem com os dentes com paus lhes mandou dar neles que nas bocas lhes meteram para dentro, e foram assim carregados uns sobre os outros embrulhados no sangue que deles escorria e mandou sobre eles deitar esteiras e folhas secas e lhes mandou dar as velas para terra com o fogo posto, que eram mais de 800 mouros.” (História de Portugal, de Oliveira Martins)

Marx escrevendo sobre o esforço da Inglaterra para dominar a Índia explica que todas essas calamidades sucessivas na história de séculos da Índia destroçaram todo o tecido da sociedade hindu sem haver construído um novo que o substituísse de fato, deixando esta sociedade como uma espécie de sociedade Frankenstein, onde sobrevivem o passado, como o sistema de castas (que a Inglaterra “democrática” ajudou a preservar), com estruturas de aparência de um Estado moderno, onde, no século XXI, o atraso no campo, que ainda tem resquícios feudais e semif feudais, convive com um enorme desenvolvimento da informática e da eletrônica, numa sociedade capitalista dominada pelo capital financeiro internacional.

DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO

Falar da Índia nestes termos é o mesmo que explicava Trotsky no capítulo I

da “História da Revolução Russa” onde traça as linhas gerais do que se conhece hoje como a “Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado”.

Exemplo brutal desta situação é esta imagem encontrada no interior do Maranhão. Uma choça de pau a pique e palha com uma mesa de bilhar e uma antena parabólica ligada a uma TV de tela plana e uma parabólica com programas do mundo inteiro, lá dentro todos dormem em redes, não há camas. Uma família de 14 pessoas vive ali sem água encanada, sem serviços de esgoto, com sanitários a céu aberto cercados de galhos e palha;

O que é isso? É o programa de energia elétrica do governo Lula². Eles financiam, também, a televisão. Isso é o imperialismo puro e desenvolvimento desigual e combinado. É a produção artificial de uma necessidade para a produção de mercadorias e sua acumulação do capital.

Alguns quilômetros a frente se encontra uma cidadezinha e na rádio com um alto-falante na rua, de uma porta que parecia de um bar, mas era uma igreja evangélica onde se ouvia “...porque nós, aqui em Israel, estamos vendo agora o rio Jordão e o batismo dos cristão...”. Era um pastor transmitindo pelo rádio uma peregrinação a Israel diretamente para a aldeia no interior do Maranhão.

Já Marx mostra, e é importante destacar porque é um elemento da Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado, que, para dominar as colônias, saquear essas colônias, para realizar a acumulação do capital nos países da Europa era necessário, de alguma maneira, que os dominadores estabelecessem e construíssem algo nesses países dominados, e que ao fazer isso provocassem por si só, um desenvolvimento relativo nesses países. E em cada região do planeta este “investimento” teve que ser diferente

e, portanto, deixou traços e marcas diferentes imprimindo diferentes níveis de desenvolvimento e de industrialização nos países dominados.

As ferrovias jogaram um papel importante nisso tudo, por exemplo, na Índia e mesmo no Brasil.

A Guerra do Contestado (1912 a 1916), no sul do Brasil, que foi a maior guerra camponesa da América do Sul, foi provocada inteiramente pela construção de uma ferrovia ligando São Paulo a Porto Alegre. Empreendimento realizado pela *Brazil Railway Company*, do grupo norte-americano de Percival Farquar. Essa guerra horrorosa foi uma guerra de resistência dos camponeses da região contra a tomada de terras cedida pelo governo numa faixa de 15 km de cada lado da ferrovia para que a empresa explorasse madeira. O resultado foram quatro anos de guerra, mais de 10 mil mortos entre os camponeses, 3 mil entre o exército, as milícias mercenárias da empresa e seus aliados, os fazendeiros latifundiários.

O resultado da Guerra do Contestado deixou um saldo de imensa pobreza na região, mas o surgimento da ferrovia integrou e permitiu o desenvolvimento econômico da região sul. Então, é um desenvolvimento contraditório e é o que Marx explica nos seus textos sobre o colonialismo.

Que o desenvolvimento poderia ser feito de outra maneira, não se discute, mas esperar da burguesia que ela haja de outra maneira é acreditar que é possível benzer o diabo. A verdade é o que se lê no capítulo XXXI, de O Capital:

“Se, como diz Augier, foi «com manchas de sangue numa das faces que o dinheiro veio ao mundo», o capital chegou até nós suando sangue e lama por todos os poros.” (A Acumulação primitiva do Capital)

A partir dessas análises é que Marx constata que a construção do mercado mundial está realizada, qual o sistema social que controla tudo, qual é a situação das forças produtivas na sociedade capitalista e de como isso vai se desenvolver. Independentemente do fato de que restem em inúmeras regiões do mundo traços e mesmo sistemas feudais regionais. Serão como cancrios do passado subsistindo, inclusive por interesses imperialistas, num sistema capitalista global. Por isso, para Marx, as revoluções a serem realizadas pelas forças do futuro seriam proletárias e não burguesas. Nem mesmo as tarefas burguesas e democráticas ou nacionais realizadas no passado pela burguesia revolucionária podem mais ser realizadas pelos burgueses. Essa tarefa está transferida, por razões históricas,



A última palavra da tecnologia imperialista com níveis de atraso coloniais (Foto SG)

Reprodução de foto do arquivo do exército onde rebeldes são presos
Foto: Celso Junior/AC



econômicas e políticas para as mãos da classe operária internacional.

Hoje, os devastadores efeitos da indústria imperialista e do capital financeiro que controla a produção mundial, são evidentes e aterradores em todo o planeta, mas esses efeitos não são mais que o resultado orgânico do desenvolvimento histórico e político de todo o atual sistema de produção.

A produção descansa sob domínio supremo do capital e a centralização do capital é indispensável para a sua própria existência como capital. Os efeitos dessa centralização sobre os mercados do mundo não fazem mais que demonstrar, em proporções gigantescas as leis orgânicas e o momento vivido pela economia política vigente na atualidade para qualquer cidade civilizada. O período burguês da história foi chamado para estabelecer as bases materiais num mundo a desenvolver, num intercâmbio universal baseado na dependência mútua do gênero humano e nos meios para realizar esse intercâmbio e assim desenvolver as forças produtivas do homem transformando a produção material em domínio científico sobre as forças da natureza no interesse de toda a humanidade. É o que o capitalismo na época imperialista não pode mais fazer porque seus limites são dados pelo regime da propriedade privada dos meios de produção e pela existência dos Estados Nacionais, aos quais o capitalismo deve sua vida.

A indústria e comércio burguês vão criando essas condições materiais de um novo mundo, do mesmo modo como as revoluções geológicas criaram a terra. Mas, a apropriação privada pelos burgueses deste imenso trabalho socialmente realizado pelo proletariado internacional impede o surgimento desta nova era para a espécie humana e por isso "somente quando uma

grande revolução social se apropriar das conquistas burguesas, o mercado mundial e as modernas forças produtivas (...) somente então o progresso humano terá deixado de assemelhar-se a esse horrível ídolo pagão que só bebia o néctar no crânio do sacrificado" (K. Marx, O Capital)

Essa passagem do Marx é importante, porque ele viveu numa época, e morreu, antes do período que conhecemos como período da constituição do capital financeiro que se situa no final do século XIX e se estabelece definitivamente no início do século XX. Mas, para o Marx, as leis do capitalismo e sua lógica já mostravam todo o desenvolvimento futuro e explicavam que a concentração de capital é orgânica do modo de funcionamento do capital e que essa concentração leva ao estabelecimento do mercado mundial. E a concentração de capital em um sistema que se prepara para ser substituído por um novo sistema mais desenvolvido, o socialismo, que é o que o Engels vai chamar de fim da pré-história e início da verdadeira história da Humanidade.

É o que Lenin analisando o desenvolvimento do capitalismo, depois de Marx, vai sintetizar em:

"O capitalismo se transformou num sistema universal de opressão colonial e de asfixia financeira da imensa maioria da população do globo por um punhado de países 'avançados'. E a partilha deste 'saque' faz-se entre duas ou três aves de rapina, com importância mundial, armadas até os dentes (...) que arrastam consigo toda a terra na sua guerra pela partilha de seu saque." (V. Lenin, Imperialismo, fase supremo do capitalismo)

Lenin partindo de Marx e com os estudos, em particular, de dois

economistas, o inglês Hobson e Hilferding, antigo "marxista" austríaco, estabelecem o que é que os marxistas consideram como o imperialismo, "Época da fusão do capital bancário com o capital industrial e surgimento do capital financeiro", a "era das guerras e das revoluções" onde "as particularidades políticas do imperialismo são a reação em toda a linha e a intensificação da opressão nacional - consequência da opressão da oligarquia financeira e da supressão da livre concorrência".

Isso é precisamente o que significa imperialismo para o marxismo. Não existem "imperialismos militares", "imperialismos burocráticos" ou "imperialismos coloniais" que não sejam apenas traços das potências do capital financeiro internacional. Imperialismo desde a época de Lenin significa dominação do capital financeiro sobre o conjunto da economia capitalista e reação em toda linha. E a base histórica e original para o surgimento dos países imperialistas foi o surgimento e desenvolvimento de uma burguesia que constituiu os Estados nacionais como se conhece hoje, criou raízes nacionais e populares criando e desenvolvendo um mercado interno de massas e depois lançando-se a conquista das colônias e acrescentando sua riqueza. Essa burguesia imperialista criou e manteve laços profundos em seus próprios países porque foram parte constituinte do desenvolvimento das forças produtivas em sua época. Por isso nos países imperialistas os partidos burgueses têm ou tinham verdadeiras bases políticas e de massa.

No século XIX, e antes, a palavra imperialismo era utilizada como sinônimo de imperialismo colonial, ou seja, aquele que domina uma determinada colônia, países ou povos de forma direta, saqueia, pilha e se apropria das riquezas locais etc. O imperialismo, no sentido colonial, aparece em diferentes expressões, mas a essência é sempre a mesma. São as Américas com as plantations, são os saques da Índia, da região do Pacífico, da África, enfim, a dominação imperial colonial clássica.

Lenin explica que:

"A política colonial e o imperialismo já existiam antes da fase mais recente do capitalismo e até antes do capitalismo. Roma, baseada na escravatura. Mantém uma política colonial e exerceu o imperialismo. Mas as considerações 'gerais' sobre o imperialismo, que esquecem ou relegam para segundo plano as diferenças radicais entre as formações econômico-sociais, degeneram inevitavelmente em trivialidades ocas ou em jactâncias,

tais como a de comparar 'a grande Roma com a Grã-Bretanha'. Mesmo a política colonial capitalista das fases anteriores do capitalismo é essencialmente diferente da política colonial do capital financeiro." (Imperialismo, fase superior do capitalismo)

Mas, a partir da definição de Lenin não é mais ao imperialismo de anexações, se podemos falar assim, a que os marxistas se referem quando falam de imperialismo dominando o mundo. Mesmo que continuem, por vários anos, os países imperialistas a controlar suas colônias, pilhar e saquear do modo, digamos, tradicional, como era no tempo de Lenin e continuou até cerca de metade do século XX. Mas, o controle das colônias e semicolônias já está condicionado pelos interesses do capital financeiro, que controla o mercado mundial.

A ideia de que, hoje em dia, um país que invade e anexa outro está automaticamente revelando seu caráter imperialista é uma ideia profundamente errônea. Tanto quanto imaginar que a ocupação de uma grande região curda faz da Turquia um país imperialista ou semi-imperialista. Aliás, Lenin combate, em seu livro, exatamente esta concepção de Kautsky sobre o que seria o imperialismo. No capítulo 7 ele afirma:

"O imperialismo é uma tendência para as anexações; eis a que se reduz a parte política da definição de Kautsky. É justa, mas extremamente incompleta, pois no aspecto político o imperialismo é, em geral, uma tendência para a violência e para a reação. Mas o que neste caso nos interessa é o aspecto econômico que o próprio Kautsky introduziu na sua definição. As inexatidões da definição de Kautsky saltam à vista. O que é característico do imperialismo não é precisamente o capital industrial, mas o capital financeiro. Não é um fenômeno casual o fato de, em França, precisamente o desenvolvimento particularmente rápido, do capital financeiro, que coincidiu com um enfraquecimento do capital industrial, ter provocado, a partir da década de 80 do século passado, uma intensificação extrema da política anexionista (colonial). O que é característico do imperialismo é precisamente a tendência para a anexação não só das regiões agrárias, mas também das mais industriais (apetites alemães a respeito da Bélgica, dos franceses quanto à Lorena), pois, em primeiro lugar, estando já concluída a divisão do globo, isso obriga, para fazer uma nova partilha, a estender a mão sobre todo o tipo de territórios; em segundo lugar, faz parte da própria essência

do imperialismo a rivalidade de várias grandes potências nas suas aspirações à hegemonia, isto é, a apoderarem-se de territórios não tanto diretamente para si, como para enfraquecer o adversário e minar a sua hegemonia (para a Alemanha, a Bélgica tem uma importância especial como ponto de apoio contra a Inglaterra; para a Inglaterra, tem-na Bagdá como ponto de apoio contra a Alemanha etc.). Kautsky remete-se particularmente - e repetidas vezes - aos ingleses que, diz ele, formularam a significação puramente política da palavra 'imperialismo', no sentido em que ele a entende. Tomamos o inglês Hobson e lemos no seu livro 'O Imperialismo', publicado em 1902:

'O novo imperialismo distingue-se do velho, primeiro porque, em vez da aspiração de um só império crescente, segue a teoria e a prática de impérios rivais, cada um deles guiando-se por idênticos apetites de expansão política e de lucro comercial; segundo, porque os interesses financeiros, ou relativos ao investimento de capital, predominam sobre os interesses comerciais.' Como vemos, Kautsky não tem de fato razão alguma ao remeter-se aos ingleses em geral (os únicos a que poderia remeter-se seriam os imperialistas ingleses vulgares ou os apologistas declarados do imperialismo). Vemos que Kautsky, que pretende continuar a defender o marxismo, na realidade dá um passo atrás em relação ao social-liberal Hobson, o qual tem em conta, com mais acerto do que ele, as duas particularidades "históricas concretas" (Kautsky, com a sua definição, troça precisamente do caráter histórico concreto!) do imperialismo contemporâneo: 1) concorrência de vários imperialismos; 2) predomínio do financeiro sobre o comerciante. Se o essencial consiste em que um país industrial anexa um país agrário, então atribui-se o papel principal ao comerciante." (Imperialismo, fase superior do capitalismo)

A ideia de que qualquer anexação de território por um país o torna um país imperialista é muito comum, é o senso comum. A oposição pequeno-burguesa de Shachtmann no SWP norte-americano, em 1939, imediatamente acusou a URSS de imperialista quando ela invadiu a Finlândia em novembro de 1939. Trotsky demoliu esta afirmação explicando que imperialismo era a dominação do capital financeiro e que o caráter da invasão da Finlândia não tinha nada a ver com isso pois se tratava de um Estado Operário, a URSS, mesmo que burocratizado. Ou seja, Trotsky, como Lenin, recusa a concepção de que anexações são expressão de imperialismo. O que

não quer dizer que eventualmente o imperialismo não possa anexar territórios, mas não é o que vemos atualmente. Isso foi o passado.

Uma mudança política vai se concretizando, a força, sob o chicote das revoluções coloniais, durante o século XX, de diferentes maneiras e formas, determinando o fim das colônias e semicolônias e o surgimento de uma série de países que, formalmente, conquistaram sua independência política sem, entretanto, deixarem de ser semicolônias, com estados semicoloniais, dominadas por diferentes imperialismos. A África, a Ásia e a América Latina são exemplos, em diferentes níveis e formas, de independência política formal e de profunda submissão das classes dominantes nativas aos interesses imperialistas. O Brasil com a Grã-Bretanha e a França primeiro e com os EUA, depois, assim como a Argentina com a Grã-Bretanha e os EUA, depois. Os Estados formalmente independentes que aí surgem são sempre Estados bastardos, com democracia apenas de fachada. Esta é também a razão por que os países destes continentes vivem em revolta contra o imperialismo e seus serviços locais.

O domínio do capital financeiro é neste caso a definição fundamental. O sentido da palavra imperialismo muda de caráter para significar que se estabelece o capitalismo em seu grau mais desenvolvido, a partir do desenvolvimento industrial e dos bancos e a consequente fusão do capital bancário e industrial criando o capital financeiro. E essa fusão vai acontecer na medida que a indústria capitalista se desenvolve ao nível em que vai concentrando o capital nos monopólios.

Monopólios, como se sabe, são determinadas empresas ou grupos de empresas que dominam completamente um setor da economia, ou uma região e, portanto, tem a capacidade de ultra valorizar seu capital até os limites da sobrevivência do próprio sistema através do controle daquele mercado.

Os bancos, também foram, junto com as indústrias, se desenvolvendo e se concentrando, porque os bancos, a indústria, qualquer tipo de empresa, estão submetidas às leis gerais do capital e sua alma é a busca por se valorizar, ou seja, se reproduzir com mais valor.

A medida que os bancos e as indústrias vão se valorizando e concentrando capital isso acontece no conjunto do mercado mundial e na medida que a indústria começa a atingir colônias, a produzir mais para vender na colônia ou para vender mais dentro do mercado interno, como Marx disse a

indústria, o modo de produção capitalista, precisa se revolucionar permanentemente senão morre. Então, precisa desenvolver a tecnologia, a técnica. Isso exige, em determinado momento, muito mais capital do que aquilo que é o desenvolvimento, digamos, vegetativo da indústria e do mercado. Então, em determinado momento ele precisa do dinheiro do banco e, nesse caso, o empréstimo bancário passa a ter um outro caráter.

À medida que o banco começa a financiar o desenvolvimento da indústria evidentemente, começa não só a conhecer o funcionamento e as possibilidades da indústria, como ele começa a poder interferir na indústria, porque, afinal, é o dinheiro dele que está lá emprestado, e Lenin vai mostrar com dados abundantes até que grau isso se desenvolveu.

No final do século XIX e início do século XX o capital industrial e o capital bancário se entrelaçaram de tal maneira que a diretoria dos bancos e das empresas são compostas por capitalistas dos bancos e das empresas, de acionistas, e uma outra parte, que é necessária e que faz parte da necessidade orgânica de desenvolvimento de capitalismo a partir de um determinado momento, que é o entrelaçamento com a alta burocracia do estado burguês. Marx e Engels tem toda razão quando afirmam que “o Estado burguês não é mais do que um comitê central dos negócios da burguesia”.

No conselho de administração de todos os bancos, de todas as grandes empresas, sempre se acha um ex-presidente, um ex-ministro da fazenda, um ex-ministro de relações internacionais, ou ex-ministro da indústria e comércio etc., porque os homens do governo, após se desligarem, vão direto para a cúpula das corporações industriais e bancárias. Eles são a chave do caminho para o dinheiro público e para as grandes decisões que afetam a economia.

No governo argentino do aventureiro Macri³, temos um exemplo extraordinário de como isso se dá nos dois sentidos, homens de governo indo para as cúpulas de bancos e empresas e homens dos bancos indo para os governos:

“Já o Financial Times diz que a 'Argentina recupera sua relação com Wall Street', em que explica da mesma maneira as novas relações do governo argentino com o mercado financeiro internacional.

O fato é que, nomeados pelo novo presidente Mauricio Macri, ex-executivos de bancos internacionais assumiram diretamente postos

estratégicos na estrutura do governo. Eles são 27 executivos e trabalharam em Wall Street. São executivos saídos diretamente dos bancos e Fundos de Investimento internacionais.

Agora, estão no Ministério da Fazenda e Finanças, no Banco Central, na Comissão Nacional de Valores, Ministério de Seguridade Social e Previdência (ANSES), na Unidade de Informação Financeira (que investiga lavagem de dinheiro e financiamento do terrorismo), YPF (Petroleira estatal), Banco Nación (equivalente ao Banco do Brasil), no Ministério de Desenvolvimento Social e outros setores importantes.

Normalmente os governos burgueses dos países atrasados e dominados, como Argentina e Brasil, colocam alguns homens do mercado financeiro em alguns postos do governo. E dali estes fazem seu lobby, “aconselham” e “informam” os funcionários públicos de como o “Mercado” espera que atuem. Só que dessa vez foi como uma tomada de governo. Eles vieram com tudo e foram colocados diretamente no controle dos principais organismos estatais. (...)

O JP Morgan é o que tem mais gente no governo, com quatro executivos. Os outros são do Goldman Sachs, Morgan Stanley, HSBC, Citi, Deutsche, Chase, Barclays, Merrill Lynch. Dos bancos argentinos apenas o Banco Galicia conseguiu por gente sua no governo.”⁴

No Brasil, para não ser exaustivo, citamos apenas alguns dos últimos senhores do mercado financeiro que dirigiram a economia nos últimos anos. O especulador Armínio Fraga Neto foi presidente do Banco Central do Brasil no governo FHC. É economista brasileiro naturalizado norte-americano. É sócio-fundador da Gávea Investimentos. De onde veio?

Fraga é, ou já foi, membro de diversas organizações internacionais incluindo o Group of Thirty (Grupo dos Trinta), o Conselho Internacional do banco JP Morgan, o Conselho do China Investment Corporation, o Council on Foreign Relations (Conselho de Relações Internacionais), a Junta de Assessores ao Presidente do Foro de Estabilidade Financeira, a Junta Assessora de Pesquisas do Banco Mundial, o Diálogo Interamericano e a Junta de Diretores de Pro-Natura Estados Unidos.

Henrique Meirelles foi presidente do Banco Central do Brasil, cargo que ocupou de 2003 a 2011, durante o Governo Lula, após deixar a presidência internacional do Bank of Boston, foi Chairman do Lazard Américas, banco de investimento sediado em Nova York, conselheiro sênior da Kolberg, Kravis and Roberts (KKR), uma empresa global de investimentos, membro do

Conselho da Lloyd's of London, empresa global de seguros, membro do conselho consultivo da J&F Investimentos, membro do Conselho de Administração da Azul Linhas Aéreas Brasileiras e Ministro da Fazenda no Governo Michel Temer, entre outros.

Pedro Parente participou dos governos de José Sarney, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso e no governo de Michel Temer foi como presidente da Petrobras.

Foi consultor do Fundo Monetário Internacional (FMI) nos Estados Unidos da América. Foi secretário executivo do Ministério da Fazenda. Durante a presidência de FHC foi Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, depois foi chefe da Casa Civil da Presidência da República até 2003. Quando sai do governo vira vice-presidente do Grupo RBS. Após assume a presidência da Bunge Brasil, mais tarde é presidente-executivo da BRF S.A. (“Brazilian foods”). É proprietário da Prada Assessoria, que faz a gerência de fortunas de cerca de 20 multibilionárias famílias brasileiras. A lista é interminável.

IMPERIALISMO, ESTADO E CORRUPÇÃO

Quando se fala de corrupção hoje, estamos falando disso, muito além da apropriação individual ou corporativo do dinheiro público, deste entrelaçamento de todos os participantes do jogo burguês da economia e da política. Empresas, bancos, instituições estatais e os partidos políticos burgueses ou adaptados ao capitalismo, todos estão interligados num jogo chamado dinheiro e isto exige também a pilhagem cada vez maior da classe trabalhadora e de todos os explorados e oprimidos. Por que a corrupção, que sempre existiu nas cúpulas políticas capitalistas, chegou ao grau de pandemia internacional na atualidade?

É uma fusão completa entre o capital privado e o funcionamento do Estado. O capitalismo não pode funcionar sem a muleta forte do aparato do Estado diretamente, apesar de todos os gritos de “livre mercado, livre mercado”, “tirem o Estado da economia”. Tirar o Estado da economia, para os capitalistas, quer dizer o seguinte: entreguem à classe burguesa todos os ativos, tudo o que tem valor e depois continuem financiando com dinheiro público as empresas quando der tudo errado, porque, afinal, se a empresa quebrar o trabalhador vai ficar desempregado. Isso é o que eles imaginam como livre comércio, como independência da propriedade privada e do mercado capitalista em relação ao Estado. Por isso inventaram o capitalismo de salvação onde há “empresas

muito grandes para quebrar”, exemplo maior do cinismo e hipocrisia que se passou de forma concentrada com a crise iniciada em 2008.

Lenin considera que a fusão do capital industrial e do capital bancário entrega o domínio da economia ao capital financeiro e que o imperialismo passa a ser o imperialismo do capital financeiro, onde este, que é a fusão da indústria monopolizada com os bancos monopolizados, tem uma necessidade de se valorizar exportando capital. Então, não se trata mais de ir para a Índia ou para o Brasil saquear as riquezas naturais. Isso vai continuar, obviamente, mas numa nova fase sob o domínio do capital financeiro internacional controlando preços, deslocamentos, produção etc.

A ditadura militar assumiu o controle do Brasil, em 1964, com uma dívida externa muito pequena e a transformou na maior dívida externa do mundo ao final de 20 anos. Ela recebia empréstimos do imperialismo alemão, americano, inglês, ou dos grandes conglomerados financeiros internacionais, para construir obras inúteis ou superfaturadas como a Transamazônica, a Ponte Rio-Niterói etc. Mas, atenção, junto com os empréstimos, todos os imperialistas negociam, desde os tempos do Marx, cláusulas que estipulam que quem emprestava iria comprar os produtos para fazer aquela ponte ou aquela ferrovia do país credor.

No livro sobre o imperialismo, Lenin relata:

“Num relatório do cônsul austro-húngaro em São Paulo (Brasil) se diz: ‘A construção dos caminhos-de-ferro brasileiros realiza-se, na sua maior parte, com capitais franceses, belgas,

britânicos e alemães; os referidos países, ao efetuarem-se as operações financeiras relacionadas com a construção de caminhos-de-ferro, reservam-se as encomendas de materiais de construção ferroviária!’”

Ou seja, eles exportavam o capital para financiar obras, ganhavam na venda dos produtos que é comprado com o dinheiro do empréstimo e depois ganham com os juros da Dívida Externa. Então, é uma dupla valorização do capital. Isso conduz, obviamente, a um sistema de corrupção endêmica nos países atrasados. Por isso no Brasil, México, Argentina, Peru, Equador, Bolívia, Venezuela, todos, os Estados são inteiramente corruptos.

As definições fundamentais do que é o imperialismo para Lenin incluem:

- “1) a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica;
- 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse “capital financeiro” da oligarquia financeira;
- 3) a exportação de capitais, diferente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande;
- 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si;
- 5) o termo da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes. O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital

financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes.”

Como para Lenin uma das questões determinantes para a definição do que é imperialismo é o capital financeiro, muitos se confundem porque há países que tem muitas reservas, muito dinheiro, e passam a considerar que todo país que tem muito dinheiro acumulado é por isso mesmo um país imperialista. Isso é uma incompreensão do sentido da utilização do capital e das relações estabelecidas entre as diferentes burguesias em escala planetária. Ter dinheiro não faz da Arábia Saudita ou do Qatar países imperialistas mesmo se eles têm interesses em outras regiões e países e financiam o terror e diferentes grupos ultraracionários fora de casa. Gangsters são gangsters independentemente da quantidade de riqueza que pilharam. Estas monarquias reacionárias agem por seus próprios interesses, e para sobreviver dentro de sua própria casa, e participam do cassino financeiro internacional, mas sempre no quadro dos interesses dos imperialismos dominantes no mundo. O que não quer dizer que não tenham interesses próprios e que entrem em rugas e choques com o grande patrão.

Uma das características do mundo em que vivemos é o fato de que o capital financeiro se expressa através das diferentes burguesias nacionais dos países capitalistas avançados, ou seja, através dos diferentes imperialismos. E a origem destes diferentes imperialismos são os diferentes Estados Nacionais e suas burguesias locais, que como classe tem profundas raízes nacionais.

Dívida externa brasileira em US\$ (1970-1985)

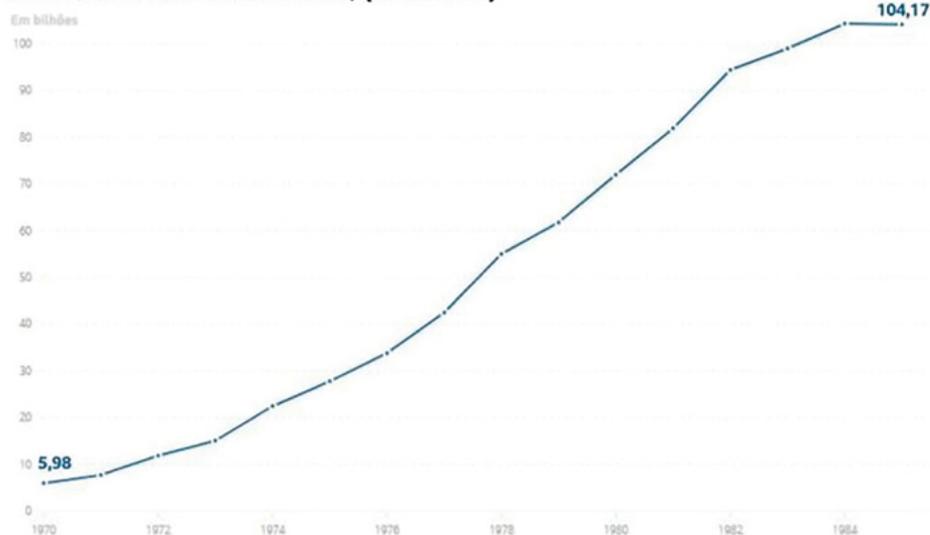


Gráfico da dívida externa de 64 a 85

Fonte: Banco Mundial

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Comunas chamavam-se na França as cidades nascentes, mesmo antes de conquistar a autonomia local e os direitos políticos como terceiro estado, libertando-se de seus amos e senhores feudais. De modo geral, considerou-se aqui a Inglaterra país típico do desenvolvimento econômico da burguesia, e a França país típico de seu desenvolvimento político. (Nota de F. Engels à edição inglesa de 1888). Assim, os habitantes das cidades, na Itália e na França, chamavam suas comunidades urbanas, uma vez comprados ou arrancados aos senhores feudais os seus primeiros direitos a urna administração autônoma. (Nota de F. Engels à edição alemã de 1890).

² Refere-se aos governos Lula/Dilma de 2002 a 2016.

³ Presidente da Argentina de 2015 a 2019

⁴ Disponível em: marxismo.org.br/content/wall-street-assume-governo-argentino/, publicado em 15/06/2016)



CONQUISTA DE MEXICO POR CORTES. N. 7

TEMPO DE REVOLUÇÃO

O jornal Tempo de Revolução é o Órgão do Comitê Central da Esquerda Marxista e traz em suas páginas relatos das lutas dos trabalhadores do Brasil e do mundo, análises da situação política, teoria marxista e muito mais.

Assinatura Impressa+Digital: R\$ 70,00

(Receba o jornal impresso em casa e a versão digital no e-mail e WhatsApp)

Assinatura Digital: R\$ 60,00

(Receba a versão digital no e-mail e WhatsApp)



Acesse www.livrariamarxista.com.br
ou utilize o QR Code para fazer
sua assinatura!

